A VIDA DEPOIS DA VIDA

— CONVERSAS COM REENCARNADOS —

THORWALD DETHLEFSEN

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

A Vida Depois da Vida

Conversas com Reencarnados, 1974

Thorwald Dethlefsen

Índice

- O Choque
- A Descoberta da Realidade
- A Aplicação da Realidade
- O Caminho

Dedico este livro, com gratidão, ao meu professor Wolfgang Döbereiner.

O Choque

«Não é mais surpreendente nascer duas vezes do que uma. Tudo na natureza é ressurreição.» — Voltaire

No dia 3 de junho de 1968, reuni-me com alguns conhecidos num apartamento em Munique. Queríamos passar um serão agradável e realizar alguns experimentos psíquicos. Eu não podia suspeitar que este serão viria a ser decisivo para a minha vida, pois estas noites de segunda-feira serviam apenas para o nosso entretenimento. Não esperávamos mais do que isso.

Como sempre, contribuí com alguns experimentos de hipnose. Pedi aos presentes que fechassem os olhos, que relaxassem por completo e que se concentrassem unicamente nas minhas palavras monótonas. Passados poucos minutos, vi que duas pessoas tinham caído num sono hipnótico profundo: o Sr. Rudolf T., um estudante de engenharia de vinte e cinco anos, que meses antes já se revelara um bom médium, e uma jovem senhora, que participava pela primeira vez.

As restantes pessoas de teste, em parte ainda acordadas, em parte já num estado de leve sonolência, foram excluídas por mim nesse momento, a fim de me poder concentrar nos meus dois melhores médiuns. Planeei uma *age regression*.

Por este termo entende-se um procedimento que consiste em conduzir as pessoas, sob hipnose, a uma idade anterior da vida. Neste estado, a respetiva pessoa de teste sabe pormenores que, entretanto, já esquecera há muito; por outro lado, tudo o que viveu, aprendeu e experienciou após o ponto ao qual foi reconduzida encontra-se completamente apagado. A pessoa de teste comporta-se e age de forma correspondente à idade de então, e escreve com a caligrafia que utilizava na época.

A regressão em hipnose não significa que a pessoa de teste se lembre de períodos anteriores da vida de forma extremamente clara, mas sim que os revive, com todos os estados de espírito e sentimentos de outrem. Assim, se se reconduzir um homem de quarenta anos à idade de oito anos, ele escreve com a caligrafia que usava aos oito anos, comete os mesmos erros ortográficos de então e não sabe qual é a raiz quadrada de nove, mesmo que, entretanto, se tenha tornado professor de matemática. O facto de não se tratar aqui, como frequentemente se supõe, de uma imitação a partir da memória ou algo semelhante, é demonstrado por investigações experimentais em institutos científicos de vários países:

W. H. Roberts e D. Black constataram, num caso de miopia, que o indivíduo hipnotizado sentia uma melhoria da sua maleita após uma regressão a uma idade anterior. Durante este ensaio, a pessoa de teste foi examinada. Verificou-se que os movimentos oculares se alteravam e se adaptavam à respetiva idade. Quando se sugeriu à pessoa de teste a idade de poucos meses, as fendas palpebrais começaram a contrair-se e os globos oculares moveram-se em direção um ao outro e afastaram-se entre si. Estes movimentos oculares não associados são típicos de uma criança recém-nascida e não podem ser simulados voluntariamente por um adulto.

4 Jahre:

7 Jahre: Hans Heribert

9 Jahre: Heribert

12 Jahre: Herbert

14 Jahre: Herbert

17 Jahre: Heribert

"Estas assinaturas foram escritas por uma pessoa participante durante uma sessão de hipnose, nas diferentes idades de vida que lhe foram sugeridas."

6 Jahre: Reinhard Vo el

7 Jahre: Reinhard Vogel Veilchen

8 Jahre: Reinhard

10 Jahre: Reinhard

12 Jahre: Reinhard

15 Jahre: Reinhard

18 Jahre: Reinhard παιδεύω

"Estas assinaturas foram escritas por uma pessoa participante durante uma sessão de hipnose, nos diferentes estádios etários que lhe foram sugeridos."

Comecei, portanto, neste dia 3 de junho, por dar às minhas pessoas de teste a ordem hipnótica de recuarem cada vez mais nas suas vidas, sem olhar ao tempo real, simplesmente recuando cada vez mais. Em alguns pontos marcantes parava e fazia perguntas, como por exemplo pelo nome da escola e dos professores, a qual dia da semana correspondia uma determinada data, que presentes tinham recebido no décimo, oitavo ou sexto aniversário, que vestido a mãe tinha usado nesses aniversários, etc. Os médiuns respondiam, tentavam resolver os problemas de cálculo apresentados e, por fim, sob ordem, escreviam os seus nomes e outras palavras com a caligrafia da sua idade sugerida.

Nesse momento, ocorreu-me uma ideia louca. Perguntei-me: será que se tem de interromper a regressão de idade necessariamente pouco antes do momento do nascimento? Se sim, porquê? Se não — para onde levaria um retrocesso maior no eixo do tempo? Dever-se-ia simplesmente tentar algo assim? O que poderia acontecer? Existiriam perigos para o médium? — Onde começa a vida humana? No nascimento? Certamente que não! No útero materno? Talvez! Mas quando? Qual é o ponto em que a vida individual começa?

De repente, tornou-se claro para mim que o método da regressão hipnótica de idade teria de ser, provavelmente, o único a conduzir a uma resposta inequívoca a todas estas perguntas. Ao mesmo tempo, sabia que nesta noite não iria interromper a regressão no nascimento — queria ir mais longe — romper a barreira do nascimento —; com o que e para onde iria deparar, de facto não sabia, mas queria desbravar terreno novo. Queria tentar conversar com um embrião!

Voltei-me novamente para os meus médiuns que, reconduzidos aos seis anos, dormiam calma e profundamente: «Tendes seis anos — vamos recuar mais — tendes quatro anos — tendes dois anos — vamos recuar mais na vossa vida — o tempo não desempenha qualquer papel para nós — tendes um ano — vamos recuar mais — hoje é o dia do vosso nascimento... relatai-me as vossas impressões!»

A menina P. permaneceu em silêncio, mas Rudolf T. começou a falar, respirando de forma pesada e profunda:

«Bastante claro e frio.»

Sugeri:

«Vamos recuar ainda mais um pouco — estamos muito pouco antes do teu nascimento — o que sentes — que impressão tens?»

«É bastante estreito.»

«Consegues ver alguma coisa?»

«Não.»

«Vamos recuar mais dois meses! Diz-me, o que sentes, o que percebes?»

«Nada... Nada!»

«Vamos recuar ainda mais — vamos recuar um ano inteiro! Onde te encontras?»

«Não sei!»

«Está claro ou escuro?»

«Não vejo nada; tudo está tão vazio!»

«Diz-me o teu nome!»

«Não tenho nenhum!»

«Em que ano estamos?»

«Não sei!»

«Vamos agora recuar ainda mais, e concretamente até que depares com um acontecimento marcante que possas relatar e descrever com precisão. Dir-me-ás então o que vês e onde estás — vamos recuar tanto no tempo até que depares com um acontecimento que se possa traduzir em palavras!»

O Sr. T. respira pesadamente — quase sem respirar, eu e os presentes fitamo-lo — como irá continuar — para onde nos levará este experimento? O Sr. T. começa a falar — com uma voz muito pressuposta:

«Sim, estou numa cave.»

«Onde fica essa cave? Em que localidade — em que cidade?»

«Wissembourg.»

«In welchem Land befindest du dich?»

(Nota de tradução: o trecho original em francês/alemão mantém a lógica da interrogação) «Em que país te encontras?»

«Em França.»

«Como te chamas?»
«Guy Lafarge!»
«Onde te encontras?»
«Na cave.»
«Em que rua fica essa cave?»
«Rue du Connetable!»
«Porque estás na cave?»
«Guerra.»
«Há guerra?»
«Sim.»
«Que tipo de guerra?»
«Contra os prussianos.»
«In welchem Jahr befinden wir uns?» «Em que ano estamos?»
«1870.»
«Quantos anos tens, afinal?»
«18 anos!»

O sonho e la realidade pareciam fundir-se. A dimensão do tempo alterava a sua direção habitual. Eu já não falava com o ser humano que estava sentado à minha frente, a saber, o Sr. T. — vinte e cinco anos, estudante de engenharia, residente em Munique —, mas sim com um senhor Guy Lafarge, de dezoito anos, residente em Wissembourg, testemunha ocular da Guerra Franco-Prussiana! O que tinha acontecido?

Estaria eu a ter uma visão? Certamente que não, pois os restantes vinte participantes fitavam o médium adormecido de forma igualmente fascinada como eu. Talvez o nosso médium se estivesse a divertir à nossa custa? Isso também mal se podia acreditar ao olhar para o Sr. T. — entretanto, na verdade, Monsieur Guy Lafarge: ele estava ali sentado, há mais de uma hora num sono hipnótico profundo, respirava pesadamente, respondia com palavras breves às minhas perguntas — uma brincadeira estava excluída, todos nós o sabíamos!

Mas isso significava: estávamos perante uma realidade que não se ajusta à nossa realidade.

Para resolver todas estas questões não tinha tempo agora. Como haveria de deixar o experimento continuar? Nisso o meu olhar pousou na menina P. Quase me tinha esquecido dela. Ela encontrava-se, de igual modo, ainda sob hipnose, pelo que teria também de vivenciar

todas as minhas palavras dirigidas ao Sr. T., mesmo que não desse qualquer resposta desde há algum tempo.

Decidi, portanto, levar o experimento ao fim pelo caminho mais curto. Ordenei aos meus médiuns que avançassem novamente no tempo, mais e mais. E respirei aliviado quando o meu médium, às minhas perguntas, se identificou novamente com o seu nome atual. Movia-me de novo dentro dos limites bem familiares do meu experimento de regressão.

Com cuidado, conduzi-o à sua idade real de vinte e cinco anos e acordei-o. Ambos os médiuns acordaram, olharam de forma algo espantada e desamparada ao redor do círculo de espectadores que os fitavam e mal queriam acreditar que tinham passado quase duas horas num sono hipnótico profundo.

O interrogatório revelou que não se conseguiam lembrar de nada do que acontecera e fora falado em hipnose.

A este fenómeno frequente chama-se amnésia total; é um indício da profundidade do sono hipnótico; após estados de hipnose leve e média, a amnésia total (ausência de recordação) não surge por si mesma, porém ocorre regularmente após estados sonambúlicos.

Obriguei o auditório a não mencionar uma única palavra sobre os experimentos perante o médium, porque queria repetir e continuar o experimento iniciado de recolocação numa vida anterior uma semana mais tarde, bem preparado e segundo um plano preciso, sem que o meu médium fosse informado sobre o conteúdo.

Com o mesmo médium, realizei então uma segunda sessão numa sala anexa de um hotel de Munique, com menos pessoas. No total, eram sete testemunhas. Desta vez, tinha uma lista de verificação detalhadamente planeada à minha frente e, desta vez, também uma fita magnética estava a gravar. Registou a seguinte conversa:

Protocolo

Guy Lafarge, nascido em 1852, falecido em fevereiro de 1880

Sessão de 10 de junho de 1968

H = Hipnotizador; M = Médium.

H: Hoje é dia 10 de junho de 1968, são oito e meia, estamos reunidos e a preparar um experimento de hipnose.

Para controlo estão presentes as seguintes pessoas: Peter W., Ursula W., Horst G., Rolf Sch., Rudolf S., Jörg Sch., o médium é o Sr. T., o hipnotizador é Thorwald Dethlefsen.

H: Dorme... muito profundamente — muito firmemente... O seu sono torna-se mais profundo — cada vez mais profundo — cada vez mais profundo se torna o seu sono... Sente-se bem — o seu corpo está relaxado — respira calma e uniformemente... Dorme profunda e firmemente... Vai dormir até que eu lhe dê a ordem expressa para acordar... durante esse tempo todo dorme profunda e firmemente... só quando eu lhe ordenar que acorde é que vai acordar — antes não... durante esse tempo todo vai dormir profunda e firmemente... Está totalmente sob a minha influência... Pode ouvir e sentir tudo o que eu lhe digo... Sente agora como fica mais quente — cada vez mais quente — fica quente... ainda mais quente... Começa a suar... O suor escorre-lhe da testa... A sua boca está seca... Tem de engolir... Fica ainda mais quente... Fica insuportavelmente quente... Está a suar... O seu suor corre da sua testa... Tente obter algum fresco... Está quente, terrivelmente quente... O calor diminui... Fica mais fresco... E agora a temperatura está agradável — sente-se bem... Dorme muito profundamente, muito firmemente... Vamos agora recuar na sua vida... O tempo não desempenha qualquer papel para nós... Tem 23 anos... Tem 20 anos... Tem 18 anos... Vamos recuar mais... Tem 16 anos... Responda-me, por favor, em que ano estamos?

M: Sessenta...

H: Quando nasceu?

M: 1943.

H: Que idade tem?

M: Dezasseis.

H: Em que ano estamos?

M: Cinquenta e nove.

H: Vamos recuar mais... Tem quinze anos... Tem catorze anos... Tem doze anos... Tem dez anos... A que escola vai?

M: À escola primária.

H: Em que localidade fica a escola?

M: Em Lemberg.

H: Em que classe andas?

M: Quarta (inalaudível).

H: Que idade tens?

M: Dez anos.

H: Vamos recuar mais. Tens oito anos... Tens seis anos... Hoje é o teu sexto aniversário. Hoje é o teu sexto aniversário, diz-me, que dia da semana é hoje?

M: *(respiração longa e pesada)*... Terça-feira (13/09/49 = Terça-feira!!!).

H: Vamos recuar mais... tens quatro anos... tens dois anos... tens um ano... Diz-me, onde te encontras?

M: No berço de verga.

H: Onde está esse berço?

M: No quarto de dormir.

H: Tens um ano... Consegues dizer-me algo sobre a tua saúde?

M: ... Estou curado outra vez.

H: Estiveste doente?

M: Sim.

H: O que tiveste, afinal?

M: Infeção no sangue... Tosse convulsa...

Pleuris (inflamação da pleura).

H: E como se chamava a clínica onde estiveste?

M: Clínica infantil.

H: Vamos recuar mais: hoje é o dia do teu nascimento... estamos precisamente no momento em que nasces... encontramo-nos diretamente no teu nascimento... relata-me as tuas impressões, por favor!

M: Bastante claro e frio.

H: Está claro e frio?

M: Sim.

H: Sentes mais alguma coisa?

M: Não.

H: Consegues indicar-me o local onde te encontras?

M: Não.

H: Vamos recuar mais um pouco... estamos muito pouco antes do teu nascimento... o que percebes, o que sentes, que impressões tens?

M: É bastante estreito...

H: Consegues ver alguma coisa?

M: Não.

H: Consegues sentir algo? Consegues dizer-me de que é feito o que te rodeia?

M: Não.

H: Vamos recuar mais... recuamos dois meses... diz-me, o que percebes, o que sentes?

M: Nada... nada.

H: Vamos recuar ainda mais... recuamos um ano inteiro... onde te encontras?

M: *(impercetível)* Não sei.

H: Consegues reproduzir quaisquer sentimentos ou impressões?

M: ... não...

H: Está claro ou escuro?

M: Não vejo nada!

H: Consegues tentar indicar o local onde estás?... pelo menos como é este local?

M: Tudo tão vazio...

H: Como definirias o estado em que te encontras?

M: ... hm... flutuante.

H: Tens quaisquer sensações?

M: Não.

H: Diz-me o teu nome!

M: Não tenho nenhum.

H: Que tamanho tens, aproximadamente?

M: Isso não sei.

H: ... em que ano estamos?

M: ... não sei.

H: Tens algum contacto com outros seres vivos, com outras pessoas, outros seres humanos, outras figuras?

M: Não.

H: Conheces a sensação de dor?

M: Não.

H: Consegues distinguir o claro do escuro?

M: *(palavra mais longa, ininteligível)*...

H: Vamos agora recuar ainda mais, e concretamente até que depares com um acontecimento marcante... que consideres digno de relato..., vais deparar com um acontecimento que se pode definir, que se pode relatar com mais precisão, e depois farás isso mesmo. Dir-me-

ás então o que vês e onde estás. Vamos recuar no tempo até depararmos com um acontecimento no teu ambiente que se possa traduzir em palavras com mais detalhe... Onde te encontras?

M: Ainda não sei.

H: Vamos recuar ainda mais.

M: *(respiração pesada)...*

H: Já encontraste alguma coisa? Que pudesses descrever?

M: ... Sim... siim...

H: Onde estás?

M: ... numa praça... praça do mercado.

H: Como se chama o local? Onde fica essa praça do mercado?...

M: ... *(sem resposta)*.

H: Diz-me o local! A cidade!... Nós vamos...

M: *(interrompe, não percetível)...*

H: Como?

M: Não sei!

H: En que país nos encontramos?

M: Em França.

H: Em que ano estamos?

M: ... 1870.

H: O que fazes nessa praça do mercado?

M: Eu vendo legumes.

H: Enumera-me lá o que vendes?

M: ... *(sem resposta)*.

H: Enumera, o que tens à tua frente, o que vendes?

M: Repolho branco.

H: Que mais?

M: Repolho roxo.

H: Também tens laranjas para vender?

M: Eh, o que é isso, laranjas?

H: Limões?

M: Não conheço.

H: Não conheces de todo limões?

M: Não.

H: E quanto custa um repolho branco?

M: Oito cêntimos.

H: Como te chamas?

H: ... diz-me o teu nome!
M: ... Guy.
H: Como?
M: Guy.
H: Esse é o teu nome completo?
M: Sim.
H: Soletra!
M: ... jê... u... ípsilon...
H: Esse é o teu nome próprio ou o apelido?
M: Jean... nome próprio!
H: Dicta-me, por favor! Soletra!
M: Nome próprio?
M: Sim.
M: ... n... o... m... e... p... r... ó... p... r... i... o...
H: Diz-me mais uma vez o teu apelido!
M: Não sei!
H: ... Conheces alguém que se chame Guy Lafarge?
M: Sou eu.
H: Esse é o teu apelido?
M: Sim.
H: Agora diz-me, por favor, como se chama o local onde estás agora?
M: ... *(sem resposta)*.
H: Conto até três, e depois saberás... um... dois... três.
M: Wissembourg.
H: Soletra, por favor!
M: W... i... s... s... e... m... b... o... u... r... g...
H: Tens irmãos?
M: Sim.
H: Quantos?
M: Dois.
H: Irmãos ou irmãs?
M: Ambos.
H: Tens um irmão e uma irmã?
M: Sim.
H: Como se chamam os teus irmãos? Como se chama o teu irmão?

M: Jean *(pronunciado em francês)*.
H: Como se chama a tua irmã?
M: ... Anne.
H: Que idade tens?
M: Dezoito.
H: Em que ano estamos?
M: 1870.
H: Quando nasceste?
M: 1852.
H: Que profissão tens?
M: Nenhuma.
H: Com que ganhas o teu dinheiro?
M: Com a venda de legumes e fruta.
H: Isso é uma loja ou uma banca?
M: É uma banca.
H: Essa banca pertence-te a ti ou aos teus pais?
M: Ao meu pai.
H: Como se chama o teu pai?
M: Jean.
H: A tua mãe?
M: Marie.
H: Marie?
M: Marie.
H: Dicta, por favor!
M: M... a... r... i... e.
H: Que escola frequentaste?
M: Nenhuma...
H: Não frequentaste escola nenhuma?
M: Não.
H: Sabes escrever?
M: Sim.
H: Onde aprendeste isso?
M: Com o meu irmão.
H: Ele frequentou uma escola?
M: Sim.
H: Que idade tem o teu irmão?
M: Vinte e quatro.

H: Chama-se Jean?

M: Sim.

H: Consegues dar-me a morada e o nome da escola que o teu irmão frequentou?

M: Não.

H: Não sabes como se chama a escola?

M: Não.

H: Tu não frequentaste escola nenhuma?

M: Não.

H: Em que rua moras?

M: ... oh...

H: Conto até três, e depois saberás o nome! Um... dois... três!

M: Rue du Connetables.

H: Tendes número de polícia em casa?

M: Não.

H: Onde moras: numa casa, num apartamento? Descreve-me onde moras!

M: Uma casa, de um piso...

H: Uma casa de um piso!

M: Dois quartos.

H: Dois quartos. Quem mais mora nesta casa além de ti?

M: Os pais e os meus irmãos.

H: Diz-me, por favor, a data de nascimento do teu pai!

M: Não sei.

H: Disseste-me o teu próprio ano de nascimento. Consegues dizer-me também a data exata?

M: Não.

H: Que tamanho tem, aproximadamente, o vosso local? Ou seja, o local onde moras?

M: Duzentas e cinquenta pessoas.

H: Que fé tens, a que religião pertences?

M: Católico.

H: Católico? Como se chama o vosso pároco?

M: Padre Pierre.

H: Padre Pierre?

M: Sim.

H: Como se chama a vossa igreja?

M: ... Eglise de la Sainte Marie.

H: És casado?

M: No.

H: Algum dos teus irmãos é casado?

M: Não.

H: Tens algum amigo?

M: Não.

H: Certamente conheces alguém da vizinhança?

M: Sim.

H: Enumera-me alguns que conheças, e concretamente pelo nome!

M: Robert.

H: Robert?

M: Robert.

H: Quem mais conheces? Consegues dizer-me o apelido do Robert?

M: Reno.

H: Dicta, por favor!

M: R... e... n... a... u... l... t *(Renault)*.

H: Obrigado. Quem mais conheces?

M: Pierre Renault.

H: Pierre, quem é esse?

M: É o irmão do Robert.

H: Que idade tem o Robert?

M: Dezoito.

H: E o Pierre?

M: Dezanove.

H: Onde moram estes dois amigos?

M: Na rua principal, na outra extremidade.

H: Na rua principal, na outra extremidade? Que profissão têm os teus dois amigos?

M: São cavalariços.

H: Existe no vosso local algum negócio maior, uma empresa maior? Uma fábrica, uma loja, uma propriedade maior?

M: Uma propriedade agrícola.

H: Consegues dizer-me, por favor, o nome do proprietário?

M: Não.

H: Estiveste doente alguma vez?

M: Não sei.

H: As pessoas no teu local falam alemão ou francês?

M: Ambos.

H: Como assim, ambos?

M: Porque somos alemães e franceses.

H: Este local pertence à Alsácia?

M: Sim.

H: Consegues dizer-me algum local maior ou uma cidade maior nas proximidades do vosso local?

M: Estrasburgo.

H: Falais um francês puro ou um dialeto?

M: Dialeto.

H: Consegues falar esse dialeto?

M: Sim.

H: Certamente tens de apregoar no mercado as mercadorias que vendes?

M: Sim.

H: Imagina que algumas pessoas passavam precisamente agora; tens de apregoar, por favor fala-me um pouco no dialeto, como apregoas a tua mercadoria?

M: Mesdames... mesdames, messieurs... prenez ces choux de bruxelles et les pommes, ils sont... pas chere... et ils sont tres bien... m'achetez-les! ... ils sont plus bien ici... et soixante Centimes, s'il vous plait... merci bien...

H: Obrigado, isso basta-me, fizeste isso bem... sabes cantar?

M: Non.

H: Certamente conheces alguma canção bonita que se cante na aldeia?

M: Bem, sim.

H: Consegues tentar cantar-me essa canção, ou, caso não consigas cantar de todo — não precisa de ser bonita —, tenta lá, caso contrário diz-me antes, por favor!

H: É possível, tenta lá, eu ficaria muito contente se me cantasses um pouco.

M: ... *(geme)*.

H: Como se chama essa canção, afinal?

M: *Frere Jacques... Frere Jacques*!... *Dormez vous*?... *Sonnez les matines... Dig, din, don... c'est un canon*.

H: A canção continua?

M: Não.

H: Leste algum livro?

M: Não.

H: Consegues descrever-me, por favor, como é o teu vestuário? O que tens vestido?

M: Uns calções.

H: Uns calções?

M: Sim, e uma camisa...

H: Como é a moda em geral?

M: Igual... vestidos muito compridos...

H: Há trajes típicos na vossa região?

M: Sim.

H: Já viste algum traje típico?

M: Uma ou duas vezes.

H: Lembras-te de como era esse traje típico? Consegues descrever-mo de forma muito geral?

M: Muito colorido, um barrete com rendas e um lenço pelos ombros, sapatos grosseiros...

H: Tendes luz elétrica em casa?

M: O que é isso?

H: Como iluminais as vossas divisões em casa?

M: Lascas de acendalha de pinho.

H: Como é coberta a vossa casa?

M: Com barro e palha.

H: Tendes alguns animais de estimação ou domésticos?

M: Sim.

H: Que animais?

M: Galinhas.

H: Quantas?

M: Três.

H: Consegues descrever-me a casa com um pouco mais de detalhe? Como está construída? Já disseste que tem um só piso, coberta com barro e palha; de que material são as paredes?

M: De madeira com pedras.

H: Cor?

M: Natural! Avermelhada.

H: Tendes uma batedeira ou misturadora?

M: O que é uma misturadora?

H: Diz-me, por favor, o que gostas de comer?

M: Assado de carneiro e couve.

H: Existe na vossa região algum prato especial, típico? Prato nacional? Conheces algo assim?

M: Caracóis.

H: E consegues dizer-me a receita do assado de carneiro?

M: Um pedaço de carne com osso enfiado num espeto e assado.

H: O que comeis a acompanhar?

M: Uma espécie de pão.

H: O quê?

M: Pão.

H: Como é esse pão?

M: São uns bolos redondos... com farinha... e ovos.

H: Tens quaisquer capacidades especiais, consegues tocar algum instrumento, sabes dançar?

M: Não.

H: Pagas impostos?

M: O que é o imposto?

H: Quanto dinheiro ganhas por dia?

M: Depende do que eu vender.

H: Com que meios financeiros se paga?

M: Com moedas.

H: Mas também tendes papel-moeda?

M: Não, letras de câmbio ou promissórias.

H: A tua família é de considerar pobre ou rica?

M: Pobre.

H: Muito pobre?

M: Sim.

H: Consegues enumerar-me alguns parentes pelo nome? Tens parentes que conheças?

M: Os avós.

H: Como se chamam?

M: Não sei, já morreram há muito tempo.

H: Consegues dizer-me, por favor, qual é a raiz quadrada de nove?

M: O que é a raiz quadrada de nove?

H: Vamos avançar mais na tua vida... fazes vinte anos... vinte e cinco anos... vinte e sete anos... diz-me, por favor, em que ano estamos?

M: 1879.

H: Passa-se algo de especial neste ano?

M: Não.

H: Em que localidade nos encontramos?

M: Wissembourg.

H: O que fazes durante o dia?

M: Trabalho.

H: Em que trabalhas?

M: No campo.

H: A quem pertence esse campo?

M: Ao senhor da propriedade.

H: Como se chama esse senhor da propriedade?

M: ... *(respira novamente de forma pesada)*...

H: Conto até três, e depois lembrar-te-ás novamente... um... dois... três.

M: ...

H: Então?... Diz-me o nome do senhor da propriedade!

M: ...

H: Como se chama essa propriedade?

M: ...

H: Não sabes?

M: ... *(em voz baixa)*... não.

H: Quanto ganhas aqui?

M: Absolutamente nada.

H: Porque trabalhas para este senhor da propriedade?

M: Tenho de trabalhar.

H: Porquê?

M: Tenho dívidas.

H: Foste tu que contraíste essas dívidas ou os teus pais?

M: Eu.

H: De quanto são essas dívidas?

M: ...

H: Aproximadamente?

M: ... dez cavalos.

H: Porque contraíste dívidas?

M: ... *(respira de forma pesada, não quer dizer nada)*.

H: Vá, diz-me, podes dizer-mo à vontade!

H: Bem, deixemos isso, isso não é assim tão importante. Onde moras?

M: Na casa da criadagem.

H: Na casa da criadagem?

M: Sim.

H: És casado?

M: Não.

H: Consegues dizer-me a aldeia ou descrever com mais precisão onde fica essa propriedade em que trabalhas?

M: Na colina, em direção ao oeste.

H: Na colina, em direção ao oeste. Que tamanho tem essa propriedade, aproximadamente?

M: ...

H: É uma propriedade muito grande?

M: Muito grande.

H: Como se chama o proprietário?

M: ...

H: A propriedade tem algum nome?

M: Não.

H: Certamente tens bons conhecidos, amigos, entre a criadagem; diz-me alguns nomes!

M: Marie, Jean-Claude... Margot *(ou algo semelhante)*...

H: O que fazem os teus irmãos atualmente?

M: Morreram.

H: Morreram! Quando?

M: Há oito anos.

H: De quê?

M: ... Guerra *(Nota: Guerra Franco-Prussiana de 1870/71)*.

H: Que guerra foi essa?

M: Contra os alemães.

H: Onde estão sepultados?

M: Não sei.

H: Não conheces a sepultura?

M: Não.

H: Os teus pais ainda estão vivos?

M: Não.

H: De que morreram os teus pais?

M: Também na guerra.

H: Também na guerra?

M: Sim.

H: Que idade tens?

M: ... vinte e sete.

H: Como se chama o pároco do local?

M: Padre Pierre.

H: ... Vamos recuar mais, mais para a frente na tua vida, tens vinte e oito anos... vinte e nove anos... trinta anos... onde te encontras?

M: ...

H: Tens trinta anos!

M: Não sei.

H: Vamos andar para trás... tens vinte e oito anos... onde te encontras?

M: Na estribaria.

H: ... e onde fica essa estribaria, a quem pertence essa estribaria?

M: Monsieur Pierre.

H: Diz-me o nome novamente em voz alta e clara!

M: Monsieur Pierre.

H: Quem é esse?

M: O senhor da propriedade.

H: Há quanto tempo estás já nesta propriedade?

M: Há dois anos.

H: Onde fica essa propriedade?

M: Em Weißenburg.

H: O que ganhas?

M: Nada.

H: Porquê?

M: Dívidas.

H: Vamos avançar na vida, tens vinte e nove anos, onde te encontras?

M: Não sei.

H: Vamos andar para trás, tens vinte e oiro anos, estamos em janeiro, onde estás?

M: Na propriedade.

H: Estamos em fevereiro, onde estás?

M: Na estribaria.

H: Como estás?

M: Mal.

H: Porquê?

M: Fui espezinhado.

H: Foste o quê?

M: Espezinhado por um coice.

H: Por quem, porquê?

M: Cavalo.

H: É muito grave?

M: Não sei.

H: Ainda consegues trabalhar?

M: Não.

H: Estás deitado na estribaria?

M: Sim.

H: Estamos em março, onde estás?

M: Não sei.

H: Vamos andar para trás, estamos em fevereiro, descreve-me, por favor, que acontecimentos especiais houve em fevereiro!

M: Estou a limpar um cavalo.

H: Mais uma vez, de forma clara!

M: Estou a limpar um cavalo.

H: Sim.

M: O cavalo atinge-me com um coice.

H: Sim.

M: e fico ferido.

H: Ficas ferido, como continua?

M: Fico inconsciente.

H: Ficas inconsciente? Como continua?

M: Não sei.

H: Consegues definir-me ou descrever-me de alguma forma a situação atual?

M: Sofro um acidente... depois vou morrer.

H: Consegues descrever-me esse processo?

M: Não.

H: Porque não?

M: Não sei.

H: Vamos andar para trás... tens vinte e seis anos... como te chamas?

M: Guy Lafarge.

H: Consegues falar francês... vou pedir-te agora que digas algumas frases em francês... podes falar perfeitamente no dialeto... Diz-me, por favor, em francês a frase: Onde fica o posto de abastecimento mais próximo?

M: *Ou est le prochaine*...

H: Descreve-me, por favor, o que é um posto de abastecimento.

M: Isso não sei.

H: Como se diz posto de abastecimento em francês?

M: Não conheço.

H: Já andaste alguma vez de automóvel?

M: Não.

H: Não?

M: Não!

H: Já saíste alguma vez da tua aldeia? Conheces os arredores? Conheces outra cidade?

M: Não.

H: Em que localidade nasceste?

M: Em Weißenburg.

H: Não conheces os arredores?

M: Não.

H: Que cor de cabelo tens?

M: Preto.

H: Que altura tens, aproximadamente?

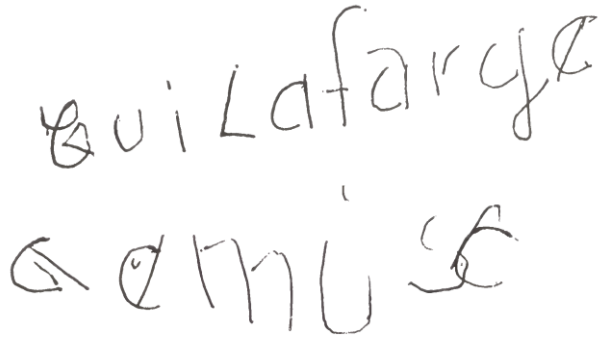
M: Cerca de um metro e sessenta e cinco.

H: Mas sabes escrever o teu nome?

M: Sim.

H: Aqui tens algo para escrever. Escreve aqui o teu nome, por favor!

M: *(escreve o seu nome de olhos fechados, ver anexo)*.



H: Escreve-me legumes, por favor!
M: (escreve também legumes).
H: Obrigado! Quanto é três vezes três?
M: Nove.
H: Quanto é três vezes três?
M: Nove!
H: Como se chama o presidente da câmara no teu local?
M: Não sei.
H: Sabes alguma dança popular?
M: ... não.
H: Não?
M: ...
H: Consegues dizer-me algum homem importante na vossa cidade?
M: ... o senhor da propriedade.
H: O senhor da propriedade! Como se chama ele?
M: Não sei.
H: Vou contar agora até três, e depois, de repente, vai lembrar-te o nome do senhor da propriedade! Vais sabê-lo de repente! Um... dois... três!
M: Pierre.
H: Que mais?
M: Não sei.
H: Por quem é governada a França?
M: ... pelo rei.
H: Por quem?
M: Pelo rei!
H: Como se chama esse rei?
M: ... Ludwig.

H: Vamos andar para trás, tens vinte e quatro anos, em que ano estamos?

M: 1866.

H: Refaz lá as contas! Em que ano estamos?

M: ...

H: Tens vinte e quatro anos!... Bem, o ano não desempenha qualquer papel, em todo o caso, tens vinte e quatro anos... os teus irmãos ainda estão vivos?

M: Sim.

H: Há guerra?

M: ...

H: Há guerra?

M: Sim.

H: Há guerra agora? Responde mais uma vez!

M: Sim.

H: O que fazes?

M: Estou a arrumar.

H: O que estás a arrumar?

M: Os carros.

H: Porquê?

M: Capotaram.

H: Esses carros capotaram?

M: Sim.

H: Estás numa propriedade?

M: Sim.

H: Por quem foram capotados esses carros?

M: Por alemães.

H: Como são esses soldados alemães?... Descreve-mo!

M: Cavalo com cavaleiro.

H: Cavalo com cavaleiro?

M: Sim... uniformes muito coloridos... baioneta e espingarda.

H: Vamos avançar mais... Tens vinte e sete anos... Vamos avançar ainda mais... onde te encontras?

M: Não sei.

H: Consegues indicar-me o teu sentimento?

M: Tão leve.

H: Tens algum contacto com outras pessoas, outros seres?

M: Não.

H: Não? Tiveste algum contacto neste estado em que te encontras agora, encontraste alguém?

M: Não.

H: Consegues distinguir o claro do escuro?

M: Não.

H: Disseste que te sentes leve, tens algum corpo?

M: Não.

H: Diz-te algo a expressão «plano astral»?

M: O que é isso?

H: Tens uma noção de bem e de mal?

M: ...

H: No teu estado atual... diz-te algo a noção de bem e de mal?

M: Não.

H: Como é o teu sentimento, defini-lo-ias como agradável ou desagradável?

M: Agradável.

H: Consegues deslocar-te de alguma forma?

M: Não sei.

H: Consegues observar os seres humanos na Terra?

M: Não.

H: Sabes algo sobre a existência dos seres humanos?

M: Não.

H: Não?

M: Não.

H: Tens quaisquer representações de objetivos?

M: Não.

H: Tens um sentido de tempo e de espaço?

M: Não.

H: Como descreverias o espaço em que te encontras?

M: Ne sei.

H: Tens um sentido de identidade?

M: ...

H: Estás consciente da tua existência?

M: ...

H: Sim ou não?

M: Não.

H: Como te chamas?

M: Não tenho nome.

H: Quando morreste, da última vez?

M: Não sei.

H: Vamos agora avançar tanto até que o teu estado atual se altere um pouco... vamos portanto avançar mais e mais... até que o teu estado se altere... e nessa pequena alteração fazemos uma paragem, e tu vais descrevê-la!

M: ... sinto uma sucção.

H: Sentes uma sucção? O que sentes mais? Consegues perceber algo?

M: Não.

H: Sentes ainda mais?

M: Sim — uma tração.

H: Uma tração. O que percebes? Percebes esta tração como agradável ou, neste estado atual, como desagradável?

M: Como agradável.

H: Agora diz-me, passo a passo, como continua. Diz-me, por favor, cada mínima alteração do sentimento atual!

M: A sucção torna-se mais forte e puxa-me... (murmura)...

H: A sucção torna-se mais forte, e o que acontece depois?

M: Puxa-me...

H: Para onde?

M: Não sei, para baixo.

H: Para baixo! Descreve-me, por favor, com toda a exatidão, como continua agora... passo a passo! Consegues sentir algo?

M: Vou... não...

H: O que ias a dizer há pouco?

M: A sucção para.

H: A sucção para! Onde estás?

M: Gazeteiro, não sei.

H: Como é o que te rodeia?

M: Quente.

H: Quente! Consegues sentir ou perceber mais alguma coisa?

M: Não.

H: Como te sentes?

M: Bem.

H: Se tivesses de comparar o estado atual com o anterior, qual é o mais belo?

M: Igual.

H: Diz-me agora, por favor, passo a passo, como continua? Sentes-te bem, está quente, a sucção parou! Tens um corpo?

M: Não sei.

H: Tens alguma figura?

M: Não consigo ver nada.

H: Estás consciente de uma figura ou de uma dimensão qualquer?

M: Não.

H: Estás consciente da tua existência?

M: Sim.

H: Sabes que existes?

M: Sim.

H: O que sabes além disso? Do estado atual?

M: Nada.

H: Como continua? Indica-me agora, por favor, cada alteração que se segue!

M: Consigo mover-me com dificuldade.

H: Consegues mover-se! Onde te encontras?

M: Não sei.

H: Como é o que te rodeia?

M: Quente e... (murmura)...

H: Quente e o que mais?

M: Quente.

H: Que posição adotas?

M: Não sei... sentado.

H: Mas o que há ao teu redor? Ar, líquido? Consegues dizer-me de alguma forma o que há ao teu redor?

M: Não.

H: Estás consciente da tua existência?

M: Sim.

H: Tens um corpo?

M: Sim.

H: De que tamanho definirias o teu corpo?

M: Muito pequeno.

H: Vamos agora avançar ainda mais, até que ocorra novamente uma pequena alteração, que tu me vais descrever outra vez! Qual é a próxima alteração?

M: Fico confinado.

H: Ficas confinado! E diz-me, por favor, com toda a exatidão, o que acontece agora! O que percebes, o que sentes?

M: Sou pressionado por alguém... tenta...

H: Tenta o quê?

M: ... tirar-me o lugar.

H: Quem é?

M: Não sei.

H: O que acontece a seguir?

M: Sou empurrado.

H: Para onde?

M: ... para uma... uma nova... nova mundo.

H: Vês algo?

M: Não.

H: Lembras-te do teu sentimento, do teu bem-estar?

M: Hm... fica estreito.

H: Fica estreito! Como continua?

M: De repente, fica novamente mais largo.

H: Fica novamente mais largo... onde estás?

M: Não sei.

H: Altera-se mais alguma coisa?

M: Sim.

H: O quê?

M: Fica mais frio.

H: Fica mais frio! Altera-se de alguma forma o conteúdo da tua consciência?

M: Fica de algum modo claro.

H: Fica claro! Sentes-te melhor, não te sentes bem? Compara este estado atual com o anterior!

M: Não sei.

H: Consegues ver algo?

M: Não.

H: Consegues sentir o teu corpo claramente?

Fim da fita magnética

Todos os presentes ficaram de tal modo afetados por esta vivência como eu. Afetado talvez não seja a expressão correta. No que me diz respeito, devo dizer: fiquei abalado.

Apesar disso, obriguei-me a colocar-me no papel de cético: que dúvidas seriam possíveis?

Pois bem, um cético poderia dizer que a pessoa de teste «colaborou na encenação». Essa foi também a suspeita que ouvi com maior frequência. Contra isso, há a dizer: o médium não sabia de todo, antes do experimento, o que eu planeava fazer com ele. O facto de eu querer tentar uma age regression tinha-lho ocultado antes da sessão. No caso de T., as testemunhas da primeira sessão foram suficientemente íntegras para manter absoluto silêncio perante ele, de modo que ele foi para a segunda sem qualquer suspeita.

Quando o acordei, ele não possuía a menor recordação do experimento...

Em segundo lugar, poder-se-ia afirmar que o médium apenas reproduz o que o hipnotizador lhe sugere por via telepática. Contra isto fala o facto de eu próprio ter ficado extraordinariamente chocado. Além disso: se a pessoa de teste tivesse exteriorizado os meus pensamentos, as expressões modernas «automóvel», «posto de abastecimento» ou as «variedades de fruta modernas» laranjas e limões também lhe teriam sido familiares.

Terceira suspeita: o médium leu algures esta história da época de Napoleão III. A minha resposta: a vida insignificante de Guy Lafarge não pode provir de um livro — para isso, o conjunto é demasiado pouco literário, demasiado banal. Porém, o facto de se tratar de algo vivido, e não de algo lido, foi notado por todos os presentes devido às fortes oscilações emocionais a que a pessoa de teste estava sujeita. Alguém que tivesse vindo para uma sessão deste género «preparado» com uma história lida teria, com toda a certeza, uma resposta pronta para a pergunta «Como se chama o senhor da propriedade?»...

Após todas estas reflexões, já não existiam dúvidas para mim, contudo falei da minha descoberta, inicialmente, apenas com muito poucas pessoas cujo posicionamento me era conhecido. O facto de noventa e nove por cento daqueles com quem me cruzo diariamente

nada poderem fazer com isso não me surpreendia particularmente — num mundo em que mesmo algo tão natural como a hipnose é ainda rotulado como feitiçaria e logro.

A Hipnose

«... tudo o que é instintivo fundamenta-se na essência real das coisas. Mas os céticos de todas as épocas não prestaram atenção suficiente a este facto.»
— Éliphas Lévi

«Hipnose» — é uma palavra que exerce um fascínio enorme sobre quase todos os seres humanos, embora muito poucos deles tenham alguma vez deparado com a hipnose. E assim, a maioria, por falta de experiências próprias, fantasia as mais diversas coisas neste conceito de «hipnose». Falam do poder irresistível de personalidades dotadas de uma força de vontade particularmente grande, que atraem a sua vítima através de um breve olhar hipnótico, colocando-a sob o seu feitiço e transformando-a em marionetas sem vontade — prontas a tudo, desde o amor forçado até ao «homicídio sob ordem»...

Esta ligação a mistérios oculto-mágicos baniu a hipnose, desde a sua descoberta até aos dias de hoje, para um lugar na penumbra e impediu que a hipnose fosse plenamente desvendada e aplicada em todas as suas possibilidades — sobretudo no setor terapêutico. Para a psicoterapia, ela poderia operar grandes coisas — por muito que alguns psicoterapeutas ainda o admitam contrariados.

Para explicar esta aversão, temos de lançar um breve olhar sobre a história da hipnose. Já no sexto milénio antes de Cristo podemos acompanhar o surgimento da hipnose. Na alta cultura egípcia (3000 a.C.), chamava-se a este estado expulsão de demónios. Em 150 antes de Cristo, a hipnose surge em Epidauro e noutros locais de cultura como o sono sagrado no templo dos Asclépiares, na Idade Média como epidemias de dança na Europa e no século XVI como imaginatio.

Para o final do século XVIII, começa o desenvolvimento concreto daquilo a que chamamos cientificamente «hipnotismo». Em 1775, o

médico vienense Friedrich Anton Mesmer descobriu um novo método de cura, que consistia em mover ímanes de um lado para o outro, de forma carinhosa e suave, sobre as partes do corpo enfermas. Em breve, porém, constatou que o mesmo sucesso curativo também ocorria quando prescindia dos ímanes e passava com as mãos nuas sobre as partes do corpo doentes. Deste fenómeno deduziu que trazia em si forças que se assemelhavam às forças magnéticas dos metais. Chamou a este fenómeno magnetismus animalis.

Este conceito foi traduzido de forma muito diversa no período seguinte: como «magnetismo animal», «mesmerismo» e «magnetismo vital».

Através dos seus sucessos curativos sensacionais, Mesmer tornou-se rapidamente famoso e teve uma afluência gigantesca de pacientes. Mudou-se para Paris, onde a Academia local submeteu a sua teoria a um exame em 1784 e a rejeitou, dado que o «fluido» do magnetismo não se deixava comprovar. Mesmer foi denunciado como impostor e charlatão. A tragédia deste homem, que manteve a sua teoria até à morte, reside no facto de que, na procura do «efeito curativo dos ímanes», descobriu o hipnotismo terapêutico sem suspeitar do que tinha encontrado. Rejeitadas pela ciência, as suas teorias foram tidas em conta, no período seguinte, quase unicamente por círculos ocultistas.

O ponto de viragem decisivo seguinte no desenvolvimento da hipnose deu-se em 1843, através do oftalmologista inglês Braid. Este constatou, em experimentos, que os indivíduos que fixavam um objeto brilhante durante um período prolongado caíam num estado de sono. Este estado assemelhava-se ao estado em que Mesmer colocava os seus pacientes. Braid chamou-lhe pela primeira vez «hipnose», a partir da palavra grega hypnos — sono.

Após algum tempo, a investigação da hipnose foi retomada pelo médico francês Charcot. Os seus experimentos de hipnose com histéricos na Salpêtrière de Paris (desde 1878) despertaram a atenção mundial. Foi uma sensação que uma autoridade científica como Charcot se ocupasse com este ramo do saber.

Os impulsos seguintes, cientificamente significativos, vieram depois de Liébeault (1866) e Bernheim (1884), que pela primeira vez rejeitaram la teoria do fluido e a substituíram pela teoria da sugestão.

Segundo Bernheim, o efeito da hipnose explica-se a partir da força da imaginação (imagination), que é estimulada através da sugestão verbal. Desse modo, o desencadeamento da hipnose é colocado no médium; todos os fenómenos são atribuídos à própria sugestão.

Esta teoria da sugestão foi desenvolvida por Coué, um discípulo de Bernheim, dando origem à sua fórmula de sugestão que se tornou mundialmente célebre («De dia para dia, vou melhor, cada vez melhor...»).

Em oposição a esta visão puramente psicológica da hipnose, desenvolveu-se nas primeiras décadas do século XX a hipnoterapia fisiológica através do fisiologista russo Pavlov. Este explicava a hipnose como um reflexo de condicionamento psíquico (mecanismo de inibição psíquica).

As controvérsias em torno da hipnoterapia ainda não chegaram ao fim. Em tempos mais recentes, confrontam-se duas grandes abordagens teóricas: por um lado, a *hypnotic state theory* (teoria do estado hipnótico), formulada em 1968 por J. F. Chaves (EUA). Esta teoria considera o estado de hipnose e o comportamento hipnótico como fundamentalmente diferentes do estado de vigília, pressupondo, portanto, um estado de consciência alterado. O opositor mais feroz desta visão, o americano T. X. Barber, rejeita a teoria do «estado hipnótico» e tenta encontrar novas explicações através da investigação empírica.

O que é a hipnose na realidade?

Temos na hipnose o fenómeno raro e de aparência paradoxal de se poder produzi-la e aplicá-la sem saber o que ela é propriamente. Dito de outro modo: para se poder hipnotizar com sucesso, é indiferente quais os conhecimentos e visões teóricas que o hipnotizador tem sobre a hipnose. A hipnose comporta-se, portanto, como um aparelho de rádio que se pode operar — sendo indiferente se o indivíduo é técnico de eletrónica ou se acredita num «pequeno homem dentro da caixa».

Dado que a discussão científica em torno da hipnose está longe de se encontrar encerrada, gostaria de dar, para o leitor que até agora teve pouco contacto com este fenómeno, uma descrição breve e esquematicamente simplificada do modo de funcionamento hipnótico, a qual se cristalizou a partir do meu trabalho prático.

Desde os trabalhos de Freud que é habitual contrapor à consciência do ser humano um inconsciente. Tanto a consciência de vigília como o inconsciente são, por sua vez, estratificados ou estruturados, todavia a grande separação entre consciência de vigília e inconsciente deverá bastar-nos por agora neste ponto.

Durante o processo da hipnose, o hipnotizador adormece a consciência de vigília. Isto acontece através de diferentes técnicas como: concentração num ponto, monotonia das palavras, empobrecimento de estímulos externos, relaxamento do médium e procedimentos semelhantes. Ao mesmo tempo, o hipnotizador estabelece um contacto com as camadas inconscientes do médium, ao qual se chama geralmente *rapport*. Este contacto acontece através de palavras, pelo que também a atenção e concentração extremas do hipnotizador poderão desempenhar um papel. O sono hipnótico corresponderia, portanto, inteiramente ao sono noturno, se não existisse este contacto entre o inconsciente do médium e o hipnotizador.

Ora, as categorias da lógica, da razão, da causalidade e da racionalidade habitam exclusivamente na consciência de vigília de um ser humano, ao passo que a linguagem do inconsciente é a imagem e o símbolo. Por outro lado, porém, o inconsciente é simultaneamente a central de comando e o suporte de informação de todos os processos orgânicos do corpo, na medida em que funcionam de modo «inconsciente».

Se se conseguiu, portanto, excluir a consciência de vigília de um ser humano através da hipnose, as palavras ou as sugestões dirigem-se diretamente ao inconsciente, sem terem de passar pelo filtro do entendimento e da crítica. Para o inconsciente, por consequência, cada sugestão, em especial se for formulada de modo imagético, é uma realidade absoluta, de forma semelhante a como um sonho representa uma realidade absoluta para quem está a sonhar. As sugestões hipnóticas são sonhos provocados artificialmente, cujo valor de realidade não pode ser verificado pelo médium, visto que as funções racionais dormem.

O padrão de informação dos processos fisiológicos encontra-se igualmente armazenado no inconsciente sob a forma de imagem. Isto abre a possibilidade de, em hipnose, permutar um determinado

«padrão de informação» por outro. Este processo é a base da hipnoterapia. Concretamente, isto significa que se pode, por exemplo no caso de uma tensão arterial demasiado baixa, permutar a unidade de informação responsável por isso no inconsciente apenas por outra informação que provoque uma tensão arterial mais elevada, por via da sugestão.

Sabemos, através da psicologia profunda, que todas as vivências estão armazenadas no inconsciente, contudo nem todas estas vivências podem ser tornadas acessíveis à nossa consciência a qualquer momento por ato de vontade; falamos então de esquecimento. O esquecimento é, manifestamente, uma função protetora da consciência, que a preserva de uma sobrecarga e assegura assim a possibilidade para um novo armazenamento de informações. Ora, o esquecimento não é algo de absoluto, mas sim uma função influenciável. Todos sabemos do quotidiano que algo esquecido nos pode perfeitamente voltar à memória.

O ponto de partida da psicanálise foi a descoberta de Freud de que algo esquecido ou algo recalcado, como lhe chamou mais tarde, pode ser recuperado para a consciência através de métodos determinados. Na hipnose, o hipnotizador, através do seu contacto direto com o inconsciente do médium, tem um acesso bastante bom ao arquivo de todos os acontecimentos vividos até então. Mesmo que dentro da hipnose se depare repetidamente com bloqueios que impedem acontecimentos muito determinados de surgir, o acesso está substancialmente simplificado devido à eliminação do controlo consciente. Chama-se também a esta capacidade de memória de nível mais elevado hipermnésia.

Contudo, a par da capacidade de memória de nível mais elevado, mostra-se também com muita frequência na hipnose um reviver de acontecimentos anteriores. Este fenómeno, embora bastante bem conhecido na psicanálise como regressão, ainda não está totalmente esclarecido do ponto de vista teórico. Talvez exista, no âmbito psíquico, uma estratificação do material inconsciente dependente do tempo, a qual permite experimentar o tempo também no sentido inverso. Provavelmente, o nosso conceito de tempo não é inteiramente adequado para a explicação de processos psíquicos.
Independentemente de uma explicação teórica satisfatória, estes dois

fenómenos da hipermnésia e do reviver formaram a base dos meus experimentos.

Lamento extraordinariamente ter tido de desfazer rapidamente — de forma voluntária ou involuntária — a ligação com as pessoas com quem fiz os meus experimentos. Eu ainda não possuía consultório. Todos os experimentos realizavam-se em reuniões sociais, e os médiuns desapareciam do meu campo de visão.

Como a maioria não tinha vindo ter comigo na qualidade de paciente, mas sim como pessoas que queriam participar em experimentos psicológicos por diversão, também não viam qualquer necessidade de manter contacto comigo. Para muitos era inclusivamente desagradável. Não queriam saber mais destas coisas, porque tinham mudado de pontos de vista ou de conhecidos. Respeitei este comportamento em todos os casos e, da minha parte, não fiz a menor tentativa de vincular estas pessoas a mim.

Assim me sucedeu também com o médium que, no dia 13 de janeiro de 1969 e uma semana mais tarde, no dia 20 de janeiro de 1969, me forneceu mais provas de reencarnação. Aqui ficam os dois protocolos:

«Hoje é segunda-feira, dia 13 de janeiro de 1969. Estamos a preparar um experimento de hipnose. Para controlo estão presentes: Francis-Gilbert K., Rudolf S., Klaus M., Michael R., Ingrid R., Hans F., Alice H., Franz A., Franz-Josef S., Rolf K., Frank Sch. A pessoa de teste é Klaus-Peter S., nascido a 28/02/1954 em Kulmbach. O hipnotizador é Thorwald Dethlefsen.

H: ... Vou contar agora até três. Quando tiver contado até três, consegues compreender com toda a exatidão tudo o que eu te disser, e consegues também responder-me a cada pergunta, porque de repente tens um vocabulário gigante à tua disposição. Consegues responder-me às perguntas mais difíceis. Apesar disso, vais ver cada situação exatamente de forma correspondente à idade indicada por mim. Diz-me, que idade tens! Um... dois... três...

M: Um ano.

H: Como te chamas?

M: Klaus-Peter S.

H: Em que data estamos?

M: 28/02/1955.

H: Como te sentes?

M: Bem.

H: Que tamanho tens, aproximadamente?

M: Cinquenta centímetros.

H: Sabes, aproximadamente, como és?

M: Hm... tenho cabelo loiro... um nariz arrebitado...

H: Onde te encontras?

M: ...

H: Em que localidade?

M: Kulmbach.

H: Ah, estás em Kulmbach e... eh... diz-me, onde estás sintonizado agora? Diz-mo com toda a exatidão, estás sentado no chão, numa cadeira ou estás suspenso numa rede de descanso? Onde te encontras?

M: No chão.

(Segue-se um interrogatório e a descrição do quarto das crianças)

H: Vamos agora recuar ainda mais, até ao teu nascimento! Respira com toda a calma e muito profundamente. Todo o teu corpo está relaxado e calmo. Não vais ter quaisquer incómodos no período que se segue, mas tudo o que eu te disser vais reviver de um momento para o outro; decerto com uma certa distância, de modo que possas relatar-mo com precisão. Vais poder relatar-me com toda a exatidão tudo o que acontece e o que vives, porque o vês de forma perfeitamente exata à tua frente! Mas, de algum modo, estás um pouco desinteressado de toda a questão. Será como se estivesses a observar um estranho, embora na realidade sejas tu próprio. Estás, portanto, precisamente a nascer nesta altura; como te sentes?

M: Não é bom.

H: O que vês?

M: Escuro.

H: O que sentes?

M: Dores.

H: Que tamanho tens, aproximadamente?

M: Hm... vinte centímetros.

H: Tens cerca de vinte centímetros de tamanho?

M: Sim.

H: O que tens vestido, afinal?

M: Absolutamente nada.

H: Diz-me lá com toda a exatidão onde te encontras!

M: Isso não sei... Caverna?

H: Bem, vamos recuar ainda mais um pouco, cerca de três meses, diz-me, por favor, onde te encontras?

M: Caverna.

H: O que vês?

M: Nada.

H: Como te sentes?

M: Quente.

H: Como é o que te rodeia?

M: Escuro.

H: Sentes-te bem?

M: Sim.

H: Tens quaisquer sentimentos desagradáveis?

M: Está molhado.

H: Consegues ouvir alguma coisa?

M: Não.

H: Que tamanho tens, aproximadamente?

M: Hm... Dez centímetros.

H: Bem. Vamos recuar ainda mais. Cerca de seis meses escassos. Onde te encontras?

M: Caverna.

H: Que tamanho tens, aproximadamente?

M: Hm... Sete centímetros... seis... sete centímetros.

H: Vamos recuar ainda mais. Cerca de seis meses. Onde te encontras?

M: Caverna.

H: Que tamanho tens, aproximadamente?

M: Hm... muito pequeno.

H: Que tamanho, consegues estimar aproximadamente? Podes perfeitamente usar uma comparação!

M: Tão grande como uma régua curta.

H: E como te sentes?

M: Hm... quente.

H: Consegues ver algo?

M: Não.

H: Agora presta muita atenção, vamos recuar novamente mais meio ano. Vais relatar-me tudo com precisão, o que vives! Vamos recuar meio ano, onde estás?

M: Não sei.

H: Que tamanho tens, aproximadamente?

M: Hm... não tenho tamanho nenhum.

H: Tens um corpo?

M: Não.

H: Vês algo?

M: Não.

H: Consegues distinguir o claro do escuro?

M: Não.

H: Consegues sentir ou perceber algum espaço ao teu redor?

M: Não.

H: Sabes que existes?

M: Não.

H: Como te chamas?

M: ... Hm. Não tenho nome.

H: Como descreverias o sentimento que tens no momento?

M: Vazio.

H: Tens mais algum sentimento? Tens talvez um sentimento de gravidade ou de leveza?

M: Não.

H: Absolutamente nada?

M: Nada.

H: Consegues deslocar-se de alguma forma, talvez apenas no pensamento?

M: ... Hm... não sei.

H: Consegues pensar algum pensamento?

M: Não.

H: Tens consciência da existência?

M: Não.

H: Agora presta muita atenção, deves agora recuar cada vez mais, e durante tanto tempo até que algo se altere no teu estado atual... até que de repente te encontres perante uma situação qualquer que seja diferente daquela que acabaste de relatar, e que possas descrever! Até

esse ponto vais agora recuar lentamente, enquanto respiras com toda a calma, profunda e uniformemente. Também não te causa quaisquer dificuldades recuar aqui no tempo, até deparares com um ponto que possas descrever!

M: É magnífico... Luz...

H: Onde estás?

M: Num castelo ou palácio.

H: Em que país estás?

M: Em França.

H: Como te chamas?

M: ...

H: Vá, diz-me o teu nome!

M: ...

H: Ele vai lembrar-te de seguida, quando eu contar até três... de um momento para o outro vai lembrar-te ao três... um... dois... três!

M: ... não sei o meu nome.

H: Bem, então deixemos isso, isso não é assim tão importante, sabes por acaso em que ano estamos atualmente?

M: 1883.

H: Que idade tens?

M: Oh... sou muito jovem... ainda um bebé.

H: E dizes que estás num castelo ou num palácio?

M: Sim.

H: Em que localidade fica esse edifício?

M: Numa cidade muito grande.

H: Como se chama essa cidade?

M: ...

H: Bem, isso não importa, deixemos... como?

M: *(interrompe)* Paris.

H: Paris! Vamos agora avançar um pouco na tua vida atual, para a frente, vais portanto ficar mais velho, já não és um bebé, mas sim uma criança... e depois chega a tua juventude... tens precisamente catorze anos... tens catorze anos, diz-me lá, em que ano estamos?

M: 1897.

H: Como te chamas?

M: Jean.

H: Que mais?

M: Dupré.

H: Es, portanto, um rapaz?

M: Sim.

H: Como és, aproximadamente? Descreve-me lá como és!

M: Tenho cabelo comprido!

H: Cabelo comprido! De que cor?

M: Loiro — como uma menina.

H: Descreve-me lá o teu vestuário!

M: Seda... e veludo... tecidos magníficos, quentes...

H: Em que cidade vives?

M: Paris.

H: En que país fica essa cidade?

M: França.

H: Quantos quartos tem o vosso castelo? É um castelo?

M: Sim, é um castelo.

H: Como é que moras nesse castelo? Tens algum título, como se chamam os teus pais?

M: Os meus pais são barões.

H: Diz-me lá o nome exato dos teus pais!

M: ... não o consigo pronunciar... compli... nome complicado.

H: Imagina que ele está escrito em algum lugar à tua frente, digamos, numa placa, num cartão, consegues imaginar isso?

M: Hmhm.

H: Vês isso?

M: Sim.

H: Então podes perfeitamente soletrar-mo de forma muito lenta e clara!

M: D... u... p... r... é... e por baixo está uma coroa.

H: Os teus pais são barões?

M: Sim.

H: Tens irmãos?

M: Não.

H: És o único filho?

M: Sim.

H: Que idade tens?

M: Catorze anos.

H: Vais a uma escola?

M: Não... vêm pessoas a nossa casa... que dizem... que me dão lições.

H: Em que disciplinas?

M: Francês.

H: Como assim... mas essa não é a tua língua materna?

M: Sim.

H: Então porque te dão lições nela?

M: Não sei... na verdade eu sei falar... não sei.

H: Aprendes alguma língua estrangeira?

M: Não.

H: Importas-te de referir um monumento ou local de interesse da cidade?

M: Hm... o grande rio!

H: Importas-te de me descrever o rio e o que há ao seu redor com um pouco mais de detalhe, mas em francês, por favor?

M: Hm...

H: Descreve-me mais ou menos como o descreverias a alguém que mora no estrangeiro!

M: ...

H: Que comprimento tem esse rio?

M: ...

H: É largo?

M: ...

H: Responde-me lá!

M: *Oui.*

H: Como se chama esse rio?

M: *Seine* (Sena).

H: Conheces alguma igreja famosa na cidade?

M: *Non... Notre Dame*?

H: Como se chama a rua em que moras?

M: ...

H: Ou fica numa praça, ou como se chama, digamos, o bairro, a zona?

M: ...

H: Quanto custa uma viagem de elétrico?

M: ...

H: Hm?

M: Pff...

H: O que foi?

M: Não há elétrico... o que é isso? Hm.

H: Ha... ha *(ri-se baixinho).*

H: Por quem é governado o vosso país?

M: Rei.

H: Como se chama ele?

M: Ah... Rei Sol.

H: Já o viste alguma vez?

M: Não.

H: Vamos avançar na tua vida, vais ficar mais velho, fazes vinte anos, como te chamas?

M: Jean Dupree.

H: Como se chamam os teus pais? Como se chama a tua mãe?

M: Charlotte Dupree.

H: Como se chama o teu pai?

M: Jean Dupree.

H: Chamas-te, portanto, como o teu pai?

M: ...

H: Onde morais?

M: Mudámo-nos há pouco tempo, não sei.

H: Em que cidade morais?

M: Paris.

H: Onde moráveis antigamente?

M: Já fomos embora.

H: Sim, onde moráveis antes?

M: Não sei, aí eu era ainda pequeno, mudámo-nos muitas vezes, sempre para bairros novos.

H: Que profissão têm os teus pais ou o teu pai?

M: Não têm profissão.

H: Porque não?

M: São nobres.

H: Sois ricos?

M: Sim.

H: Com toda a certeza?

M: Sim.

H: O que fazes tu?

M: Nada!

H: Tens namorada?

M: Não.

H: Tens irmãos?

M: Não.

H: Tens algum professor?

M: Sim, muitos professores.

H: Diz-me lá os nomes dos teus professores, de forma bem clara!

M: Sim, um chama-se... hm... hm...

H: Não precisa de ser esse, diz-me uns nomes quaisquer dos teus professores! O que te lembrar de momento, se tens vários, não é difícil!

M: Não me lembra nenhum... haha... não sei.

H: À tua frente está um pequeno cartão; se o virares agora, estão lá nomes escritos, só precisas de os ler, lê lá para mim!

M: Hm... um chama-se como nós... mas esse decerto não é da nossa família...

H: Não é barão?

M: Não... mas chama-se exatamente como nós.

H: O que queres dizer com exatamente?

M: Escreve-se da mesma maneira.

H: Como é ele?

M: É loiro... que atrevimento.

H: Como se chama... qual é o nome próprio dele?

M: ... Jose.

H: Onde mora ele?

M: Na vizinhança.

H: Diz-me lá, por favor, o bairro onde morais.

M: Não sei *(com tom irritado)*.

H: Quando nasceste?

M: Eh... 1883 ou por aí... 1880 ou por aí.

H: Em que dia celebrais o vosso aniversário?

M: Eu? Num domingo, sou um filho do domingo!

H: Certamente sabes a data exata do teu aniversário?

M: Isso foi... ah sim... isso foi a 18/05, eh... 1882.

H: Embora nunca tenhas frequentado uma escola, certamente conheces o nome de uma escola no vosso local?

M: Não, não me interessa.

H: Sabes a tua data de nascimento — isso sabes de certeza —, o aniversário da tua mãe?

M: Eh... ela faz anos logo a seguir a mim... faz anos a 20/05 de mil novecentos... eh... ah... como me vai lembrar mil novecentos... ha... dezoito centos... ah...

H: Que idade tem a tua mãe, aproximadamente? Isso também me basta.

M: Trinta e seis.

H: E em que ano estamos agora?

M: Dezoito centos... eh... não... dezoito centos e sete... eh...

H: Tens vinte anos?

M: Sim.

H: E nasceste, disseste-me?

M: 1882.

H: Bem. Em que ano estamos agora, então?

M: 1902.

H: Pois bem, e eh... dizes que a tua mãe tem trinta e seis anos?

M: Sim.

H: Consegues calcular, então, quando nasceu a tua mãe?

M: Eh, ela nasceu... eh... 1866... por aí, eh... 1866.

H: Bem, e consegues dizer-me também a data de nascimento do teu pai?

M: Ah, ele é mais velho do que a minha mãe... tem trinta e sete anos.

H: E que profissão tem o teu pai?

M: Mas não tem profissão nenhuma!

H: De onde tendes o vosso dinheiro, a vossa fortuna?

M: Herdada sucessivamente.

H: Consegues dizer-me alguns nomes de ruas que conheças de Paris? Onde morastes outrora... ou morais?

M: *Rue de*...

H: Bem, deixemos isso, isso não é assim tão importante. Consegues dizer-me grandes lojas na cidade? Nomes de lojas que conheças.

M: Estou quase sempre em casa, não sei isso.

H: Tendes um automóvel bonito?

M: Hahhhhhh... o que é isso?

H: Não tendes automóvel?

M: *(Irritado)* O que é isso?

H: Um Mercedes 600?

M: Hahaha... o que é isso!?

H: Certamente tens amigos?

M: Oh...

H: Diz lá os nomes.

M: Jean, como eu.

H: Apelidos?

M: Trato-o... trato-o apenas por Jean, não sei o apelido.

H: Também é nobre?

M: Sim.

H: Só te dás com nobres?

M: Naturalmente *(o tom de voz subentende: «Que pergunta estúpida!»).*

H: Que fé religiosa tens?

M: Sou cristão.

H: És católico ou protestante?

M: Católico.

H: Como se chama o vosso pároco?

M: ...

H: Bem, não precisas necessariamente de mo dizer. Leste algum livro precisamente nos últimos tempos?

M: Não.

H: Consegues dizer-me algum livro que seja muito popular atualmente, que tenhas lido ou que tenhas em casa na estante dos livros? Apenas o título.

M: Ha... é-me tão indiferente o que o meu pai faz.

H: Certamente tendes na cozinha uma misturadora?

M: Hahah... o que é isso?

H: Já que estamos falar de cozinha. Quais são os teus pratos favoritos?

M: ...

H: Vá, o que gostas de comer?

H: Mexilhões.

H: Que mais?

M: Hm, na verdade é tudo, exceto doces e sobremesas à base de farinha.

H: Lês o jornal?

M: Ha, não, o que é isso?

H: Vou fazer-te agora mais algumas perguntas, e peço-te que me respondas, mas peço em francês. Embora te vá fazer as perguntas em alemão, responde-mo em francês, por favor. Primeiro vamos avançar mais um pouco. Mais para a frente no processo de envelhecimento. Cinco anos mais velho, tens vinte e cinco anos. Em que ano estamos? Tens vinte e cinco anos.

M: Não... não!

H: Porque não?

M: Estou morto!

H: Estás completamente calmo e respiras calma e profundamente. Isso não te abala de todo. Mas diz-me onde estás. Respiras de forma calma e uniforme. Diz-me muito calmamente onde estás.

M: No nosso jardim.

H: O que fazes aí?

M: Nada. Nada, nada, nada... absolutamente nada.

H: Ganhas agora um distanciamento daquilo que vais viver. Vais ver o conjunto passar diante de ti como num filme; não tens qualquer envolvimento interior com o que vais ver agora, mas vais contar-mo de forma muito calma. Respiras de forma calma e uniforme. Vamos avançar cada vez mais para a frente. Mais para a frente, mais para a frente. Entras numa nova vida... e sentes-te bem. Muito, muito bem. Diz-me, como te sentes?

M: Bem.

H: Onde te encontras?

M: No chão.

H: Como te chamas, afinal?

M: Claus Peter Schneider.

H: Em que ano estamos?

M: 1955... um pouco depois de 1955 *(falado de forma imperfeita).*

H: Que idade tens, afinal?

M: Um ano *(depois disso respira pesadamente)*.

H: Sentes-te bem, respiras de forma calma e uniforme. Sentes-te bem, é belo, verdadeiramente belo. Vamos agora avançar para a frente. Cada vez mais para a frente, tens três anos. Tens cinco anos. Vamos avançar ainda mais para a frente, e tens sete anos. Como te chamas, afinal?

M: Claus Peter Schneider.

H: Que idade tens, afinal?

M: Oh, sete anos.

H: Mas já sabes fazer contas?

M: Sim.

H: Diz lá, quanto é a raiz quadrada de nove?

M: Ha, isso ainda não sei fazer... não sou nenhum prodígio.

H: Vamos avançar para a frente. Tens catorze anos. Vamos avançar mais. A propósito, tens catorze anos, em que ano estamos?

M: 1969. A propósito, vou fazer quinze anos em breve!

H: Vais fazer quinze anos em breve. Diz lá, consegues dizer-me a data de hoje, na verdade?

M: Oh, hoje é dia 13/01/1969 *(o ano está um pouco imperfeito).*

H: Mil novecentos e?

M: Sessenta e nove! *(novamente um pouco exaltado).*

H: Sim senhor, está certo! Sabes onde estás?

M: Sim.

H: Onde?

M: Em Munique, ha...

H: Onde te encontras momentaneamente?

M: Hm, no canapé.

H: Consegues dizer-me a rua?

M: Ha, A... Augustenstraße, 83.

H: Bem. E como te sentes?

M: Oh, muitíssimo bem.

H: Vou acordar-te em breve e, quando estiveres acordado, sentes-te exatamente tão muitíssimo bem como agora! Incrivelmente bem e feliz. Sentes-te tão bem e feliz que mal te consegues lembrar de alguma vez te teres sentido mais belo e melhor. E também não vais esquecer o que te disse há algum tempo, no início do teu sono profundo.»

E aqui fica o segundo protocolo, uma semana mais tarde:

«Estamos a preparar um experimento de hipnose. — Hoje é dia 20/01/1969. — O médium é Klaus Peter S., nascido a 28/02/1954. — Hipnotizador: Thorwald Dethlefsen.

Como testemunhas estão presentes: Rolf K., Frank Sch., Klaus B., Gilbert K., Bernd S., Tony N., Brigitte S., Ursula H., Max L., Ferdinand M., Bernd E., Alice H., Hans F., Hans Jürgen S., Charlotte K.

(Após a introdução da hipnose e a regressão ao primeiro ano de vida, seguiu-se esta conversa:)

H: Hoje é o teu primeiro aniversário — que data temos hoje, afinal?

M: 28/02/1955.

H: Como te sentes?

M: *(ininteligível).*

H: Que tamanho tens, aproximadamente?

M: Cerca de cinquenta e dois centímetros.

H: Quanto é três vezes três, por favor?

M: *(permanece em silêncio durante muito tempo)*.

H: Sabes?

M: Não.

H: Onde te encontras? Em que localidade?

M: Kulmbach.

H: Vamos agora recuar ainda mais — até ao teu nascimento! Respira com toda a calma e muito profundamente! Todo o teu corpo está relaxado e calmo! Não vais ter quaisquer incómodos no período que se segue, mas tudo o que eu te disser vais reviver de um momento para o outro! Decerto com uma certa distância, de modo que possas relatar-mo com precisão — vais poder relatar-me com toda a exatidão tudo o que acontece e o que vives, porque o vês de forma perfeitamente exata à tua frente —, mas, de algum modo, estás um pouco desinteressado de toda a questão — será como se estivesses a observar um estranho, embora na realidade sejas tu próprio! — Estás, portanto, precisamente a nascer nesta altura!

H: Como te sentes?

M: Mal.

H: O que vês?

M: Nada.

H: Está claro ou escuro?
M: Claro.
H: O que sentes?
M: Nada.
H: Que tamanho tens, aproximadamente?
M: Hm, vinte e oito centímetros.
H: Vinte e oito centímetros?
M: Sim, algo assim.
H: O que tens vestido, afinal?
M: Absolutamente nada.
H: Diz-me lá, por favor, com exatidão onde te encontras!
M: Isso não sei!
H: Não sabes?
M: Não — sim — no espaço.
H: Em que espaço? Que espaço é esse em que te encontras?
M: Espaço claro.
H: Mas não sabes que espaço é esse?
M: Não.
H: Bem, vamos agora recuar um pequenino bocado — cerca de três meses — diz-me, por favor, onde te encontras?
M: Numa caverna.
H: O que vês?
M: Nada.
H: Como te sentes?
M: Bem.
H: Como é o que te rodeia?
M: Escuro.
H: Sentes-te bem?
M: Sim.
H: Tens quaisquer sentimentos desagradáveis?
M: Não.
H: Consegues sentir alguma coisa?
M: Não.
H: Que tamanho tens, aproximadamente?
M: Cerca de — hm — vinte a vinte e cinco centímetros.
H: Desse tamanho?
M: Sim.

H: Que idade tens, aproximadamente?

M: Não sei.

H: Consegues estimar?

M: Meio ano.

H: Bem — vamos recuar ainda mais — cerca de seis meses escassos! Onde te encontras?

M: Novamente numa caverna.

H: Que tamanho tens, aproximadamente?

M: Não sei.

H: Estima, por favor.

M: Hm... dez centímetros.

H: Vamos recuar ainda mais! Vais passar a respirar de forma muito calma e profunda a partir de agora e não vais sentir quaisquer incómodos! Vamos recuar mais e mais! Onde te encontras?

M: Em lugar nenhum.

H: Que tamanho tens, aproximadamente?

M: Não tenho tamanho.

H: Como?

M: Não tenho tamanho nenhum!

H: És, portanto, pequeno?

M: Sim, muito pequeno, muito, muito pequeno!

H: Que tamanho mais ou menos, ou quão pequeno mais ou menos?

M: Um milímetro.

H: E onde te encontras?

M: Não sei.

H: Sentes-te bem?

M: Hm... Não tenho perceção.

H: O que consegues ver?

M: Nada.

H: Como te chamas?

M: Não tenho nome.

H: Que idade tens?

M: Não tenho idade.

H: Porque não?

M: Não sei.

H: Falas sempre em «eu» — como definirias esse «eu»?

M: Talvez como bacilo.

H: Como chegas a essa ideia?

M: Porque sou assim tão minúsculo!

H: Consegues ver-te?

M: No.

H: Consegues sentir-te no teu tamanho?

M: *(hesitante)* Sim.

H: Consegues distinguir o bem do mal?

M: Não.

H: Pode acontecer que, no teu estado atual, tenhas em algum momento um sentimento desagradável?

M: Não.

H: O estado é, portanto, continuamente agradável?

M: Ele é o quê, como, onde???

H: É permanentemente, sem interrupção, agradável, este estado atual?

M: Não é agradável, nem não agradável.

H: Não é, portanto, nem belo nem...

M: *(interrompendo)* Exatamente, exatamente.

H: Vamos agora recuar mais um pouco, e concretamente até um momento muito determinado — dizem-te algo os números dos anos?

M: Sim, julgo que sim — não sei.

H: O que dirias, em que ano te encontras agora, mais ou menos?

M: Hm... mil novecentos... hm... e trinta e seis.

H: O que sabes de especial desse ano?

M: Nada.

H: O que aconteceu aí?

M: Não sei!

H: Sabes como é um ser humano?

M: Não.

H: O que é um ser humano?

M: Não sei.

H: Mas certamente conheces um elefante?

M: Qual quê!

H: Porque não? Nunca estiveste no jardim zoológico?

M: *(sorri).*

H: Hm... diz-me.

M: *(irritado)* Mas eu não sei o que é um jardim zoológico!

H: Ah, não conheces seres humanos — mas no mundo há imensos seres humanos.

M: Não sei.

H: Onde fica o mundo, mais ou menos?

M: Hm... não sei.

H: Conheces o mundo?

M: Não.

H: Porque não?

M: *(respira profundamente e diz com visível irritação)* Não sei!!!

H: Vamos recuar cerca de trinta anos — talvez consigas ver alguma coisa?

M: Não.

H: Não? Em que ano estamos, afinal?

M: Hm... 1906!

H: Vamos recuar um ano... consegues ver algo?

M: Não.

H: Onde te encontras?

M: Não sei.

H: Como te chamas?

M: ...

H: Como te sentes?

M: Hm, hm... morto.

H: Respiras de forma muito calma e uniforme — vais agora descrever-me com toda a lucidez o que se passa contigo! Onde estás?

M: Numa sepultura.

H: Estás numa sepultura. Onde fica essa sepultura?

M: Num jardim gigantesco.

H: Onde fica esse jardim?

M: Em França.

H: Em que localidade?

M: Paris.

H: Porque estás deitado nessa sepultura?

M: Porque estou morto!

H: Porque estás morto? Certamente morreste de alguma coisa — porquê?

M: Sim, sim!

H: Diz-me lá a causa!

M: Oh, dei um tiro em mim próprio!

H: Cometeste suicídio?

M: Sim.

H: Porquê?

M: Hm... tenho tantas dívidas!

H: Contraíste dívidas?

M: Sim.

H: Porquê?

M: Valha-me Deus, não compreendo — aconteceu assim.

H: Consegues ver-te a ti próprio?

M: Não.

H: Mas sentes-te?

M: Sim.

H: E quando deste o tiro em ti próprio? Consegues dizer-me a data?

M: *(hesitante)* Sim... quando foi isso?... hm... 1905, sim, foi há pouco tempo — há cerca de dois meses, mais ou menos.

H: Tenta dizer-me a data exata, por favor.

M: ...

H: Espera, vamos recuar mais um pouco — e tanto até que te lembre a data.

M: ...

H: Pensa um pouco, nada te exalta, sentes-te bem, muito, muito bem! Mas diz-me a data, por favor!

M: O dia 17/03.

H: Ano?

M: Sim!

H: Que ano?

M: 1905!

H: O dia 17 de março de 1905?

M: Sim!

H: Pela manhã ou à tarde? À noite? À noite alta?

M: Hm... isso é à noite.

H: Consegues dizer-me a hora?

M: Sim — meia-noite!

H: Num jardim... que jardim é esse?

M: O nosso jardim.

H: Moram aí os teus pais?

M: Sim.

H: Como se chamam eles?

M: Depre.

H: Nome próprio da tua mãe?

M: Charlotte.

H: Do teu pai?

M: Jean.

H: Como te chamas?

M: Jean.

H: Quando nasceste?

M: Hm... 1882.

H: Em que data?

M: *(respira pesadamente)*... já não sei!

H: Vamos recuar ainda mais um pouco... cerca de três anos — diz-me, onde te encontras?

M: Hm... num grande salão.

H: Onde fica esse salão?

M: Ora, em nossa casa!

H: O que significa em vossa casa — o que significa em nossa casa?

M: Em nossa casa é em nossa casa!!!

H: Onde é isso? Que cidade, que país?

M: *(agastado)* Ora, Paris!!!

H: És francês?

M: Sim.

H: Então gostaria de te pedir que falasses francês! Responde agora a tudo em francês, por favor, mesmo que eu pergunte em alemão! De acordo?

M: *(manifesta o seu desagrado!)*

H: Porque não? Mas tu és francês! Então, de acordo?

M: Não!!!

H: Mas eu peço-te que o faças!

M: Mas não me apetece!

H: Ah, não sabes falar francês de todo?

M: Não.

H: Porque não?

M: Não sei.

H: És francês, acabaste de dizer.

M: Sim!

H: Porque não sabes falar francês?

M: Porque... äh... não sei!!!

H: Os teus pais falam francês?

M: Não.

H: Um senhor vai fazer-te agora uma pergunta; peço-te com muita, muita cortesia e amabilidade que respondas a essa pergunta!

(O Sr. Bernd E. faz algumas perguntas em francês, as quais ficam todas sem resposta!)

H: Porque não respondes?

M: Não compreendo!

H: Como falam os teus pais, afinal?

M: Falam alemão.

H: Como assim?

M: Também não sei.

H: Mas vós estais em França — como se explica isso?

M: ... Sim.

H: Como explicas isso a ti próprio? Como falas quando sais de casa? Certamente tendes amigos, conhecidos; como falam eles?

M: Falo alemão com eles.

H: Como é que eles sabem alemão?

M: Mas isso sei lá eu!... porque sabem alemão!

H: Morais em Zurique?

M: Não.

H: Não? Onde então?

M: Paris!

H: Ah, sim! Certamente já estiveste lá em cima na Torre Eiffel?!

M: Não.

H: Não?

M: Não conheço de todo!

H: Porque não?

M: Mas isso sei lá eu.

H: Diz-me lá o símbolo de Paris.

M: Num... Notre Dame.

H: Há mais algum símbolo?

M: Hm...

H: Alguma coisa marcante em Paris?

M: Ah... o... ach, não me lembra agora!

H: O que é? — descreve lá o que querias dizer com isso há pouco!

M: Um grande portal.

H: Ah — como se poderá chamar isso?

M: Hm... não sei.

H: Chama-se Arco do Triunfo?

M: Sim, julgo que sim.

H: Como lhe chamam os franceses?

M: ... *(reflete)*...

H: Conto até três, e depois vai lembrar-te como um relâmpago — um — dois — três!

M: *Arc de Triomphe*.

H: Que escola frequentas?

M: Não frequento escola nenhuma!

H: Porque não?

M: Valha-me Deus... temos tanto dinheiro.

H: Tendes muito dinheiro?

M: Sim, sim!!!

H: Como assim, que profissão tem o teu pai, afinal?

M: Não tem profissão nenhuma!

H: Porque não?

M: Hm... não precisa de trabalhar!

H: Não compreendo isso muito bem — porque não?

M: Porque temos tanto dinheiro!

H: Ah... e de onde tendes esse dinheiro todo?

M: ... temos e pronto!!!

H: Ah — sim... que idade tens?

M: *(após longa reflexão e hesitação)* Cerca de... por volta dos vinte e três, por aí...

H: Tens quaisquer preocupações?

M: Não.

H: Estás feliz, satisfeito?

M: Sim, sim.

H: Como és, por favor? Imagina que estás diante de um espelho; descreve-me com a maior exatidão possível como és!

M: ... hm...

H: Comecemos por cima, pelo cabelo.

M: É comprido.

H: E de que cor?

M: Loiro.

H: Cor dos olhos?

M: Azuis.

H: Nariz?

M: Como assim, nariz???

H: Tens o nariz curto, grande, comprido, pequeno?

M: Nariz normal.

H: Descreve-me, por favor, o vestuário que tens deitado.

M: ... folhos.

H: Cor?

M: Branco.

H: Refiro-me a todo o vestuário.

M: Azul.

H: Gostaria de voltar a focar o teu pai; dizes que ele não trabalha — o que é o teu pai, afinal?

M: Um... o meu pai não é nada.

H: Absolutamente nada?... ou seja, se eu tivesse de me dirigir a ele, como deveria tratá-lo?

M: Por Barão!

H: Como assim, por Barão?

M: Porque ele é barão!

H: Ah, ele é barão... tendes desses cartões pequenos onde está escrito o vosso nome?

M: Sim.

H: Como são esses cartões?

M: Está lá o nome e depois... tem uma coroazinha em cima!

H: Uma o quê?

M: Coroa!!!

H: Quantas pontas tem essa coroa?

M: Seis — julgo eu.

H: Olha lá bem com atenção! Um cartão está precisamente à tua frente agora, pelo que só precisas de contar!

M: Cinco!

H: Tens a certeza?

M: Não sei bem — coroa é coroa!!!

H: Vou contar agora até três, e depois, de um momento para o outro, vais conseguir compreender francês!

M: E se não conseguir?

H: Espera para ver; vou contar até três, e depois, de repente, vais ouvir alguém a falar francês contigo, e nessa altura consegues compreender de um momento para o outro! Independentemente de como me responderes, podes responder em francês, podes responder em alemão! Um — dois — três, compreendes francês!

(O Sr. Bernd E. faz novamente perguntas em língua francesa ao médium!)

H: Podes responder-me em alemão... não compreendeste nada?

M: Não.

H: Bem, isso não importa; sabes a ascendência dos teus pais?

M: Mas isso é desinteressante, o principal é que somos barões!!!

H: Precisamente por causa disso acho muito interessante; os teus pais nunca contaram nada de antigamente, de onde vêm?

M: Não.

H: Tendes um nome muito francês e não falais francês — os teus pais também não falam?

M: Não, eles falam alemão.

H: Sempre?... ou também sabem francês?

M: Não sei, comigo falam sempre alemão.

H: Como explicas o facto de terdes um nome francês, falardes alemão e morardes em Paris? Isso não combina!

M: Talvez tenhamos morado na Alemanha antigamente, ou num país de língua alemã, Suíça... Áustria?!

H: Onde nasceste, afinal?

M: Em Paris!

H: Tens irmãos ou és filho único?

M: Não, sou filho único.

H: Quanto é dois e três?

M: Cinco!

H: Quanto é vinte e sete menos cinco?
M: Vinte e dois!
H: Quanto é três e meio menos dois e meio?
M: Um!
H: Quanto é a raiz quadrada de três?
M: Não sei.
H: Tens medo da bomba atómica?
M: Hm???
H: Se tens medo da bomba atómica?
M: Não conheço.
H: Quem governa o vosso país?
M: Um tipo qualquer...
H: Mas tens de saber quem é — na qualidade de filho de barão tens uma educação tão boa que sabes isso com toda a certeza! Sabes o nome? Que tipo de pessoa é essa, na verdade? Dizes «um tipo qualquer» — é um chanceler federal ou uma rainha?
M: Rei!
H: Rei? — Nenhuma rainha? Também nenhum chanceler federal?
M: *(a rir)* Não!
H: Tens a certeza? Já viste o rei alguma vez?
M: Não — não sei — julgo que não! Pode ser...
H: Sabes onde ele mora?
M: Não.
H: Consegues dar-me a morada de onde morais, por favor?
M: ... hm... não tem morada!
H: Como assim, não tem morada?
M: Mas isso sei lá eu!
H: Descreve-me como é a casa! É uma casa pequena?
M: No, uma casa grande!
H: Que tamanho tem?
M: Hm... muito grande!
H: Como se chama esse palácio, afinal?
M: Não sei!
H: Julgo que já me disseste uma vez que tendes um Mercedes?
M: *(a rir)* Ora, eu não disse isso!
H: Não?

M: Não!

H: Mas tendes um?!

M: Não!... O que é isso?

H: Mas tu hás de saber o que é um Mercedes!

M: Eu não sei!

H: O que julgas que é isso?

M: Hm, uma ave.

H: Tendes animais?

M: Não.

H: Quantos empregados tendes?

M: Não sei.

H: Diz-me, por favor, os nomes de quaisquer conhecidos e amigos teus, pessoas que entram e saem em vossa casa, pessoas...

M: *(interrompe)* Sim, sim, o professor particular!

H: Como se chama ele?

M: Chama-se como eu — Jean!

H: Apelido?

M: Trato-o apenas por Jean!

H: Sim, mas tu hás de saber qual é o apelido dele!

M: É-me indiferente, trato-o por Jean!

H: Como é ele?

M: Sim... parecido comigo.

H: Tens mais algum conhecido, um amigo, uma namorada? Conheces alguma rapariga?

M: *(reflete)* Não me lembra nenhuma agora!

H: Que idade tens, disseste vinte e três? Então vamos avançar um ano. Tens vinte e quatro anos. Alterou-se alguma coisa em ti em relação ao ano passado? Nas tuas condições? Ainda moras com os teus pais?

M: Sim.

H: Alterou-se alguma coisa?

M: Julgo que não.

H: Gostas de beber?

M: Sim.

H: Muito?

M: Isso é relativo.

H: Consegues dizer-me uma unidade de medida qualquer? Mais ou menos quanto à noite ou por dia?

M: Cerca de duas garrafas de conhaque.

H: Duas garrafas de conhaque por dia?

M: Sim.

H: De onde tens o dinheiro para isso?

M: Não preciso de dinheiro — está por aí espalhado.

H: O quê, o dinheiro?

M: Não, o conhaque.

H: Onde está ele?

M: Está por aí pousado.

H: Onde, na casa de banho?

M: *(a rir)* Não, no salão.

H: Como é o vosso salão?

M: Muito grande.

H: Grande?

M: Sim.

H: Como está mobilado?

M: Espaçoso, não tem muita coisa lá dentro.

H: Descreve-me os móveis, como são?

M: Hm, uma grande mesa.

H: Diz-me, a mesa é de madeira de teca?

M: Não sei.

H: Vamos avançar ainda mais um pouco. Continuas a gostar de beber? Tens muito dinheiro?

M: Sim.

H: De onde tens esse dinheiro?

M: Dos meus pais.

H: Quanto tens por mês, mais ou menos? — ou por semana. É-me indiferente o que digas. Uma estimativa por alto, mais ou menos?

M: Dez mil francos.

H: Em que período de tempo?

M: Numa semana.

H: O que fazes com o dinheiro?

M: Jogo com amigos.

H: Como se chamam esses amigos?

M: O meu professor particular.

H: O teu único amigo.
M: Sim.
H: E é assim que gastas o teu dinheiro?
M: Sim, sim.
H: Sais em Paris?
M: Não, menos...
(Breve interrupção na gravação da fita).
H: Ainda bebes?
M: Sim.
H: Como estás financeiramente?
M: Não estou bem.
H: Porque não?
M: Já não recebo dinheiro.
H: Porque não?
M: Não sei.
H: Mas isso tem de ter uma razão? Tu hás de sabê-la!
M: Zanguei-me.
H: Onde moras?
M: Ainda no palácio.
H: Ainda falas com os teus pais?
M: Não.
H: Ainda gostas de beber?
M: Sim.
H: De onde tiras a bebida?
M: Isso é o meu amigo que me arranja.
H: De graça?
M: Sim.
H: Ele oferece-ta?
M: Sim, vai buscá-la ao salão.
H: Ah, do salão. É o vosso próprio conhaque?
M: Sim, sim.
H: É o teu professor particular?
M: Sim.
H: Que idade tem ele?
M: Mais velho do que eu — cerca de vinte e oito anos.
H: Disseste que já não estás assim tão bem?
M: Sim *(angustiado)*.

H: Precisas de dinheiro?

M: Sim.

H: Porquê? Para que precisas de dinheiro?

M: Não consigo viver sem dinheiro.

H: Sim, mas tu tens tudo. Moras em casa. Tens o que beber. Para que precisas de dinheiro?

M: Preciso e pronto. Se não o tiver nos dedos, não me sinto bem.

H: Estás doente?

M: Sim.

H: De quê?

M: Hm, não sei *(agora muito imperfeito e não se compreende com exatidão)*: em baixo (?) qualquer coisa.

H: Respiras de forma muito calma e uniforme. Vamos agora avançar muito rapidamente no tempo para a frente. Isso acontece muito depressa e não te vai sobrecarregar de modo algum, passa a voar, avançamos mais e mais para a frente. Diz-me, onde te encontras precisamente agora?

M: Debaixo da terra.

H: Tens um corpo?

M: Sim.

H: Onde te encontras?

M: Num jardim.

H: Avançamos no tempo até que algo se altere no teu estado atual, e tu vais descrever-mo, por favor! Vamos avançar até esse momento.

M: Pobre.

H: Pobre o quê?

M: O que me rodeia.

H: Onde te encontras?

M: Na casa.

H: Como te chamas?

M: Klaus Peter S.

H: Que idade tens?

M: Acabado de nascer.

H: Em que cidade te encontras?

M: Em Kulmbach.

H: Avançamos mais para a frente, avançamos cada vez mais na tua vida, tens um ano, tens dois anos, tens dezoito anos, tens cinco anos, tens sete anos, tens dez anos, em que ano estamos?

M: 1964.

H: Como te chamas?

M: Klaus Peter S.

H: Avançamos — tens doze anos, tens catorze anos. Em que ano estamos?

M: 1969.

H: Em que mês nos encontramos?

M: Janeiro.

H: Sabes a data exata?

M: Sim, sim, 21.

H: Tens a certeza?

M: Sim.

H: Sabes onde te encontras?

M: Sim, sim, na Augustenstraße.

H: Sabes o que aconteceu contigo?

M: Estou num sono hipnótico.

H: Este sono é profundo ou leve?

M: Profundo.

H: Muito profundo?

M: Assim médio.

H: Sentes-te bem?

M: Sim.

O médium é acordado. Fim da sessão.

Alguns anos mais tarde, no dia 3 de agosto de 1972, conheci num círculo privado o jovem de vinte anos Konrad H., finalista do ensino secundário, que se revelou um médium muito bom. Algumas das pessoas presentes, que sabiam dos meus experimentos de reencarnação, encorajaram-me a tentar ver se conseguia recolocar também o Sr. Konrad H. numa vida anterior. O Sr. Konrad H. nada sabia sobre os meus experimentos e disponibilizou-se sem qualquer suspeita para aquela sessão na qual, por fim, após a introdução habitual, surgiu o seguinte protocolo breve:

H: Vamos recuar mais um ano, tens dois anos, como te sentes?

M: Bem.

H: Que idade tens?

M: Dois anos.

H: Vamos recuar mais um ano, tens um ano, como te chamas? *(Pausa)* Como te chamas? Consegues responder-me a cada pergunta, fala!

M: *(permanece em silêncio)*.

H: Que idade tens?

M: Um ano.

H: Alguma coisa te incomoda?

M: Não.

H: Como te sentes?

M: Normal.

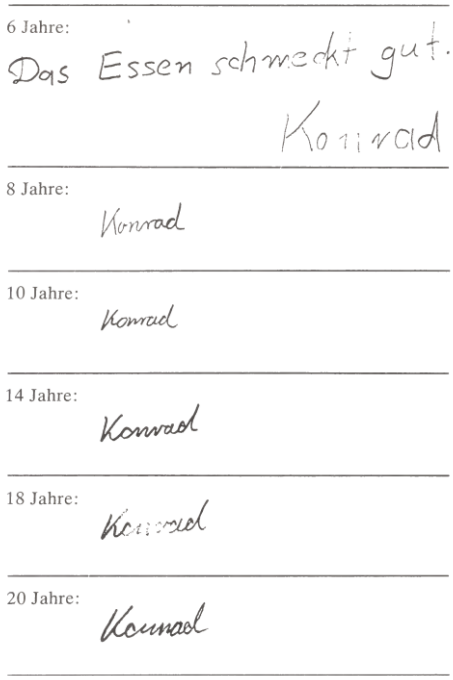
H: Bem, bem?

M: Sim.

H: Mesmo que fiques cada vez mais jovem e que eu te reconduza cada vez mais para trás, compreendes cada pergunta e podes também responder a cada pergunta, pois tens à tua disposição um vocabulário gigante. Vamos, de facto, recuar ainda mais agora. Respiras com toda a calma e muito profundamente, todo o teu corpo está relaxado e calmo.

Não vais ter quaisquer incómodos no período que se segue, vais sentir-te bem, mas tudo o que eu te disser vais reviver de um momento para o outro, e decerto com uma certa distância, de modo que possas relatar-mo com precisão. Vais poder relatar-me com toda a exatidão tudo o que acontece e o que vives, porque o vês de forma perfeitamente exata à tua frente.

Mas, de algum modo, estás um pouco desinteressado de toda a questão, será como se estivesses a observar um estranho, embora na realidade sejas tu próprio. Vamos agora recuar ainda mais, e concretamente até ao teu nascimento. Estás, portanto, precisamente a nascer nesta altura. Como te sentes?



"Estas assinaturas foram escritas por Konrad H. durante uma sessão de hipnose, nos diferentes estádios etários que lhe foram sugeridos."

M: Frio.

H: Que mais?

M: Claro.

H: O que consegues perceber mais? Alguma coisa desagradável?

M: Não *(faz força/pressão)*.

H: Vamos recuar mais um pouco, vamos recuar mais três meses; como te sentes?

M: Bem.

H: Onde te encontras?

M: Escuro.

H: O que sentes?

M: Calor.

H: Como te chamas? *(Pausa)* Não sabes?

M: Não.

H: Não importa. Se eu te perguntar algo que não saibas, dizes: não sei. Alguma coisa te incomoda?

M: Não.

H: Se quiseres dizer uma coisa qualquer, só precisas de mo dizer. Vamos recuar mais seis meses; onde te encontras? Diz-me, vês algo?

M: Escuro.

H: Isso incomoda-te?

M: Não.

H: Vês algo?

M: Túnel.

H: Um túnel? Que mais? Estás completamente calmo. Tens uma certa distância de tudo o que vives, vês isso mais do que o sentes. Por essa razão, consegues também relatar-me com toda a exatidão o que vives, sem um envolvimento próprio excessivo. Tens um certo afastamento daquilo que estás a viver agora. Será como se estivesses a observar um estranho, embora sejas tu próprio. Estás, portanto, totalmente calmo e consegues responder a tudo com total objetividade. Sentes-te bem com isso, respiras de forma profunda e uniforme. O que vês mais? O que sentes? O que consegues perceber?

M: Vou a passar por um túnel.

H: Vamos avançar mais meio ano para trás. Estás totalmente calmo, respiras de forma calma e uniforme, sentes-te bem. Como te sentes?

M: Leve.

H: Tenho agora um grande pedido a fazer-te: deves regressar no pensamento tão atrás até deparares com um acontecimento novo, de algum modo descritível, que se possa traduzir novamente em palavras. Deves regressar tanto na procura com o pensamento; se encontrares algo de novo, dir-mo-ás e descrevê-lo-ás de imediato. Vais, portanto, recuar mais no pensamento e vais poder também dizer-me e descrever-me tudo o que viveres com isso. Já tens alguma coisa?

M: Uma árvore.

H: Uma árvore?

M: Luz.

H: E uma luz? Como te chamas?

M: Não sei.

H: Que tamanho tens?

M: 1,60 metros.

H: Onde te encontras?

M: Debaixo de uma árvore.

H: Onde está essa árvore? Como és?

M: Tenho um vestuário verde deitado.

H: Em que ano estamos? Se não souberes, só precisas de dizer: não sei.

M: Dezasseis centos.

H: Dezasseis centos — em que país estás?

M: País nenhum.

H: Onde então? Cidade? Localidade?

M: Campo negro.

H: Campo negro? Porquê negro?

M: Não consigo reconhecer nada de especial nele.

H: O que me consegues contar sobre ti?

M: Estou de pé debaixo da árvore.

H: Tens profissão?

M: Não.

H: Que atividade estás a exercer precisamente agora?

M: Estou a tocar.

H: Com quê?

M: Guitarra — bandolim.

H: Como te chamas? Como te chamam?

M: Caçador.

H: Chamam-te Caçador? Certamente tens um nome pelo qual te chamam. Se alguém te chamar, como te chama? Como te sentes?

M: Bem.

H: Não tens nome?

M: Tulli.

H: Tulli? Sabes ler?

M: Sim.

H: Sabes escrever?

M: Sim.

H: Soletra-me o teu nome.

M: T u l l i.

H: Em que ano estamos precisamente? Estás totalmente calmo, respiras de forma calma e uniforme.

M: Dezasseis centos.

H: Exatamente dezasseis centos?

M: Sim.

H: Como se chama o vosso rei ou imperador, afinal? A quem serves?

M: Livre.

H: Livre o quê? Não sabes? Conto até três, e depois saberás. Um - dois - três.

M: Henrique.

H: Henrique? Em que país nos encontramos, que Estado? Que região? Como se chama o local onde moras? Tu hás de saber isso. Um - dois - três - tu sabes.

M: Danúbio Negro.

H: Danúbio Negro? E és caçador — chamas-te Tulli — estás de pé debaixo de uma árvore e tocas guitarra. — Vamos agora avançar novamente no tempo, pois o tempo não desempenha qualquer papel para nós. Vamos avançar muito, muito para a frente, para a frente e cada vez mais para a frente, até um ano a que chamam 1952, 1952. Nasceste como o pequeno Konrad, pois já ultrapassámos o mês de maio de 1952. Chamas-te Konrad H., sentes-te bem e dormes profunda e firmemente. Estamos no ano de 1954, que idade tens?

M: Dois anos.

H: Como te chamas?

M: Não sei.

H: Avançamos mais dois anos, estamos no ano de 1956. Que idade tens?

M: Quatro anos.

H: Como te chamas, afinal?

M: Konrad.

H: Como te sentes?

M: Bem.

H: Avançamos mais dois anos, tens seis anos; já vais à escola?

M: Sim.

H: Avançamos mais no teu país, tens oiro anos. Como te chamas?

M: Konrad H.

H: Hoje é o teu oitavo aniversário. Em que data estamos?

M: 1960.

H: Que dia da semana?

M: Quarta-feira.

H: Avançamos mais, tens dez anos. Avançamos mais, tens doze anos. Avançamos mais, tens catorze anos. Em que classe andas?

M: Terceira.

H: Como se chama a tua escola?

M: ... Liceu.

H: Como te sentes?

M: Bem.

H: Avançamos mais dois anos, tens dezasseis anos; avançamos mais, tens dezoito anos; avançamos mais, tens vinte anos. Encontramo-nos hoje no dia 3 de agosto de 1972, estás aí deitado e dormes e sentes-te bem, infinitamente bem, muito, muito bem, feliz e satisfeito, encontras-te num sono profundo, muito profundo; não te vou falar durante alguns minutos agora, e neste sono mais aprofundado vais restabelecer-te, todo o teu sistema nervoso vai restabelecer-se, os teus braços estão pesados e agradavelmente quentes, todo o teu corpo fica agradavelmente quente. *(Fim da fita magnética).*

Infelizmente é impossível reproduzir a tensão das sessões em protocolos escritos, nem que seja por metade. A audição das fitas magnéticas transmite um pouco mais dessa atmosfera carregada de tensão, porém as sessões em si eram tão emocionantes que eu ficava indizivelmente aliviado de cada vez que os meus médiuns estavam novamente acordados e se riam de forma despreocupada para o espaço ao redor.

Muitas pessoas que, entretanto, souberam dos meus experimentos espantam-se por eu, desde estes primeiros sucessos, não ter continuado a fazer experimentos sem interrupção e por, devido a isso, não poder apresentar hoje uma coleção de centenas de experimentos. Pressionado por tais perguntas, tenho de admitir que não faço estes experimentos de bom grado. Embora a hipnose represente para mim, desde há muitos anos, um puro trabalho de rotina, os experimentos de reencarnação nunca se tornaram rotina para mim. De cada vez, apodera-se de mim uma indizível tensão interior.

Não se pode esquecer também a componente jurídica: não posso dizer nada previamente aos meus médiuns sobre o experimento planeado, se não quiser retirar toda a credibilidade aos resultados. Por essa razão, não posso obter previamente das minhas pessoas de teste qualquer autorização para estes experimentos. Estes quatro experimentos com as duas pessoas de teste não foram, afinal, o resultado de uma investigação planeada do problema da reencarnação; muito pelo contrário. Através da minha curiosidade lúdica e,

provavelmente ao mesmo tempo, devido a algumas circunstâncias felizes, avancei por mero acaso para uma área que, do ponto de vista teórico, eu não conseguia apreender por completo nem processar.

O meu pensamento movia-se, na altura, dentro da teoria da psicologia profunda de Freud, de algumas abordagens behavioristas e de um ateísmo psicológico — um panorama de fundo, portanto, que na verdade não me facilitava a integração dos meus fenómenos recém-descobertos. A minha tarefa mais urgente era, por conseguinte, procurar primeiro caminhos que pudessem resolver a contradição das minhas descobertas com as minhas visões.

A primeira tentativa de explicar os meus experimentos através de teorias psicológicas conhecidas por mim não levou longe, após um exame mais detalhado e honesto. Interessei-me por tudo o que já existia sobre este tema em termos de abordagens experimentais ou teóricas, mas fiquei surpreendido quando tive de constatar que na verdade eu não era o único a ser confrontado com este problema. Descobri uma quantidade gigante de relatos que pareciam todos provar o mesmo: existe uma vida após a morte. A nossa existência não é um acontecimento único e breve, mas sim uma continuidade que manifestamente obedece a leis sobre as quais eu nunca antes tinha sabido nada. Desta vaga de relatos que conheci, gostaria de selecionar uns poucos, particularmente impressionantes.

O Caso Bridey Murphy

Em meados dos anos cinquenta, o jovem distribuidor de jornais Richard Swink, de Schorne/Oklahoma, pôs fim à vida com um tiro. Na sua carta de despedida constava que lera um livro sobre reencarnação e que queria agora certificar-se pessoalmente da exatidão da doutrina do renascimento. Referia-se ao livro do hipnotizador amador Morey Bernstein, *The Search for Bridey Murphy* (À Procura de Bridey Murphy), de 1956. Bernstein descrevia nele como reconduzira a dona de casa americana Ruth Simmons (nome fictício para Virginia Tighe) a uma vida anterior através da hipnose. A uma vida como Bridey Murphy, filha de camponeses e mulher de um guarda-livros na Irlanda do século passado.

O médium, que nunca estivera na Irlanda, mencionou sob hipnose detalhes da vida rural irlandesa que foram confirmados em parte por

historiadores e jornalistas após investigações minuciosas. A prova definitiva de que Bridey Murphy vivera realmente, contudo, só a conseguiram apresentar de forma fragmentária.

Este livro surgiu na tradução alemã, pela primeira vez, na editora Zierau Verlag sob o título «O Caso Bridey Murphy» e foi reeditado em 1973 na editora Scherz Verlag com o título «Protocolo de um Renascimento».

Apesar disso, o livro de Bernstein desencadeou uma verdadeira histeria. Só nos EUA foi vendido um milhão de vezes. Revistas que publicavam páginas inteiras de cartas de leitores a favor e contra conseguiram aumentos gigantescos de tiragem. Os protocolos de Bernstein foram vendidos em discos de vinil. Depois chegaram inclusivamente a compor-se canções sobre Bridey Murphy. O número de círculos de hipnose cresceu de forma incomensurável e, em muitos meios, era considerado elegante aparecer como o seu eu anterior ou futuro. A discussão abrangeu todo o país e depois também a Europa. Este livro encorajou-me a continuar os meus experimentos. Foi uma revelação.

A doutrina da reencarnação veio da Ásia e dominou até hoje os maiores espíritos do Ocidente. Pitágoras, por exemplo, acreditava poder lembrar-se de três vidas anteriores. Ovídio afirmava já ter vivido uma vez durante a Guerra de Troia; o imperador Juliano julgava ser uma nova corporização de Alexandre, o Grande. Novalis lembrava-se de uma vida como contemporâneo de Cristo, e Stefan George de uma vida na antiga Espanha. Adeptos da doutrina da reencarnação foram também Platão, Plotino, Giordano Bruno, Espinosa, Milton, Swinburne, Rossetti, Goethe, Scott, Schopenhauer, Victor Hugo, Ibsen, Huxley e muitos outros. Algumas citações poderão ilustrar isto:

Rousseau

Nós, seres humanos, vivemos metade do tempo durante a nossa existência terrena; a vida real da alma só começa com a morte do corpo.

Horácio

Não morrerei por completo; uma parte essencial de mim mesmo escapa ao túmulo.

Cícero

A morte não é um declínio que tudo anula e destrói, mas sim uma transição: uma migração e o início de outra vida. A toda a vida está assegurado o ser eterno.

Schelling

Através da morte estamos, metaforicamente falando, apenas saídos de um ser para entrar noutro ser, a saber, deste mundo para o além.

Evidentemente, muitos dos defensores aqui referidos eram poetas e filósofos aos quais o cético censurará terem sido vítimas da sua força de imaginação. O psicólogo fala, neste contexto, do fenómeno da «falsa recordação». Porém, desde o final do século passado que também os cientistas, entre eles numerosos médicos, se ocupam com o problema da reencarnação. Só o internista sueco John Björkhem reuniu quase seiscentas histórias de casos. Em muitos destes casos parece totalmente excluído que a vida anterior do médium interrogado seja de interpretar meramente como um «ato de fantasia».

Citem-se aqui apenas três exemplos desta coleção:

- **Exemplo de caso um:** Uma professora de educação física inglesa fala egípcio antigo sob hipnose, num dialeto como o que presumivelmente se falava na época da 18.ª Dinastia.
- **Exemplo de caso dois:** Uma americana domina, para espanto dos filólogos, uma língua oriental com mil anos de antiguidade, quase esquecida, no estado de transe.
- **Exemplo de caso três:** Um homem de nome Mirabelli, que nunca aprendeu línguas estrangeiras, escreve sob hipnose em vinte e oito línguas e dialetos diferentes.

O Caso Shanti Devi

O caso mais famoso de reencarnação ocorreu na Índia.

Cito aqui, em extrato, o relato original que foi publicado em 1936 sob o título «A Case of Re-Incarnation», com um prefácio do Prof. M. Sudhaker da National University de Lahore. A parapsicóloga Dra.

Gerda Walter traduziu este relato para alemão e publicou-o em 1956 na revista *Neue Wissenschaft*:

«Até por volta do seu 4.º ano de vida, Shanti Devi quase nada falava, como se fosse muda. Depois, começou a relatar tudo o que era possível sobre o que "fizera outrora em Muttra", como se vestia, que pertencera à casta Choban, que o seu marido era comerciante de tecidos, com o qual vivera numa casa amarela.

Os pais, inicialmente, não prestaram atenção a isso, considerando que se tratava de conversa infantil. Devi, contudo, não se deixou demover e pedia repetidamente para poder ir a Muttra. Até 1933, porém, ela nunca mencionou o nome do seu marido anterior, porque não fica bem a uma mulher hindu bem-educada pronunciar o nome do marido perante estranhos. Foi então que o seu tio-avó, Bishan Chand, professor na escola Ramjas de Deli, soube disso e prometeu-lhe ir com ela a Muttra caso ela indicasse o nome do seu marido anterior.

Sobre isto, ela disse que ele se chamava "Pandit Kedar Nath Choubey".

O professor relatou o caso ao seu diretor que, sem demoras, informou Kedar Nath Choubey a esse respeito. Para espanto de todos, este respondeu que todos os pormenores coincidiam. Sugeriu que um primo seu, Kanji Mal Choubey, que estava empregado em Deli, falasse com a criança. Ao mesmo tempo, pediu ao seu primo que procurasse a pequena.

Isto aconteceu na presença de testemunhas.

Shanti Devi reconheceu imediatamente o visitante como o "primo mais jovem do seu cônjuge" da vida anterior. Ela mencionou novamente o nome de Kedar Nath, indicou corretamente (sem que fossem feitas perguntas sugestivas) que o seu marido tinha apenas um irmão, que era mais velho do que este, que o sogro ainda não tinha falecido no tempo da sua vida e que ela o reconheceria, descreveu a sua casa em Muttra e uma loja de legumes em frente. Disse que tivera uma filha e um filho, etc.

Kanji Mal Choubey ficou, após esta conversa, convencido da exatidão da recordação retroativa e comunicou-o a Kedar Nath, que, em consequência disso, veio a Deli ter com Shanti Devi a 13/11/1935, acompanhado do seu filho de dez anos e da sua segunda mulher. Esta reconheceu-o de imediato ao entrar e desfez-se em lágrimas. Também

Kedar Nath ficou comovido até às lágrimas com a forma como ela respondia às suas perguntas. Declarou estar totalmente convencido de que a alma da sua falecida mulher se reincorporara em Shanti Devi. Esta comportava-se como uma mãe para com o rapaz de dez anos, embora tivesse apenas nove anos de idade. Quando eles partiram, passados dois dias, Shanti Devi queria ir com eles, o que os seus pais atuais não permitiram.

Shanti Devi atormentava agora os seus pais repetidamente para irem com ela a Muttra. Dizia que havia de encontrar o caminho da estação para o seu lar anterior, embora ficasse a uma boa distância. Por fim, as testemunhas obtiveram a autorização para viajar para Muttra a 24/11/1935 com a criança, os seus pais e mais dez testemunhas, entre as quais um fotógrafo, sendo a criança observada continuamente.

Shanti Devi, de nove anos, estava com uma disposição invulgarmente alegre. Quando o comboio se aproximava de Muttra, ela notou, no dialeto típico de Muttra, que o templo já estaria fechado à sua chegada (ela queria oferecer uma parte das suas poupanças no templo). Quando o comboio entrou em Muttra, ela gritou repetidamente no dialeto: "Muttra agai!" (Isto é Muttra). Ao desembarcar, as pessoas na plataforma foram mantidas o mais afastadas possível. Nisto, surgiu um homem mais velho com o vestuário típico de Muttra, que ela nunca vira antes, e integrou-se num grupo de pessoas à sua frente. Shanti Devi correu para ele, tocou nos pés do estranho cheia de reverência e colocou-se de lado. Interrogada sobre o homem, declarou ser o seu "Jeth" (o irmão mais velho do seu marido). Tratava-se, na realidade, do seu cunhado Babu Ram Choubey.

Em frente à estação, as testemunhas apanharam um carro à sua escolha e ordenaram ao condutor que seguisse rigorosamente as indicações da criança, que foi sentada ao lado dele. Ela conduziu o carro diretamente para o Portal Sagrado e respondeu corretamente a todas as perguntas sobre edifícios e ruas por onde se passava, por exemplo, que a rua antigamente não era alcatroada, que edifícios determinados outrora ainda não estavam ali erguidos, etc. Num caminho lateral estreito, mandou parar para se dirigir à casa. Pelo

caminho, saudou reverentemente um bramane de setenta e cinco anos como sogro.

Shanti Devi reencontrou a "sua" casa sem qualquer dificuldade, embora esta já não estivesse pintada de amarelo e se encontrasse arrendada a outras pessoas. Também o seu quarto anterior encontrou noutra casa de Kedar Nath, à qual se chegava por caminhos transversais. Mostrou também onde se encontrava uma fonte no pátio, a qual ela sempre mencionara, mas que agora estava coberta com uma pedra. Depois, dirigiu-se ao primeiro andar e indicou o "seu" quarto anterior, que teve primeiro de ser aberto com a chave. Num canto, indicou o local sob o qual o seu "tesouro" devia estar escondido. Ficou desapontada quando ali apenas foi encontrada a caixa vazia. Kedar Nath confessou mais tarde que retirara o tesouro após a morte dela. Ela reconheceu também a casa dos seus pais e encontrou, no meio de uma multidão de cerca de cinquenta pessoas, os seus antigos pais. Também o grande templo Dwarkadhish reconheceu com um grito de alegria. Finalmente, reconheceu pelo caminho o seu irmão, atualmente com vinte e cinco anos, e um outro tio do seu marido.

Aqui ficam os dados de ambas as vidas:

1.ª Vida:

- **nascimento:** 18 de janeiro de 1902
- **Nome próprio:** Lugdi
- **Nascimento do filho:** 25 de setembro de 1925
- **Morte (no pós-parto):** 4 de outubro de 1925, às 10 horas da manhã.

2.ª Vida:

- **Nascimento:** 12 de outubro de 1926
- **Nome e morada do seu pai atual:** B. Rang Bahadur de Mohalla Cheerakhana, Deli»

O Caso Imad Elawar

O caso seguinte foi investigado pelo investigador americano Prof. Ian Stevenson, da Universidade da Virgínia, e descrito detalhadamente no seu livro *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*. Aqui fica um breve resumo deste caso:

O rapaz Imad Elawar, nascido em dezembro de 1958 em Kornayel, no Líbano, afirmou, com a idade de escassos dois anos, que já vivera uma vez, e relatou acontecimentos e pessoas dessa vida

anterior. As primeiras palavras que conseguiu pronunciar foram os dois nomes «Jamile» e «Mahmoud», embora estes nomes não existissem de todo na sua própria família. Além disso, contava repetidamente sobre um desastre de circulação no qual um homem fora atropelado por um camião, perdera ambas as pernas e morrera pouco depois. Imad atormenta os seus pais com o pedido de viajar com ele para Khirby, uma aldeia que fica a cerca de trinta quilómetros de Kornayel, dado que ali vivera na sua vida anterior como membro da família Bouhamzy.

Quando Imad, um dia, passeia com a sua tia, corre de repente para um homem desconhecido e abraça-o. Quando este, surpreendido, lhe pergunta: «Conheces-me?», o rapaz responde: «Sim, tu foste meu vizinho.» O homem estranho provinha realmente de Khirby. Este incidente impressionou agora também o pai de Imad, que até então ficava muito agastado com as mentiras malditas do seu filho. Apesar disso, os pais não fizeram qualquer tentativa direta de verificar as indicações de Imad.

Em 1962, o Prof. Stevenson soube por acaso do rapaz Imad e das suas recordações de uma vida anterior. Stevenson mandou contar todos os pormenores destas recordações e viajou depois com o rapaz para Khirby. Na verificação, de quarenta e sete indicações de Imad sobre a sua vida anterior, quarenta e quatro revelaram-se inteiramente exatas; durante a visita a Khirby, Imad mencionou ainda mais dezasseis detalhes, dos quais catorze se revelaram corretos. As investigações em Khirby resultaram no seguinte:

As indicações de Imad sobre as circunstâncias e pessoas da sua vida anterior, bem como a descrição da casa, coincidiam exatamente com as circunstâncias de vida de um certo Ibrahim Bouhamzy. Ibrahim tinha uma amante de nome Jamile, com a qual vivia sem ser casado. Ibrahim morrera em 1949, com a idade de vinfe e vinte e cinco anos, de tuberculose. Era condutor de camiões e estivera envolvido em vários acidentes.

O seu primo e amigo Said fora atropelado em 1943 por um camião, tendo ambas as pernas ficado partidas. Morrera pouco depois da operação. Este infortúnio, que custara a vida ao seu amigo Said, tocara Ibrahim muito de perto. O homem que Imad abraçara na rua fora vizinho de Ibrahim. Imad conhecia o mobiliário interior da casa e

sabia como ela estava mobilada no tempo anterior à morte de Ibrahim. Imad conseguiu inclusive indicar com precisão o que Ibrahim dissera no leito de agonia antes da sua morte.

O Caso Barbro Karlen

O caso mais recente de uma recordação retroativa de uma vida anterior ocupa atualmente a opinião pública na Suécia. A sensação foi desencadeada na primavera de 1973 pelo semanário «Min Värld», quando publicou a confissão da jovem escritora Barbro Karlen:

«Eu fui Anne Frank na minha vida anterior!»

Mais adiante ela disse: «Lembro-me de vidas anteriores exatamente da mesma forma como nesta vida as pessoas se lembram da sua própria infância, isso é afinal evidente e simples. Desde a idade de dois anos que tenho conhecimento da minha vida como Anne Frank. Mas não tenho motivos para provar isso. Quem quiser acreditar em mim pode fazê-lo, e quem conceber a reincorporação como uma mentira que se mantenha nessa posição.»

Barbro Karlen, nascida em 1955, colocou de facto o que a rodeia em espanto quando era ainda uma criança pequena. Logo com um ano conseguia falar corretamente. Com dois anos começou então a contar coisas singulares que os pais não compreendiam de todo. Assim, a mãe de Barbro, Maria Karlen, relatou um passeio no qual a criança saltou de repente para a estrada.

Quando a mãe lhe gritou: «Barbro, não saltes para a estrada!», a pequena voltou-se e disse: «Chamo-me Anne!» A mãe perguntou: «Como te chamas mais, afinal?» Sem hesitar, a criança respondeu: «Frank.» Quando a mãe a corrigiu, dizendo que ela se chamava Barbro, ela retorquiu: «Mas eu sou as duas. Da última vez morei com outra mamã. Mas não fiquei lá muito tempo.»

Em 1965, quando Barbro tinha dez anos, os pais visitaram Amesterdão com ela. Barbro queria visitar a Casa de Anne Frank. Opôs-se à intenção do seu pai de apanhar um táxi para a casa, dado que afirmava conseguir encontrar o caminho a pé. De facto, a menina de dez anos conduziu os pais pelo caminho mais curto até à Casa de Anne Frank.

Sobre esta primeira visita, Barbro relatou mais tarde o seguinte: «Quando entrámos no anexo secreto, julguei que ia desmaiar. Todo o

medo e desespero que eu ali suportara outrora voltou a apoderar-se de mim. Não consegui permanecer lá dentro por mais tempo, tive simplesmente de sair, caso contrário teria de gritar tudo cá para fora. Tive o sentimento opressivo de que todos ao meu redor haveriam de reconhecer quem eu era na realidade.»

Na escola, Barbro chamou a atenção do seu professor Atle Burman pelas suas observações prematuras e, particularmente, pela sua invulgar aptidão para a escrita. Com seis anos escreveu os seus primeiros poemas, com sete anos o seu primeiro livro! Assim, Barbro deu que falar muito cedo, através de uma série de publicações notáveis, como prodígio literário. Aqui a memória evoca involuntariamente o diário de Anne Frank, no qual Anne, de quinze anos, formulou de forma tão insistente o seu desejo de se tornar escritora. Inclusive a semelhança física exterior entre Anne e Barbro é surpreendentemente grande.

Embora a discussão em torno do caso Barbro Karlen na Suécia não se encontre de modo algum terminada, a maioria dos factos fala a favor de que também este caso é um exemplo autêntico de uma recordação de uma vida anterior.

O estudo minucioso de todos estes relatos, dos quais os aqui citados representam apenas um minúsculo extrato, fez da possibilidade de uma reencarnação uma certeza. Vi que a dúvida em torno da doutrina do renascimento provém apenas da falta de informação. Quanto maior se tornava a certeza em mim, contudo, mais fortemente se manifestava também a contradição com todas as minhas visões e conhecimentos anteriores.

Como se deixava integrar o conhecimento do renascimento na nossa mundividência atual? Podia dar as voltas que quisesse, as contradições permaneciam flagrantes. Nesse momento comecei a pôr em causa a mundividência que me era familiar, moldada pelas ciências naturais — não queria continuar a acreditar numa coisa qualquer apenas porque era ensinada por algumas autoridades. Desenvolvi-me como um cético que apenas acredita naquilo que transformou no seu conhecimento através da experiência própria.

Procurei novos caminhos e encontrei com isso caminhos muito antigos: conheci as antiquíssimas doutrinas de sabedoria do Oriente, penetrei em áreas que hoje se tenta difamar como ocultismo ou

superstição. Mundos desconhecidos abriram-se diante de mim. Com uma nitidez cada vez maior sentia a discrepância entre este saber antiquíssimo, que tudo abrange, estes conhecimentos gigantescos de interconexões e de conformidade com as leis, e a nossa ciência académica materialista que, na realidade, caminha totalmente às escuras e, por isso, se orgulha infinitamente de cada grão encontrado por acaso.

Nesta ocupação, cristalizaram-se com o tempo alguns pontos fulcrais, áreas nas quais me pareceu recompensador penetrar com mais detalhe. Na psicologia descobri as obras de C. G. Jung, esse pensador grandioso que colocou a sua investigação ao serviço da ciência, mas que por ela não foi compreendido até hoje. A par disso, sentia com cada vez maior clareza a importância central da astrologia.

Tentei então, pelos mais diversos caminhos, avançar para esta área complicada. Os sucessos permaneceram deficientes e a confusão tornou-se antes maior, porque na astrologia existem diferentes escolas metodológicas, cujos sistemas distintos envolvem o principiante em algumas dificuldades. Após longas tentativas tateantes, tive depois a grande sorte de me tornar aluno de um dos astrólogos mais importantes do nosso tempo.

O seu nome é Wolfgang Döbereiner, que, na sua atividade de mais de trinta anos como astrólogo profissional, trouxe as antigas tradições astrológicas para um novo sistema que ostenta o nome de «Doutrina dos Ritmos de Munique». Este sistema diferencia-se de muitas outras escolas não só pelo seu nível elevado, mas sobretudo nos seguintes dois pontos essenciais:

1. Uma estrutura hierárquica dos símbolos, de outro modo desconhecida, conduz a uma precisão e exatidão insuspeitadas das interpretações.
2. Döbereiner privilegia a identificação e a compreensão de interconexões de conteúdos, opondo-se nisto conscientemente a todos os sistemas puramente técnicos que, embora alcancem em parte formulações também bastante precisas, já não conseguem compreender a interconexão dos conteúdos.

Menciono estas diferenças já nesta altura por este motivo, para deixar claro que, sempre que falar de astrologia, me refiro principalmente a esta doutrina dos ritmos de Wolfgang Döbereiner.

Alguns anos mais tarde, ocorreu novamente um caso de sorte semelhante e igualmente grande: pude tornar-me aluno de Frater Albertus, que me introduziu na cabalística e na alquimia prática de laboratório. Frater Albertus, que é o fundador da Paracelsus Research Society em Salt Lake City, é o mais importante alquimista de laboratório do nosso tempo.

O meu conhecimento com estes professores, aliado a estudos aprofundados em quase todas as áreas do esoterismo, conduziram-me a um mundo em que todas as crenças e todas as teorias são substituídas por um conhecimento autêntico, o conhecimento das interconexões no cosmos. Gostaria de tentar dar uma pequena visão desta grande área da metafísica, contudo quase desconhecida para a maioria das pessoas, e permitir que muitos participem nas descobertas surpreendentes que fiz entretanto.

A Descoberta da Realidade

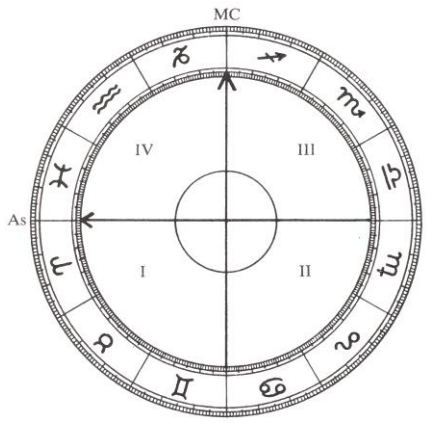
Eu sou astrólogo!

Esta observação basta normalmente para, a partir desse momento, já não ser levado a sério. É verdade que a astrologia exerce um certo atrativo sobre muitos — como entretenimento, como pretexto divertido para picardias caracterológicas —, mas levá-la a sério? Claro que não! Por quem me toma, afinal? Afinal de contas, não provenho da Idade Média, sou esclarecido, científico — e, aspetos gerais à parte —, o que é a astrologia propriamente — tanto faz —, a totalidade dos horóscopos dos jornais maioritariamente não coincide, nisso acreditam no máximo as mulheres e outros espíritos confusos.

Sim, o que é a astrologia propriamente? Em duas frases infelizmente também não consigo responder a esta pergunta de forma satisfatória. Comecemos, por isso, antes de mais, por demonstrar o seu modo de funcionamento: se investigarmos o céu, podemos identificar o Sol, oito planetas (Vénus, Marte, Mercúrio, Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno e Plutão) e, finalmente, a Lua como satélite da Terra. Todos

eles traçam a sua órbita, que a astronomia consegue calcular de forma matematicamente exata.

O panorama de fundo destes corpos celestes em movimento é formado pelo grande número das estrelas fixas que, devido à sua distância enorme, nos aparecem como imóveis. Este «espaço celeste» foi dividido pelos antigos em doze secções de igual tamanho de 30° e a cada setor foi dado um nome próprio — os chamados signos do zodíaco. Através desta fixação, pode-se agora designar com exatidão a respetiva posição dos planetas em qualquer momento que se deseje. Se eu fizer um horóscopo *(do grego: observação da hora)*, desenho num círculo, que está dividido em doze signos do zodíaco, todos os planetas tal como se encontravam, se encontram ou se encontrarão num determinado momento, com toda a exatidão. O horóscopo reflete graficamente a posição dos planetas (incluindo o Sol e a Lua) num momento perfeitamente determinado, por exemplo o nascimento de uma criança. Este «círculo» é, finalmente, dividido ainda em 4 quadrantes por dois eixos, um dos quais indica o horizonte oriental *(Ascendente)* e o outro o ponto mais alto do céu *(Mediumcoeli)*.



"Os dois eixos, Ascendente (As) e Meio-do-Céu (Mc), dividem o Zodíaco em quatro quadrantes."

Até aqui, de forma simplificada, o lado técnico de um horóscopo. Este trabalho apoia-se em cálculos astronómicos e é também logicamente compreensível para qualquer cientista natural. As opiniões dividem-se apenas nesta altura, quando o astrólogo tira conclusões a partir desta representação gráfica do céu sobre a pessoa que nasceu nesse momento, sobre o seu caráter, sobre o seu

comportamento, aliás, até mesmo sobre todo o seu futuro. Aqui começa para muitos a falta de lógica, para não dizer a impossibilidade de desperdiçar sequer um pensamento num «disparate» desse género.

Que pena! Posteriormente, contudo, as mesmas pessoas emitem juízos sobre a astrologia, criticam e discutem sobre uma matéria da qual — graças a Deus, no entender delas! — não têm a menor ideia. Mas poderei eu arrogar-me o direito de classificar a física quântica como a maior tolice, sem ter a menor ideia de física quântica, apenas porque não me parece óbvia à primeira vista ou porque não a consigo compreender em 10 minutos? É considerado uma evidência em todas as áreas científicas que só posso opinar e julgar se compreender algo da referida área do saber. Apenas a astrologia constitui uma exceção — aqui qualquer um pode criticar, para provar com isso a sua capacidade de julgamento. Afinal de contas, o indivíduo é médico ou psicólogo ou jurista — não basta? Será preciso, talvez, aprender primeiro astrologia para poder dizer que ela é um disparate? Gostaria de fixar mais uma vez de forma muito clara: se alguém quiser opinar sobre astrologia, tem primeiro de dar-se ao trabalho de aprender astrologia! Na história da astrologia existem imensos homens que a aprenderam como opositores, para poderem provar de forma fundamentada a sua natureza absurda! Estes homens transformaram-se todos, após o estudo, em defensores marcantes da astrologia!

Porque acredita agora o astrólogo poder inferir realidades concretas a partir de determinadas constelações de astros?

A astrologia é muito antiga. Surgiu numa época em que o sistema de pensamento dos seres humanos era completamente diferente do atual. Estamos habituados a pressupor que tudo o que fazemos hoje é melhor, mais correto e mais verdadeiro do que o que foi pensado antes de nós. Isto, porém, é um preconceito muito generalizado. Cada época está convicta do seu estilo de pensamento, caso contrário não pensaria assim — contudo, esta convicção subjetiva está longe de dizer algo sobre o seu conteúdo de verdade. O que há dez anos era considerado «verdade» na ciência encontra-se hoje há muito ultrapassado — no entanto, isso não significa forçosamente que o que era válido há mil anos tenha de estar igualmente ultrapassado, apenas por ter acontecido há tanto tempo. Mantenhamos, portanto, aberta a possibilidade de as culturas passadas terem estado eventualmente mais próximas da realidade em determinadas áreas e de saberem mais do que nós. Um humorista disse uma vez: «Os antigos gregos tinham espírito, mas não

tinham gasolina — nós temos gasolina...» (Por quanto tempo ainda, pelo menos a gasolina?)

Estas antigas culturas vivenciavam e sentiam o mundo como «cosmos», como algo ordenado em que cada fenómeno tinha um «sentido» determinado, dado que estava subordinado à conformidade com as leis do cosmos. Os sábios queriam conhecer esta conformidade com as leis — observavam a natureza, comparavam as formas de manifestação e identificavam interconexões que, sob uma observação mais detalhada, revelavam que todas as formas de manifestação no cosmos estão sujeitas às mesmas leis e, por isso, reagem analogamente. Este conhecimento concentra-se na célebre frase de Hermes Trismegisto: «Como em cima, assim em baixo.» (*Tabula Smaragdina Hermetis*) Esta frase, que ainda hoje é a frase-chave do esoterismo, estipula que existem leis universais que penetram as formas de manifestação em todos os níveis.

Este estilo de pensamento é causal, contudo esta causalidade abrange um espaço de realidade substancialmente maior do que o nosso conceito científico atual de causalidade. C. G. Jung formula o princípio da sincronicidade como modelo de explicação para interconexões «acausais». Mas porque razão falava ele de interconexões «acausais»? As interconexões são causais se eu conhecer as leis a que estão subordinadas. Ao nosso espírito moderno, científico, mas infelizmente ignorante, elas aparecem como acausais. Porém, é precisamente a causalidade a base para a possibilidade de calcular e prever os fenómenos da realidade no horóscopo com leis matemáticas.

Vemos, portanto: a disputa em torno da astrologia brota da diversidade de dois sistemas de pensamento, o cosmológico, que acredita na interconexão de todos os fenómenos no cosmos, e o das ciências naturais, que se limita à explicação funcional da realidade material. A diferença destas duas formas de pensamento não se esgota, contudo, ao nível da formação de teorias filosóficas, mas tem consequências práticas tão abrangentes que cada indivíduo deveria examinar seriamente de que lado reside mais «verdade».

Comecemos com o pensamento das ciências naturais. A sua legitimidade parece estar além de qualquer dúvida quando visualizamos as realizações e os sucessos enormes dos últimos cem anos. Se analisarmos, contudo, estas conquistas com um pouco mais de detalhe, descobrimos duas características essenciais deste desenvolvimento técnico-científico:

1. Os progressos limitam-se exclusivamente ao nível material, uma circunstância que quase ninguém incomoda, depois de nos terem deixado claro que além da matéria não existe nada.
2. Torna-se cada vez mais claro que cada novo desenvolvimento, passados alguns anos, traz consigo consequências indesejadas que têm de ser combatidas com novas medidas, as quais, por sua vez, fazem surgir efeitos desagradáveis, mantendo assim este círculo vicioso constantemente em movimento.

Sobre ambos os pontos voltarei a falar detalhadamente num capítulo posterior.

Neste local queremos, primeiro, examinar a outra direção do pensamento que nos é muito menos familiar, aliás, que é de tal modo estranha para a maioria das pessoas que lhes é impossível uma comparação objetiva. Investiguemos este «segundo estilo de pensamento» de forma exemplar na astrologia. Onde estão os sucessos, onde estão as possibilidades e, acima de tudo, existem provas? Embora estas perguntas sejam típicas do pensamento das ciências naturais e, por esse motivo, não tenham de ser obrigatoriamente aplicáveis a outra área, existem, não obstante, possibilidades de prova suficientes que deveriam satisfazer também um espírito objetivo das ciências naturais. Aqui ficam alguns exemplos:

1. Efeitos mensuráveis dos ritmos da Lua: O Dr. med. et phil. Heinrich Guthmann publicou logo em 1936, na revista «Medizinische Welt», resultados sobre o efeito da influência lunar na área da ginecologia. Assim, ele encontrou, por exemplo, um aumento de quase cem por cento de mulheres com menstruação na lua cheia e na lua nova. A estatística mostra que, em 10393 casos investigados, a média diária se situa nos trezentos e cinquenta, a qual desce para duzentos e cinquenta a trezentos casos antes da lua nova e da lua cheia, e dispara para cerca de quinhentos e cinquenta na lua nova e na lua cheia.
2. O Dr. med. Hilmer Heckert investigou os «Ritmos de lunação do organismo humano» (1961) e constatou uma dependência entre a frequência de nascimentos e as fases da Lua. Concretamente, na fase crescente da Lua os nascimentos de rapazes aumentam e os de raparigas diminuem, ao passo que na

fase minguante da Lua os nascimentos de rapazes diminuem e os de raparigas aumentam, ou seja, os nascimentos de rapazes e raparigas mostram um período de curso polar, de 29,5 dias, relacionado com o curso lunar sinódico. Além disso, o Dr. Heckert provou um ritmo lunar na eliminação de ácido úrico no ser humano.

3. O Dr. E. J. Andrews (1960) constatou, com base em mil operações às amígdalas, que 82 % das hemorragias graves se produziam por volta do período de lua cheia.

4. O ginecologista checoslovaco Dr. E. Jonas desenvolveu um método, com base num ritmo lunar específico que está dependente da data de nascimento da mulher, para calcular os dias férteis e inférteis da mulher e, além disso, os dias em que uma fecundação conduz ao nascimento de um rapaz ou de uma rapariga. O seu método, que entretanto foi testado e controlado em bem mais de cinquenta mil mulheres, opera com uma precisão de 98 por cento.

5. O Instituto Hiscia da Associação de Investigação do Cancro colhe a fiteira diariamente, há doze anos, às oito horas da manhã (e em parte ainda várias vezes ao dia), e submeteu o sumo de fiteira de cada colheita a um número de investigações diversas. Este instituto dispõe hoje de um material de investigação sem lacunas de mais de setenta mil ensaios individuais, a partir dos quais a alteração do sumo em circulação na planta se tornou visível. Como método de investigação mais valioso cristalizou-se a dinamólise capilar segundo L. Kolisko, a qual permite tornar visíveis as forças de moldagem de um sumo vegetal nas chamadas imagens de ascensão. A avaliação estatística destes ensaios resultou nos seguintes resultados:

- a) as forças de moldagem de uma planta estão dependentes da hora da colheita;
- b) alterações claras na força de moldagem dos sumos vegetais correm paralelamente com posições claras da Lua. (Trata-se aqui das diferentes fases de uma rotação dos nodos lunares.)

Após estes sucessos positivos, integraram-se também neste trabalho de investigação outros planetas e as suas relações angulares entre si (astrologicamente chamadas aspetos), cuja eficácia pôde igualmente ser assegurada por via experimental. (Literatura: Agnes

Fyfe, *A Assinatura da Lua no Reino Vegetal* e *A Assinatura do Mercúrio no Reino Vegetal*, 1967.)

6. O efeito de configurações planetárias e do Ascendente: O Eng.º Hermann Jaeger investigou durante trinta anos a dependência do crescimento das plantas em relação à constelação planetária no momento da sementeira, e conseguiu confirmar por via experimental as antigas afirmações astrológicas. (Os resultados encontram-se na revista «Kosmobiologie», janeiro de 1957.)

O barão A. von Herzeele, um erudito privado de Hanôver, publicou entre 1876 e 1883 alguns escritos nos quais prova, com base em mais de 500 análises, que o teor mineral das sementes das plantas (magnésio, fósforo, potássio, cálcio e enxofre) aumenta ao germinar em água destilada. De acordo com a lei da conservação da matéria, dever-se-ia, contudo, esperar que as plantas em crescimento na água destilada tivessem de apresentar o mesmo teor mineral que as sementes a partir das quais crescem.

Herzeele mostra, no entanto, nas suas análises, que tanto o teor de cinzas como os componentes individuais das cinzas registavam aumentos. Estes experimentos mostram, portanto, que as plantas vivas se encontram em condições de formar matéria. Herzeele formula isto na frase: «Não é o solo que produz as plantas, mas sim a planta que produz o solo!» O filósofo Preuß escreveu no seu tratado «Espírito e Matéria» (1899): «Com os seus ensaios, von Herzeele forneceu a prova palpável de que a imutabilidade dos elementos químicos é uma ficção da qual nos temos de libertar o mais rapidamente possível, se quisermos avançar no conhecimento da natureza.» Infelizmente, as descobertas de Herzeele foram silenciadas na época, caindo assim no esquecimento total, até serem novamente descobertas no nosso tempo pelo Dr. Rudolf Hauschka, o fundador do laboratório de remédios Wala.

O Dr. Hauschka controlou então, em séries experimentais próprias de longos anos, as afirmações de Herzeele, pelo que aperfeiçoou as condições das disposições dos ensaios e utilizou os meios auxiliares mais modernos. Os ensaios de germinação do Dr. Hauschka foram executados em ampolas fechadas à chama, nas quais nenhum agente material podia penetrar ou delas escapar.

Estas ampolas foram observadas numa balança de análise com 0,01 mg de sensibilidade. Isto porque, se é verdade que a planta viva forma matéria, a ampola com as plântulas teria de ficar, finalmente,

mais pesada, dado que a matéria tem peso. A pesagem revelou, de facto, um aumento, mas também uma diminuição dos pesos (a ordem de grandeza situa-se muitas vezes além do limite de erro!).

A representação gráfica do aumento e da diminuição dos pesos — como expressão do surgimento e do desaparecimento da substância — sob a forma de curva e a comparação destas curvas obtidas ao longo de anos revelou o seguinte facto importante no nosso contexto: o surgimento e o desaparecimento da substância revelou-se, num curso rítmico, como função do tempo.

Assim, resultou que o aumento de peso decorre num período de lua cheia, ao passo que a diminuição de peso decorre num período de lua nova. A avaliação exata das curvas de um ano inteiro mostra, além disso, que o ritmo do Sol está sobreordenado a estes ritmos da Lua.

Estes experimentos provam não só a dependência dos seres vivos em relação aos ritmos cósmicos, mas mostram, acima de tudo, que não nos é permitido «projetar a forma de existência atual da matéria nem na infinidade do passado e do futuro, nem na infinidade do espaço. Temos, pelo contrário, todos os motivos para assumir que a matéria só surgiu como precipitação da vida. Não parecerá necessário opor finalmente ao dogma da pré-existência da matéria a ideia da pré-existência do espírito?» (Dr. R. Hauschka)

Estes exemplos mostram que a astrologia também resiste a um exame com métodos científicos, se o indivíduo se der ao trabalho de a tomar a sério como objeto de investigação. Contudo, considero precisamente esta verificação científica muito perigosa, aliás, tenho inclusivamente medo dela.

E isto deve-se ao facto de, através de tais experimentos, se captarem e formularem de novo apenas interconexões funcionais, não se alterando, porém, o sistema de pensamento de que falávamos. Um desenvolvimento desse género teria como consequência que se passaria a trabalhar novamente com coisas que não foram compreendidas. Mas o que importa verdadeiramente é a compreensão de interconexões.

Pois de que me serve saber que, perante uma determinada constelação planetária, ocorre este ou aquele acontecimento, se não souber o porquê. Esta é a razão pela qual não sonho que um dia a astrologia ou outra disciplina considerada hoje ainda como oculta seja reconhecida pela ciência académica e ensinada nas universidades.

A que resultados conduzem tais reconhecimentos, podemos acompanhá-lo hoje, de forma exemplar, na acupuntura. Existe

acupuntura há cinco mil anos. A nossa ciência ocidental silenciou a sua existência durante a maior parte do tempo através da ignorância, e combateu os seus defensores, em parte médicos, em parte terapeutas não médicos, da forma mais violenta, levando-os a tribunal.

Quando, há cerca de um ano, por acaso se exibiram no Ocidente filmes chineses de operações indolores através de acupuntura, o mundo curvou-se perante a pressão dos factos, manifestando ruidosamente o seu interesse por este «novo» método e começando com a «investigação científica da acupuntura». De repente, constituía um mérito da ciência natural ter descoberto a acupuntura. Começou-se a medir e a investigar, construíram-se aparelhos elétricos de vibração — apenas os sucessos práticos permaneceram escassos. Porquê?

Não se considerou necessário acompanhar intelectualmente um método de cura que se encontra enraizado de forma indissociável na filosofia oriental, e que só a partir deste pensamento pode ser compreendido e dominado. Também aqui se ficou confinado dentro da funcionalidade. Equivaleria a uma catástrofe se acontecesse o mesmo com a astrologia!

O caminho para a astrologia não passa pela prova estatística de afirmações e interconexões individuais, mas sim unicamente pelo trabalho de aprender a própria astrologia. A recompensa por este trabalho não se deixa, todavia, comparar com nenhuma prova científica, por mais cem por cento que seja: vivencia-se a «verdade» da astrologia e as suas possibilidades numa tal profusão e proximidade que qualquer dúvida soa como um escárnio aos ouvidos. Por este caminho, o aluno aprende, passo a passo, a identificar interconexões que, como conhecimento, são milhas superior a qualquer crença e dúvida.

Esta compreensão direta, estas constantes experiências de iluminação de tipo *Aha!* não podem ser substituídas por quaisquer discussões, teorias ou investigações estatísticas, mas, como é óbvio, também não pelas minhas tentativas subsequentes de dar a conhecer a astrologia e as suas consequências para o nosso pensamento. O que se segue deve, por isso, servir meramente como estímulo, como convite a convencer-se por si mesmo — pois: o que se sabe, não se precisa de acreditar...

A astrologia trabalha exclusivamente com símbolos. Infelizmente, a compreensão dos símbolos perdeu-se quase por completo na nossa época atual. No entanto, «o símbolo é a linguagem da alma». A psicologia profunda teve de reconhecer que só o símbolo

abre o acesso à compreensão psicológica. É singular: quanto mais o indivíduo tenta aproximar-se da realidade, mais dependente fica do símbolo. A matemática na sua totalidade é uma linguagem simbólica. O símbolo é a única ponte da nossa pequena consciência superior racional para os mundos infinitos daquilo que nos é inconsciente e desconhecido.

A astrologia reivindica para si a capacidade de, através dos seus símbolos, compreender e representar a realidade total. Aqui reside simultaneamente a fonte de mal-entendidos frequentes: pressupõe-se muitas vezes que a astrologia acredita em quaisquer influências físicas misteriosas dos planetas sobre o ser humano. Isso é falso.

A astrologia é um sistema de representação da realidade. Isto porque, se eu partir do conhecimento fundamental de que o cosmos na sua totalidade está sujeito aos mesmos princípios de ordenação e obedece às mesmas leis, tem de ser possível observar um sistema fechado qualquer e, a partir do seu comportamento, inferir outro sistema: «Como em cima, assim em baixo.»

Assim, cada planeta e cada signo do zodíaco simboliza uma área perfeitamente determinada da realidade. Se eu elaborar um horóscopo, por exemplo para o minuto do nascimento de um ser humano, obtenho um desenho circular que representa uma combinação perfeitamente individual de todos os símbolos. Específica para essa pessoa é apenas a disposição dos símbolos. Os símbolos em si encontram-se em qualquer outro horóscopo no mesmo número.

Dito de outro modo: a forma circular do horóscopo já indica que se trata de algo completo, pois contém todas as áreas da realidade. Esta completude, esta totalidade é, contudo, o objetivo, e alcançá-la constitui a tarefa de vida do respetivo indivíduo. Isto porque apenas uma parte destes «componentes da realidade» lhe foi colocada no berço como aptidão predisposta, e a parte ainda em falta ele tem de a conquistar através de uma vida ativa, a fim de alcançar a totalidade concebida.

A vida é a busca da própria totalidade, da perfeição no sentido real da palavra. O horóscopo mostra com uma exatidão rigorosa a distribuição destes «componentes da realidade»; mostra quais foram trazidos para o mundo como posse e quais têm ainda de ser conquistados através da ação e, finalmente, mostra inclusivamente o modo e a forma dessa ação. Num horóscopo deste género encontram-se unidos o ponto de partida e a finalidade de uma vida.

Porém, onde dois polos extremos se encontram unidos, tem de reinar uma grande tensão. Esta tensão é a vida. O impulso para a ação é aquilo que constitui o nosso ser humano. Por isso, chamo também muitas vezes ao horóscopo «fórmula da vida», pois de maneira semelhante a como uma fórmula matemática exprime uma realidade mal compreensível pela razão, assim também um horóscopo contém a profusão indescritível de uma vida humana, concentrada na pregnância de uns poucos símbolos.

Num horóscopo, nesta fórmula da vida, não é apenas reconhecível o caráter de um ser humano, mas também todo o seu caminho de vida, e todos os acontecimentos, por mais fortuitos que pareçam, são visíveis.

Quem pratica astrologia sabe: não existe o acaso! Este facto seria, na verdade, tão evidente se a ciência não nos tivesse incutido o contrário durante tanto tempo. A lógica exige, contudo, a decisão: ou acredito num cosmos *(do grego: o ordenado)* ou num caos.

A observação ensina-nos que não vivemos num mundo caótico, pois conhecemos leis cuja fiabilidade e validade se deixam acompanhar até muito atrás no tempo. Se o nosso mundo fosse um caos, seria altamente improvável que os objetos caíssem sempre para baixo, que animais e plantas determinados apresentassem as mesmas características, que o Sol, a Lua e as estrelas traçassem órbitas calculáveis, etc. Se nos decidirmos pelo cosmos, temos então de continuar a pensar de forma consequente: por quanto tempo se poderia este cosmos manter como tal, se nele existisse um lugar para acasos fortuitos?

A menor acumulação de acasos fortuitos transformaria o cosmos num caos. A nossa representação habitual de um cosmos com possibilidades de acaso é, portanto, logicamente insustentável. Além disso, a astrologia pode provar em todas as áreas que todos os «acasos» são calculáveis e, por isso, não merecem este nome.

Aqui tenho de mencionar que a aplicação da astrologia não se limita ao ser humano, mas pode ser aplicada a todas as áreas que se deseje, como por exemplo a contratos, casas, automóveis, catástrofes, países, cidades, política, economia, plantas, tempo meteorológico, etc. Quem se espantar com isto, que se lembre, por favor, de que a astrologia é um sistema de representação da realidade e, por conseguinte, pode ser referida a todas as áreas da realidade.

Se não existe o acaso, têm de existir conformidades com as leis às quais os acontecimentos obedecem. Uma das mais importantes destas

leis é a lei do conteúdo e da forma. Ela estipula que a cada forma tem de corresponder um conteúdo ou, noutra aceção: que na base de cada forma tem de residir um conteúdo.

Com base nuns poucos exemplos, esta frase deixa-se ilustrar de maneira mais rápida: se eu adoecer, essa é uma forma na qual o meu destino se manifesta. Na base desta forma tem de residir, contudo, um conteúdo. Eu não posso adoecer porque talvez andem por aí a esvoaçar, por acaso, umas poucas bactérias. O acontecimento formal de uma doença tem de ter uma causa de conteúdo que reside em mim próprio, no meu comportamento.

Mais um exemplo: caio numa situação em que as minhas possibilidades de existência são postas em causa: o meu casamento desfaz-se, perco o meu emprego, a minha habitação, adoeço. De um momento para o outro, a minha vida até então segura e ordenada transforma-se num caos de dissolução e incerteza. Tais acontecimentos, que a propósito não são nada raros na forma descrita, são considerados pela maioria dos seres humanos como golpes do destino injustos, vindos de fora, fortuitos.

Mas a lei do conteúdo e da forma estipula: não existe o acaso que penetre na tua vida a partir de fora. Foste tu próprio que fixaste os conteúdos para aquilo que vives. O destino que experimentas não é fortuito nem numinoso, mas sim o resultado da tua própria ação.

Quais seriam, de acordo com isto, os conteúdos para os acontecimentos formais esboçados acima? Acontecimentos de dissolução nesta acumulação só sucederão a um ser humano se ele, na sua vida até então, procurou de forma demasiado forte a ordem, a delimitação, a racionalidade, o enraizamento e a concentração. Uma vida assim negligencia uma parte da realidade, pois a realidade é sempre bipolar: não existe apenas ordem, mas também caos; não apenas racionalidade, mas também irracionalidade.

Se um ser humano, porém, realizar apenas um extremo da realidade, como por exemplo a ordem e a racionalidade, será um dia confrontado de forma violenta com a profusão do respetivo polo oposto. A ordem desmorona-se sob a pressão dos acontecimentos, e o indivíduo afetado vive o estado do caótico, até ali tão cuidadosamente evitado, agora com a mesma exclusividade com que realizou o polo oposto até esse momento.

O conhecimento em torno desta conformidade com as leis tem consequências abrangentes para o nosso pensamento. É hoje habitual projetar o destino para o exterior e vivenciá-lo como algo alheio (e na

maioria das vezes indesejado). Aos seres humanos do nosso tempo falta a retroação aos seus próprios conteúdos. Por essa razão, também não estão dispostos a reconhecer a responsabilidade própria pelo seu destino. A culpa de todos os acontecimentos é atribuída ao mundo exterior: o Estado, a Igreja, a sociedade, a sogra má, os pais terríveis — tudo o que é imaginável tem de servir como culpado do destino, só a própria pessoa é que não tem culpa nenhuma!

Depois de se ter deslocado a culpa para o exterior, exige-se, como consequência lógica, a moldagem do próprio destino por parte do ambiente que nos rodeia. O Estado deve providenciar para que... Celebram-se seguros para todas as eventualidades, tenta-se, de todas as formas imagináveis, regular o «arbítrio» do destino através de medidas funcionais. Que extravio! Que desconhecimento da realidade! Cada indivíduo é, por si só, o único produtor do seu destino; ele tem nas mãos a capacidade de o moldar, ao fixar os conteúdos cujas formas está disposto a colher.

Ele tem de encontrar novamente uma ligação, uma relação com o seu destino. Acontecimentos que antes considerava puramente negativos ganham uma coloração completamente diferente quando ele aprende a compreendê-los como resultado do seu comportamento e a identificar o seu sentido.

Sei que não provoco entusiasmo com estas exposições, pois o ser humano já não está disposto a assumir a responsabilidade. É muito mais cómodo atribuir a culpa aos outros e criticar o destino mau. Contudo, para quem não se trata de comodismo, mas sim de moldar a própria vida de forma harmoniosa, não passa ao lado destes factos. Para tornar o que foi dito ainda mais claro, gostaria de demonstrar ainda, nalguns casos extremos, a que consequências conduz a responsabilidade própria do destino:

Um pai de família é atropelado por um condutor automóvel embriagado e fica paralisado pelo resto da sua vida. A nossa reação habitual: profunda compaixão pelo destino duro do pai de família paralisado, ira e repúdio perante a irresponsabilidade do condutor embriagado. A realidade é diferente. O acidente e as suas consequências são o destino do pai de família, pelo qual ele assume sozinho a responsabilidade. Por essa razão, este acidente é também visível no seu horóscopo.

A configuração de conteúdo deste horóscopo tinha de obter inevitavelmente a sua concretização formal no ambiente — neste caso, através da inadvertência de um homem embriagado. O modo da

concretização é, contudo, secundário; o decisivo é a prontidão inconsciente. Afinal, uma configuração astrológica não se pode transformar em realidade de outra forma senão através do meio que é o ambiente.

É verdade que ainda se ouve com bastante frequência da boca de muitos astrólogos que o caráter e o destino de um ser humano dependem de diferentes influências, das quais a influência cósmica seria apenas um aspeto, ao lado do qual, sobretudo, o ambiente, o meio social e a educação desempenhariam papéis essenciais. Embora esta versão possa facilitar um pouco a bajulação dos opositores da astrologia: ela não está correta.

Como se imaginarão, afinal, essas influências «cósmicas» que atuam a par das influências ambientais? Para isso, seria necessário acreditar em anjos que, de vez em quando, puxam os seres humanos como marionetas por fios invisíveis. Depara-se com tais dificuldades teóricas quando se consideram as «influências cósmicas» de forma demasiado literal.

Repito mais uma vez: a astrologia é um sistema de representação da realidade! Uma configuração de acidente não se desenrola num lugar qualquer em espaços vazios de ar, mas precisa, para a sua concretização, de uma quantidade de material do ambiente, a começar pelo automóvel até ao condutor inadvertido. O ambiente não é um segundo fator ao lado das influências astrológicas, mas sim o meio através do qual o destino se pode transformar em realidade. Todas as tentativas de encontrar a solução de acontecimentos misteriosos e de evoluções do destino em contextos sociais ou familiares nunca conduzem, por isso, a um objetivo definitivo.

A única coisa que, como é evidente, sempre se encontra são conexões secundárias ou, formulado de modo mais científico, «correlações». Todavia, a comprovação da ocorrência conjunta de dois fatores ainda não diz, de modo nenhum, algo sobre a sua causalidade comum. Voltaremos a encontrar esta linha de pensamento mais tarde, aquando da avaliação da ciência atual. Por agora, pretendo apenas salientar que não existem acontecimentos fortuitos, mas que o ser humano se dirige a si próprio, através de desejos inconscientes de acontecimentos, para situações correspondentes que são adequadas a transformar as tendências do destino em realidade.

Assim, por exemplo, um assassino não pode assassinar uma vítima «fortuita» qualquer, mas só pode praticar o seu ato num ser humano que traga consigo a prontidão interna para um tal

acontecimento. Eu sei: isto soa invulgar. Mas, antes de emitirmos um juízo por «hábito», deveríamos ponderar que também já soou uma vez muito invulgar que a Terra se movesse em redor do Sol — e, no entanto, ela move-se!

Voltemos ao nosso exemplo extremo: para não haver mal-entendidos, sublinhe-se que este modo de perspetivar as coisas não legaliza, de modo nenhum, o homicídio, mas limita-se a deslocar os acentos. No que diz respeito à vítima, considerado *sub specie aeternitatis*, «está tudo em ordem»; procurava uma situação de morte e encontrou-a ao utilizar outro ser humano para a concretização do destino. Este outro ser humano, o assassino, «fez um favor» à sua vítima com o ato, do que não resulta, porém, que esse ato, como tal, estivesse correto. Pois o assassino, com o seu ato, estabeleceu um conteúdo para o seu próprio destino, cujas consequências formais ele próprio tem de resgatar, por exemplo. Isso é, contudo, o seu problema mais próprio, não certamente o dos outros que gritam ruidosamente por vingança e condenação. Se se encarcera um assassino, faz-se isso, na verdade, para o proteger dos seus próprios atos — isso ainda tem sentido. Se se faz isso, porém, para proteger pessoas «inocentes» de se tornarem suas vítimas, então o sentido transforma-se em contrassenso.

Este exemplo abre, todavia, uma outra conexão: cada um utiliza quase sempre outros seres humanos para a concretização do seu próprio destino, aos quais a maior parte das vezes, em vez de estar grato, atribui as culpas. Descobrimos aqui o imenso entrelaçamento dos indivíduos uns com os outros que, de forma semelhante aos elementos químicos, andam constantemente por aí com «valências de ligação» muito determinadas e procuram outras valências adequadas para si, a fim de poderem entrar em reação com elas.

Apesar deste entrelaçamento dos destinos, não podemos, não obstante, perder de vista o seguinte: para cada acontecimento, por mais pessoas que nele estejam envolvidas, cada um carrega, única e exclusivamente, a responsabilidade pela sua forma específica de vivência do acontecimento. Se não existe, porém, o acaso, então a vida do ser humano é totalmente determinada. Aqui deparamo-nos com o problema central da liberdade da vontade!

Pois o que nos interessa agora é: o que acontece com a tão elogiada, discutida e subjetivamente percetível por cada um «vontade livre»? Bem, nós temo-la, a vontade livre. Ela existe, apenas num nível completamente diferente daquele em que habitualmente se supõe. É verdade que não podemos decidir com a nossa vontade se

cada um cumpre ou não a sua configuração, mas cada um pode escolher com ela o nível da concretização. Por exemplo, as grandes categorias: consciente/inconsciente, ativo/passivo, psíquico ou somático. Concretamente, isto significa que pode viver intensamente um tema muito determinado da condição humana dia após dia, ou então não o fazer e, deste modo, recalcar precisamente esse «tema» no inconsciente, onde ele depois amadurece para se tornar uma unidade independente, um complexo autónomo, a fim de romper para a superfície num momento muito determinado e provar subitamente a sua razão de existir.

Então fala-se habitualmente de «golpe do destino» e projeta-se esse destino — na maioria das vezes indesejado — para o exterior: tudo o que é possível é então culpado por me acontecer precisamente isto — eu próprio, escusado será dizer, não tenho culpa nenhuma!

Aqui torna-se agora também clara a tarefa e o sentido da astrologia: para que serve a astrologia, se de qualquer modo tudo acontece como tem de acontecer; se não se pode mudar nada?

A astrologia é um meio para a compreensão de si próprio. Certamente não o único, mas com toda a certeza um dos melhores! Não é sem razão que todas as verdadeiras doutrinas de sabedoria da humanidade começam, desde sempre, com a exigência suprema e mais importante: «Conhece-te a ti mesmo!» Esta compreensão de si próprio como pressuposto da realização de si próprio — é isso o que a astrologia pode e deve oferecer!

Só quando conheço e compreendo as minhas disposições, possibilidades de concretização e a finalidade da minha vida é que o caminho está livre para mim para uma vida saudável, não neurótica, harmoniosa, livre para a verdadeira realização de si próprio. Só quando reconheço e aceito a minha falta de liberdade é que começa a minha liberdade. Eu sei: isto soa paradoxal, mas a verdade apresenta-se sempre de forma paradoxal, porque a verdade tem de unir sempre dois polos da realidade. Só quando reconheço as leis a que estou sujeito como tais é que já não estou entregue ao seu arbítrio. Na física, este conhecimento é algo natural — por que haveria de ser diferente com o destino?

O que acontece na psicanálise? O terapeuta tenta conduzir o cliente, através da sua orientação, à compreensão de si próprio — um caminho árduo e longo, especialmente quando se tem de arrumar retroativamente tantos anos passados. Mas ainda um outro fator essencial dificulta este trabalho: o guia, o analista, infelizmente não

sabe que aspeto tem essa compreensão de si próprio, visto que também não conhece a estrutura do seu cliente — ele tem de avançar às apalpadelas de forma tão cautelosa como o cliente e tem de percorrer — apesar de todos os conhecimentos da especialidade — também muitos caminhos errados e desvios, até que ambos alcancem o objetivo — se é que o alcançam.

A grandiosa superioridade da astrologia, em contrapartida, torna possível conduzir com precisão quem procura a si mesmo, tornar compreensível a estrutura dos símbolos tal como ele a possui, de forma totalmente individual, nesta combinação. Também este procedimento deve e tem de acontecer de forma cautelosa, precisa do seu tempo — mas, comparado com a psicanálise, é um caminho «real»!

Carma e Reencarnação

«O momento da morte é aquele em que a alma liberta a força central governante, mas apenas para contrair de novo novas relações, porque ela é por natureza imperecível.» — Goethe

Não existe o acaso! Todo o decurso da vida de um ser humano é visível a partir do horóscopo, o reflexo das configurações celestes no minuto do nascimento. Toda a minha vida depende do momento do nascimento. Se eu tivesse, portanto, nascido «por acaso» algumas horas mais cedo ou mais tarde, ter-me-ia tornado um ser humano completamente diferente, com um destino completamente diferente. «Por acaso»?

Agora que dedicámos tanto esforço a eliminar o «acaso» da vida, acabámos por empurrá-lo apenas para o início da vida. Por outro lado, dizemos: no cosmos não pode haver acaso — e mais: cada acontecimento é a concretização formal de um conteúdo. Logo, o momento do nascimento não pode ser casual, mas tem de ser a expressão formal de conteúdos. Onde estão, porém, esses conteúdos que determinam formalmente o início de uma vida?

Para isto existe apenas uma resposta lógica: numa vida anterior! Os problemas não resolvidos e não «libertados» da vida anterior estabelecem o conteúdo que procura, de acordo com as leis, um momento formalmente adequado para a encarnação. O horóscopo de um nascimento, esta fórmula de vida, é simultaneamente uma espécie de balanço da última vida. A natureza tem tempo: o que o ser humano não concretiza nesta vida, leva consigo para a próxima — não é poupado a nada!

À primeira vista, parece incompreensível por que razão os astrólogos equiparam sempre o início da vida ao nascimento ou ao primeiro vagido. Não deveria um horóscopo ser calculado, muito mais propriamente, para o momento da conceção, dado que sabemos com certeza que a «vida» não começa apenas com o nascimento? Bem, a «vida» não começa nem com o nascimento nem com a conceção, porque a «vida» é uma forma de energia sempre presente, que nem começa nem termina.

No entanto, uma nova encarnação começa com a conceção. Contudo, falta a este desenvolvimento no ventre materno a autonomia individual, visto que o embrião está integrado na circulação da mãe. Só com o corte do cordão umbilical do recém-nascido e com o primeiro vagido que se lhe segue é que a própria circulação se fecha, e o indivíduo nasce.

Conceção, nascimento, morte são apenas marcos que iniciam, em cada caso, novas formas de estado de uma individualidade continuamente existente. No nascimento, o embrião «morre» para se tornar ser humano, exatamente da mesma forma que a lagarta e a crisálida têm de morrer para que uma borboleta possa nascer.

Através da consideração da lei do conteúdo e da forma, chegámos à exigência logicamente necessária de uma vida antes da vida. Com isto não encontrámos, contudo, nada de novo, mas limitámo-nos a descobrir uma sabedoria ancestral por um outro caminho: o que nós, de facto, denominámos conteúdo e forma, as doutrinas de sabedoria e religiões orientais chamam desde sempre «Carma». Por Carma, elas entendem aquela conformidade com as leis que transforma o resultado de uma vida num novo caminho de vida e de destino.

Uma vida é, portanto, o resultado da vida anterior e, simultaneamente, o fundamento da vida subsequente. Por outras palavras: colho nesta vida os frutos — sejam eles bons ou maus! — que semeei na minha vida anterior, mas semeio simultaneamente os frutos da minha próxima vida. Numa escala temporal reduzida, o mesmo se aplica a cada ato individual: ele é sempre a forma de um conteúdo anterior e, simultaneamente, o conteúdo para uma forma posterior. Viver conscientemente significa ter presente em cada instante esta responsabilidade em ambos os sentidos.

A Lei da Polaridade

«O Senhor criou o pobre e o rico, para que se reconheçam um ao outro. Criou a morte e a vida, para que se veja a diferença entre a

sementeira e a devastação; criou o homem e criou a mulher, criou o fogo e criou a água, criou o ferro e a madeira, a luz e as trevas, o calor e o frio, o mar e a terra, o alimento e a fome, a bebida e a sede; criou o andar e o coxear, o ver e a cegueira, o ouvir e a surdez... — tudo isto para manifestar a omnipotência do Senhor, o qual criou tudo em dualidade.»

Micha Josef Bin Gorion » As Lendas dos Judeus « Frankfurt 1919

A polaridade é o fundamento da nossa existência. Existe o dia e a noite, o homem e a mulher, o polo positivo e o negativo, o verão e o inverno, o quente e o frio! O mundo dos fenómenos não nos oferece um único exemplo de uma coisa para a qual não exista um polo contrário. Mais ainda: nem sequer o nosso pensamento é capaz de conceber algo sem um polo oposto. Vivemos com opostos, pensamos em opostos.

O arco de tensão entre dois polos opostos é, inclusivamente, o pressuposto necessário para que algo possa penetrar no campo da nossa consciência. É verdade que existe algo que não está sujeito a esta polaridade: a saber, Deus. E é precisamente por isso que também não conseguimos conceber nada sob a ideia de Deus.

Se, apesar de tudo, tentamos formar uma imagem de Deus, forçamo-lo automaticamente para a polaridade habitual: «Deus» transforma-se em Pai e Filho, Deus e Diabo, um Deus bom e um Deus mau, torna-se «metade homem - metade Deus», torna-se um Deus benevolente e colérico, etc. Tudo isto são tentativas de trazer para a nossa imaginação algo que está fora da possibilidade de ser imaginado. Também aqui vemos a lei da polaridade: se existem coisas que conseguimos imaginar, então tem de haver também, naturalmente, coisas que não conseguimos imaginar!

A polaridade gera tensão e é, por conseguinte, pressuposto e causa de toda a vida, de atividade, de movimento em qualquer forma. Sem polaridade não há nada. O «nada», como tal, não pode contudo existir sozinho, mas apenas como polo contrário do que existe. Por isso, também «Deus» é apenas a potência imaginada, que só se manifesta e gera realidade através do dispêndio polar.

A lei da polaridade, como uma das leis fundamentais da realidade, recebe pouca atenção por parte da maioria das pessoas. Vivemos num mundo de critérios de valor, isto é, cada ser humano constrói um sistema de referência segundo o qual atribui os predicados: bom, correto, valioso, etc. Com os conceitos opostos —

mau, falso, sem valor —, designa depois as coisas e os acontecimentos que, na sua opinião, são indesejáveis e que, por isso, na verdade nem deviam existir.

Com esta atitude, contudo, ele corta a raiz da realidade. Pois, no mesmo momento em que deixa de haver o mal, também deixa de haver o bem, etc. Se na minha condução elétrica eu não quiser, de futuro, utilizar também o polo negativo, deixo de ter corrente. Quem combate o mal faz o mesmo que aquele que combate o bem: ambos combatem a realidade. O bem e o mal não são mais do que a forma de manifestação polar de uma e a mesma coisa, a qual simplesmente não conseguimos conceber de forma consciente como uma unidade.

Todas as pessoas que estão tão orgulhosas da sua «bondade» não deviam esquecer que só o conseguem fazer à custa das pessoas que «não são boas», que só se conseguem distinguir umas das outras através da existência destas últimas. A isto acresce que um ser humano que se considera tão «bom» não é apenas bom, mas também mau em partes iguais; contudo, recalca a parte má da sua personalidade no inconsciente e, a partir daí, projeta-la no ambiente.

C. G. Jung chamou a esta parte negativa do ser humano, que aliás todos possuem, o arquétipo da sombra. Quem se surpreende por o reconhecimento da sombra como parte da própria personalidade ser o primeiro passo necessário (e também difícil) de qualquer tratamento psicoterapêutico de uma perturbação neurótica? A natureza exige do ser humano a integridade, e para isso são necessários os dois polos da realidade.

Já falámos do mesmo tema a propósito da astrologia e das medidas corretivas do destino para compensar atitudes de vida unilaterais através de ruturas do destino, no sentido do polo contrário. Parece-me interessante, neste contexto, o facto de, por um lado, o horóscopo ser circular e este círculo, como símbolo da perfeição, conter simbolicamente todos os elementos da realidade e, por outro lado, por volta do fim de um tratamento psicoterapêutico, surgirem por si mesmas nos sonhos e fantasias dos pacientes as famosas figuras circulares das mandalas como símbolo da totalidade alcançada.

Apliquemos mais além a lei da polaridade: se existe um aquém, tem de haver também um além. O facto de sabermos muito pouco sobre o além leva uns a negarem por completo a sua existência e outros a investirem toda a sua fantasia na organização desse além. Examinemos o que realmente sabemos.

O além existe, dado que é o polo contrário do aquém. Se não houvesse o além, também não haveria o aquém. O além, devido à polaridade, é com toda a certeza diferente do aquém. Isso não significa, porém, que seja algo mais elevado ou melhor do que o aquém. Mas é exatamente isto que se ouve com tanta frequência nos círculos que, no aquém, se ocupam tão intensamente com o além. Quando passamos para o além, não melhoramos de modo nenhum; limitamo-nos a mudar. Também aqui, portanto, qualquer valorização de um polo é insensata.

Um dia inteiro, perfeito, de vinte e quatro horas, é composto pelo dia e pela noite. Ambos são diferentes na sua qualidade, aliás, até opostos. Por que razão, contudo, haveria o dia de ser melhor do que a noite ou vice-versa? O mesmo se passa com o além. Quem se ocupa demasiado com o além e o considera melhor ou mais elevado do que a vida atual, foge das exigências do agora e negligencia o cumprimento das tarefas do aquém. Algo semelhante acontece com o outro extremo: quem acredita apenas no aquém, tropeça despreparado no além. Vive corretamente quem conhece as exigências do além e, com esse conhecimento em pano de fundo, cumpre as exigências do aquém.

No aquém, temos um corpo feito de matéria. Mas sabemos: se existe matéria, tem de haver também algo não material. A psicologia e a Igreja falam de alma, mas ambas entendem algo bastante diferente por isso. Também de espírito muitos falam — e cada um quer dizer uma coisa diferente.

Apenas no que diz respeito à matéria ou ao corpo estão todos de acordo. Este consenso tornou natural a concentração na matéria e a negação da existência de tudo o resto. Conhecemos, na verdade, algo que não seja constituído por matéria? Sim, por exemplo, um pensamento engraçado ou o sentimento de alegria, de tristeza, ou ainda o seguinte processo: o senhor Maier morre. O que mudou? Se analisarmos a matéria, nada mudou entre o senhor Maier vivo e o cadáver do senhor Maier. E, no entanto, algo tem de ter mudado, caso contrário não chamaríamos agora morto ao senhor Maier. Dizemos que a vida se retirou dele.

O que é a vida? Algo material? Dificilmente, pois de outro modo os médicos já a teriam engarrafado há muito tempo. Vemos, assim, que tem de haver algo que não é material, mas que tem a capacidade de se unir à matéria e de a organizar. Pois o senhor Maier era constituído por muitíssimos elementos químicos e pelas suas ligações,

os quais agora, após a sua morte, seguem todos a sua lei própria, ao que chamamos decomposição.

Em vida do senhor Maier as coisas eram diferentes! Todos os elementos químicos estavam subordinados a uma ideia e integrados numa grande organização, na qual cumpriam apenas as tarefas que eram benéficas para essa ideia, com uma renúncia generalizada à sua lei individual própria.

Existe, portanto, no ser humano vivo um princípio organizador que, no jogo de influências mútuas com a matéria do corpo, produz um organismo vivo. A este princípio organizador, que aquando da morte abandona manifestamente o corpo, muitos chamam «alma» ou psique, os antroposofistas chamam-lhe corpo de forças formativas, os ocultistas falam de corpo astral. Os nomes são irrelevantes; o importante é sabermos do que estamos a falar.

A alma é a instância individual no ser humano, é aquilo que sentimos como um «eu» contínuo, o qual é, contudo, independente das células do corpo que se renovam constantemente. Embora o corpo se transforme e mude continuamente, construindo e destruindo substância, cada um tem, ao longo de toda uma vida, a sensação de ser o mesmo. Este elemento constantemente igual é a sua alma.

Mas o que é o espírito? É precisamente a aplicação incorreta da palavra «espírito» que conduz a tantas confusões. Adiro aqui à definição exata da tradição alquímica: espírito é vida! A capacidade de poder viver é, em si, impessoal e supra-individual. Cada planta, cada pedra, cada animal tem espírito, porque vive!

O ser humano é, assim, uma tríade composta por corpo, alma e espírito. O corpo é constituído por matéria, la alma é a consciência da individualidade, o espírito confere vida. Encontramos esta divisão tripartida em todos os três reinos da natureza: no reino mineral, no vegetal e no animal. Pois tudo o que a natureza produz é constituído pelos três componentes essenciais: corpo, alma e espírito ou, como se exprimem os alquimistas: sal, enxofre e mercúrio.

A morte dissolve agora a ação conjunta desta tríade. A alma, como princípio organizador, e o espírito, como força vital, separam-se do corpo material e entram nas suas «esferas», a saber, no «além», exatamente da mesma forma que o corpo regressa ao seu mundo material. A morte limita-se, portanto, a terminar o trabalho de conjunto, a simbiose destes três âmbitos. Os três componentes em si, contudo, não são de modo nenhum afetados pela morte na sua lei própria.

Um exemplo banal pode esclarecer isto: o vinho é constituído por uma unidade específica de sumo de fruta e álcool. Se separarmos o álcool do vinho através de destilação, o vinho «morre», por assim dizer; os dois componentes, sumo de fruta e álcool, permanecem, no entanto, preservados. Algo análogo acontece aquando da morte de um ser humano. A constituição do aquém exige um corpo material; a estrutura do além, um corpo imaterial. Portanto, ao morrer, limitamo-nos a mudar o nível da nossa permanência, adaptando-nos simultaneamente à nova situação através do despojamento da matéria que ali seria perturbadora. Como o nosso sentimento de eu reside, contudo, na alma e não no corpo, a individualidade da pessoa preserva-se para além da morte. Isto é para nós um pensamento invulgar, dado que estamos habituados a identificar-nos com o corpo.

As nossas experiências oníricas podem fornecer-nos uma pequena ajuda à imaginação. É verdade que no sonho nos vivenciamos, na maioria das vezes, com o nosso corpo; contudo, não estamos sujeitos às suas leis na medida habitual: voamos, atravessamos paredes, transformamo-mo-nos e coisas semelhantes! Como o que acontece no sonho já se desenrola no plano alógico, pertencendo, portanto, ao polo irracional da realidade, o sonho fornece-nos, sob muitos aspetos, excelentes perceções sobre a conformidade com as leis do irracional, do além.

Digno de menção, neste contexto, é o conceito diferente de tempo: no sonho, conseguimos vivenciar em poucos segundos histórias que, segundo o nosso conceito de tempo, se estendem por dias ou anos. Assim, também sabemos por muitas pessoas que foram arrancadas no último segundo a uma situação de morte que, no momento da ameaça de morte, toda a sua vida, desde a infância, desfilou novamente diante dos seus olhos como um filme.

Do mesmo modo que o conceito de tempo apenas é aplicável à forma de vivência do aquém, estando no além sujeito a leis totalmente diferentes, transformam-se analogamente também todas as outras categorias habituais, como o pensar, o falar, o sentir, o mover-se, etc. As informações sobre o além provêm ou de pessoas clinicamente mortas que foram trazidas de volta à vida, ou de médiuns que, de alguma forma, têm contacto com seres do além.

A problemática desta informação reside, a par da frequente dificuldade de testar a autenticidade dos depoimentos, sobretudo na

dificuldade, aliás, impossibilidade, de transformar processos irracionais num sistema de linguagem racional. O compromisso possível reside nas linguagens simbólicas imagéticas. Assim, a maioria dos relatos descreve, de forma bastante coincidente, o além como um mundo de vibrações de luz e som, de cores. As pessoas clarividentes sempre viram todos os seres vivos e, logo, também o ser humano, rodeados por um invólucro de radiação colorido. Chama-se a esta radiação aura. O clarividente que é capaz de ver esta aura pode, a partir da sua extensão e composição de cores, tirar conclusões sobre o ser humano, sobre a sua mentalidade, caráter e doenças.

Esta aura, rejeitada pela ciência como uma das habituais loucuras dos ocultistas, foi agora demonstrada experimentalmente, por acaso, por um investigador russo de nome Kirlian, e pode ser fotografada com um aparelho de alta frequência desenvolvido por ele. Estas fotografias Kirlian mostram, em plantas recém-colhidas, animais ou partes do corpo do ser humano, uma coroa de radiação intensa em diferentes cores, à qual ele chama bioplasma. Pode equiparar-se este bioplasma a energia vital, pois verifica-se que este corpo de radiação se separa da matéria quando o ser vivo é morto, permanecendo ele próprio, contudo, indestrutível. Além disso, esta emanação reage, na sua intensidade e colorido, a alterações experimentais por cafeína, drogas, álcool, fadiga, emoções de felicidade, ira, concentração, etc. Os resultados obtidos experimentalmente coincidem exatamente com os depoimentos, conhecidos há séculos, das pessoas que conseguiam ver a aura.

Entretanto, começa-se, nas universidades de todo o mundo, a desenvolver tecnicamente esta fotografia Kirlian, recolhem-se zelosamente as diferentes fotografias, catalogam-se e arquivam-se as mesmas. Mais um exemplo típico do que acontece com conhecimentos que são conhecidos pelos sabedores há séculos, quando são descobertos pela ciência e integrados no seu sistema funcional. De tanto experimentar, catalogar e decompor em factos isolados, perde-se de vista a relevância e a consequência da descoberta para o pensamento. Pois, enquanto uns aperfeiçoam os aparelhos técnicos para a fotografia de um corpo psíquico, a psicologia continua a desenvolver cada vez mais a sua psicologia sem psique. Por muito divertido que possa ser observar como a ciência, repetidamente e por descuido, confirma aquilo que os «ocultistas» por ela difamados sempre afirmaram, estas confirmações científicas trazem para o nosso pensamento o mesmo que nada, dado que os factos isolados não são

integrados em nenhuma conexão. Sigamos, portanto, por agora o nosso caminho.

Sabemos que o nosso «corpo» anímico ou corpo astral é constituído por radiação luminosa, cuja composição de cores correlaciona com os conteúdos anímicos. Dado que o além é o nível de existência adequado para este corpo astral — sendo por isso também designado como plano astral —, a sua forma de energia tem de ser a mesma. Por outras palavras: o além ou o plano astral é um mundo de vibrações. Este mundo de vibrações não deve ser pensado como espacialmente diferente ou separado do nosso mundo, mas sim como imanente ao nosso mundo, estando separado apenas pelo limiar da perceção. Este ponto é importante. Tendemos a interpretar o além, como a própria palavra diz, no sentido de algo que está do outro lado, num sentido local. Foi assim que nasceu, na fé, o «céu». O «além» refere-se, contudo, apenas à nossa perceção. A nós, seres humanos modernos, a técnica fornece melhores ajudas à imaginação para isso.

Assim como o nosso quarto está «cheio» dos mais diversos programas de rádio e televisão, os quais não conseguimos, todavia, perceber com os nossos sentidos sem uma transformação técnica, mas que apesar disso ali estão, o mesmo se passa de forma semelhante com o plano astral. Como ele é o polo contrário do nosso mundo, está inevitavelmente também em todo o lado onde se encontra algo do nosso mundo.

É provável que seja difícil para qualquer um imaginar que é uma determinada imagem de uma transmissão de televisão e que se propaga pelo espaço sob a forma de uma onda codificada com uma determinada frequência. O facto de, no entanto, não nos conseguirmos colocar no lugar de uma tal «onda» não nos dá o direito de retirar a conclusão de que ela não existe.

O mesmo acontece com o plano astral. É difícil imaginá-lo, e se o conseguimos, é apenas em imagens e comparações que, contudo, nunca coincidem com a realidade. Podemos formulá-lo abstratamente no pensamento e deduzir o seu significado para nós, mas só o poderemos experienciar quando nós próprios lá estivermos. Ora, todos nós iremos lá parar um dia. Mas, de forma estranha, esta certeza não enche a maioria das pessoas de curiosidade, mas sim de grande medo. Pois a morte é a porta através da qual entramos no outro nível.

A morte é, desde sempre, para todos os seres humanos um dos acontecimentos mais fascinantes, porque a morte é o inimigo da vida. Isto está errado! A morte é, na verdade, o polo contrário da vida, mas

isso significa justamente que sem a morte não haveria vida de modo nenhum. Por isso, também o ser humano, no próprio momento em que nasce, tem de aceitar a morte, pois a morte é a única coisa segura na vida de um ser humano. A morte não é, portanto, algo que ameace a vida a partir do exterior, mas sim um componente interno e essencial da própria vida.

Rudolf Steiner disse uma vez: «A vida é ritmo.» Ora, o ritmo é sempre composto por duas fases. Uma fase chama-se vida, a outra morte. Lutamos aqui com uma imprecisão linguística: a vida engloba a vida e a morte, exatamente da mesma forma que um dia inteiro é composto pelo dia e pela noite.

Uma onda sinusoidal tem no meio um ponto de interseção no qual cruza a linha zero. Este ponto de interseção não destrói, contudo, essa onda sinusoidal, mas é justamente o que a torna, antes de mais, uma onda sinusoidal. Este ponto de interseção corresponde à morte; ele é o pressuposto para a vida. Ainda uma outra imagem: a morte é uma porta em cujo um dos lados está escrito «saída» e no outro «entrada».

Mas por que razão temos nós, na sua maior parte, um medo tão grande desta morte? A razão pode residir no facto de nos identificarmos erradamente com o nosso corpo material em vez de com o nosso eu psíquico. O medo da morte faz-nos fugir de um confronto consciente com a morte. Nisso reside, contudo, um perigo. Pois como quero eu levar uma vida perfeita se fujo de uma das metades da vida?

A compreensão da vida começa com a compreensão da morte. Pois «ninguém aprenderá a viver que não tenha aprendido a morrer» (*Livro Tibetano dos Mortos*).

A este contexto pertence o estranho conto dos Irmãos Grimm: «A História daquele que saiu de casa para aprender o que era o medo.» O conto fala de um rapaz que não conhece o pavor perante a morte e que, a partir da sua indistinção infantil, brinca com cadáveres exatamente da mesma forma que com os vivos, sendo por isso afastado pelas pessoas do seu meio, dado que estas se envergonham dele.

Ele tem primeiro de experienciar o sentimento elementar do arrepio e do pavor antes de se poder tornar verdadeiramente um ser humano. Pois o pavor é a base a partir da qual se pode, antes de mais, desenvolver um confronto consciente com a morte. Mas só através de uma imagem desenvolvida da morte se pode produzir uma atitude

madura perante a vida. Por isso, também todos os antigos mistérios e cultos de iniciação, bem como os ritos dos primitivos que tornavam o jovem em homem, confrontavam o discípulo com um perigo de morte.

Todas as religiões sabiam originalmente da unidade da morte e da vida; por isso, também Cristo teve de morrer para poder oferecer a «vida eterna». Quão significativa é uma imagem amadurecida da morte para a saúde e posterior individuação da alma, sabemo-lo hoje a partir da interpretação analítica dos sonhos.

Assim, os sonhos dos pacientes ao longo do tratamento mostram frequentemente um amadurecimento constante dos símbolos da morte, a começar pela fuga arcaica ou pela simples negação até ao reconhecimento da morte como base da vida. Não se trata, portanto, para mim, de desdramatizar ou banalizar a morte, mas o que me importa é sublinhar a importância de um confronto atempado com este tema e indicar o nível no qual o problema da morte é resolvido de forma sensata. O conhecimento sobre a conformidade com as leis da morte tem, de facto, ainda um outro aspeto prático; chamo-lhe «a arte de morrer». Face aos costumes modernos de hoje, dever-se-ia formular melhor: «A arte de deixar alguém morrer.»

A Arte de Morrer

Quando hoje alguém é confrontado com a morte ou com um ser humano moribundo, cai numa atividade insana. Chama pessoas, telefona a pedir uma ambulância, mobiliza uma dúzia de médicos, alerta hospitais. O moribundo é transportado de um lado para o outro e a sua alma é sacudida. Com isto, os familiares libertam-se da responsabilidade e do dever de estarem sozinhos com o moribundo.

O que o moribundo mais precisaria nesta situação seria de um clérigo. Sendo que não me refiro necessariamente a um homem que exerça esta profissão. Refiro-me muito simplesmente a um ser humano que esteja familiarizado com a morte e que não perca logo a cabeça. No fundo, todos os que estão em redor do moribundo, sobretudo os seus familiares, deveriam dar-lhe este amparo anímico.

Conheço pessoas que têm medo de olhar mais uma vez para o seu falecido pai ou para a sua falecida mãe na capela mortuária. Não têm sequer o sentimento de prestar a estes seres humanos a última homenagem ao olharem para eles como mortos e, desse modo, os terem vivos na memória.

Por causa deste temor perante a morte, também se tornou habitual que o moribundo seja afastado e que aqueles que na verdade deveriam

estar junto dele se contentem com a notícia da morte que um ser humano qualquer de bata branca lhes comunica. Esteve-se lado a lado uma vida inteira. No momento do falecimento, porém, em que cada ser humano precisa do próximo com a maior urgência, deixa-se a pessoa ao abandono. Todo o nosso sistema está orientado para não deixar as pessoas morrerem já de forma digna.

O pior que se pode fazer a um moribundo é: impedi-lo de morrer, atormentá-lo, por exemplo, com choques elétricos com a intenção de reanimar o seu coração mais uma vez. Por que razão não se deixa o bom do homem morrer? Porque os familiares, que oficialmente se dedicam de forma tão comovente ao moribundo, estão ocupados, em primeiríssima linha, em combater o seu próprio medo da morte. Devido a este medo da morte muito seu, cada um negligencia o seu dever.

De que amparo precisa o moribundo? É preciso ponderar que a agonia da morte é uma verdadeira luta e talvez tenha de ser uma luta. Eu, pelo menos, acredito que a morte mais bela e gratificante é a morte após uma agonia, após um último grande confronto entre a vida e a morte. Não acredito que o simples definhar, o passar para a morte a dormir, seja o melhor. Também não acredito que uma morte alegre seja a melhor. Acredito que a agonia da morte pertence à dignidade da morte. Esta morte digna é impedida pela morte por acidente na estrada. Pois não permite qualquer preparação. Dá-se um estrondo — e acabou!

No livro *Trinta Anos Entre os Mortos*, o psiquiatra Carl Wickland relata casos de médiuns através dos quais falavam defuntos que se queixavam da sua morte indigna. Daí pode colher-se a conclusão de que a agonia da morte é manifestamente necessária para a separação de uma vida anterior e para a transição para uma nova. Por que razão morreu Cristo a lutar? Se bem que considere o combate pela morte absolutamente necessário, ele deveria, não obstante, ser facilitado através do amparo humano.

Se eu tivesse de reunir lições sobre o morrer, esforçar-me-ia por oferecer tranquilidade ao moribundo através da primeira lição. Aconselharia urgentemente a preservar o moribundo de situações horrorosas — de ambulâncias, enfermarias, corredores, macas, escadas de prédios. Os moribundos têm frequentemente uma necessidade inacreditável de falar e de conversar e, por isso, na minha segunda lição, aconselharia a satisfazer-lhes, acima de tudo, esse desejo. Querem falar e deve deixar-se que falem. Estes seres humanos

têm de repente impressões completamente novas, e aquilo que habitualmente se descarta como fantasias da agonia são muitas vezes já impressões do plano astral, impressões que são, contudo, ainda comparadas com o nosso mundo real.

Aqui dever-se-ia ajudar, dever-se-ia corresponder a isto com todas as forças; também às recordações do moribundo. Nele, toda a vida desfila manifestamente mais uma vez sob a forma de um filme, por assim dizer, em câmara rápida. Simultaneamente, como foi dito, abrem-se já novos mundos, a força da metamorfose torna-se cada vez mais forte. A necessidade de despir o corpo torna-se mais clara. Quando esta separação se anuncia, o ser humano não quer estar sozinho. Nessa altura, de nada lhe servem dez pessoas sentadas em redor dele a chorar. Nesta situação, apenas o ajudam seres humanos que queiram assistir-lhe.

E o que pode fazer o moribundo? Não muito e tudo. Se viveu conscientemente, fará com toda a certeza o que está correto na sua hora difícil: morrerá conscientemente. Morrer reflexivamente é a morte mais desejável. Para isso, a madureza é um pressuposto e por isso repito: o morrer deveria ser aprendido na vida, ao familiarizarmo-nos ao longo da vida com a problemática da morte e ao não nos agarrarmos à vida desorientadamente.

Neste ponto, ainda algumas palavras sobre um tema que, infelizmente, ganha mais importância de ano para ano: o suicídio. Diariamente, cerca de mil pessoas em todo o mundo tiram a própria vida, e mais de duas mil tentam fazê-lo. Em Berlim, morrem quase três vezes mais pessoas por suicídio do que por acidentes de viação. Na estatística internacional das causas de morte, entre cinquenta grupos, o suicídio ocupa o nono lugar!

Por trás destes números frios estão problemas humanos nas mais diversas variações. Mas um aspeto é comum a todos: acreditam poder fugir dos seus problemas através do suicídio. Contudo, o suicídio é um grande erro. Pois o suicídio elimina apenas o corpo material — mas os problemas permanecem exatamente como antes. Porque os problemas são sempre de natureza psíquica — isso aplica-se também quando sofrimentos corporais foram o motivo para o suicídio, pois os sofrimentos são apenas a expressão de conflitos psíquicos não resolvidos.

Após um suicídio bem-sucedido, o ser humano em questão constatará com grande espanto que continua a existir com todos os seus problemas exatamente como antes, apenas com a diferença de já

não ter um corpo. A falta do seu corpo agrava substancialmente a sua situação, pois deixa de ter, por esse facto, um instrumento para resolver os seus problemas através da ação.

O mais tardar nesta situação, ele tem de compreender que não se pode fugir dos problemas, mas que se tem de os resolver agindo — mas para agir ele já não tem um corpo. Esta situação desagradável reforça o desejo de um corpo, o que leva na maioria das vezes a uma reencarnação muito rápida. Cada um deveria, por isso, ter sempre presente que não existe qualquer possibilidade de «tirar a própria vida»!

O Além

«O homem é a criatura mais maravilhosa da natureza. Não pode compreender o que é o corpo, menos ainda o que é o espírito, e menos do que tudo como um espírito pode estar unido ao corpo; isto é o cúmulo da dificuldade; e, no entanto, é precisamente nisso que consiste a sua essência.» — Pascal

Desde sempre que os seres humanos se interessam pelo além. Gostariam de saber o que os espera após a morte. Embora tenhamos tentado responder a esta questão de forma teórica e abstrata, a maior parte das vezes o ser humano gostaria de poder formar adicionalmente imagens concretas e visuais. Se procuramos descrições sobre o além, estamos dependentes dos poucos seres humanos que, como videntes ou iogues, já visitaram e viram o além na sua vida de aquém.

Se se pode simplesmente acreditar ou não nestes relatos assim surgidos, cada um tem de decidir por si próprio. Eu próprio achei impressionante que todos os relatos, independentemente do seu local e data de origem, mostrem uma quantidade de coincidências marcantes. Por esta via, ganhei com o tempo uma ideia do além, ao isolar como estrutura os factos que parecem idênticos em todos os relatos. Gostaria de apresentar brevemente esta estrutura ao leitor interessado.

Para se poder compreender o processo do morrer, dever-se-ia saber primeiro o que acontece ao dormir, pois a morte é muito semelhante ao sono. No sono, o corpo astral liberta-se do corpo físico, permanecendo contudo unido ao corpo físico através de uma formação semelhante a um laço, o chamado laço astral. Durante o sono, o corpo astral pode afastar-se muito do corpo físico, mas a união por meio do laço astral permanece sempre preservada.

No esoterismo conhecem-se exercícios muito determinados que tornam possível vivenciar conscientemente as viagens do corpo astral

durante o sono. Se um ser humano consegue separar conscientemente o corpo astral do seu corpo físico, vê-se a si próprio nesse estado, dado que as perceções sensoriais residem no corpo astral. Estas viagens astrais não são, aliás, de modo nenhum mera especulação, mas sim exercícios correntes tanto no ioga como na magia aplicada, sobre os quais existem numerosos relatos.

A morte distingue-se do sono apenas pelo facto de, após a saída do corpo astral do corpo físico, também o laço astral se separar, ou seja, ser interrompida qualquer união entre os dois corpos. No processo de morte, o corpo astral sai sob a forma de um laço do lado esquerdo do corpo, enrola-se em forma de espiral acima da cabeça do moribundo e forma, por fim, depois de ter abandonado completamente o corpo, uma formação em forma de nuvem. A partir desta «nuvem» molda-se, dentro da primeira hora após a morte, primeiro o rosto, depois todo o corpo do falecido. O corpo e a expressão facial são, na verdade, independentes da idade do falecido, mas representam o seu caráter de forma estilizada.

Terminada a nova moldagem do corpo astral, o falecido desperta no seu corpo astral e sente-se como se despertasse após um longo sono. Parece-lhe que nada de especial mudou para ele, exceto uma agudização da perceção, um aumento da possibilidade de movimento e outras capacidades ampliadas. De resto, o «novo» mundo mal se distingue do mundo até então habitual. Por isso, também acontece frequentemente que o falecido não acredite na sua morte, mas pretenda continuar a levar a sua vida habitual. Apenas o facto de as pessoas do seu meio, que ele consegue perceber, não reagirem a ele vai trazendo lentamente à sua consciência a alteração da sua situação.

O falecido encontra-se num mundo de desejos que é construído inteiramente a partir dos seus desejos e imaginações; no budismo fala-se de Maia, o mundo de ilusão que surge através da projeção psíquica do falecido. Devido à nossa educação materialista, a maior parte das vezes apenas com dificuldade conseguimos imaginar um mundo que é real, embora seja «apenas psíquico». Mas temos de perder o hábito de interpretar sempre um «apenas» na palavra «psíquico».

Um rochedo psíquico é tão real como um rochedo material, o primeiro é inclusivamente o pressuposto necessário para a existência do segundo. Se o falecido vive com um corpo psíquico num mundo psíquico, isto é para ele a realidade absoluta. Ele experiencia o mundo exatamente como estava habituado até então, pois não pode projetar outra coisa. Já sublinhei antes que este mundo psíquico é um mundo

de vibrações. Um pensamento basta para assumir imediatamente a forma de realidade; ele abre a possibilidade de um país da cucanha, mas tem simultaneamente os seus lados de sombra. Se é verdade que basta um desejo para realizar riquezas e uma vida faustosa, também basta o mais pequeno medo para transformar igualmente o conteúdo do medo em realidade.

Assim, o ser humano neste estado torna-se a vítima dos seus próprios impulsos, desejos, cobiças e pensamentos. Ele só pode entrar em contacto com os seres vivos que estejam no mesmo comprimento de onda que ele. Assim, um avarento só pode entrar em contacto com avarentos, um salteador apenas com salteadores, etc. À medida que o ser humano experiencia o seu próprio interior como mundo exterior, vai-se aguçando lentamente a sua compreensão, a compreensão de si próprio e o seu desejo de se desenvolver mais alto. Conduzido por estes desejos, ele vai-se elevando, por assim dizer, lentamente, apoiado por seres que já alcançaram um desenvolvimento mais alto. Estes seres só podem, contudo, entrar em ligação com ele se este próprio sentir o desejo em si e criar, desse modo, o «comprimento de onda».

Neste contexto, parece-me interessante que, na chamada investigação das vozes — na qual, com a ajuda de aparelhos técnicos, se conseguem captar em fita magnética as vozes de defuntos —, se tenha manifestado uma dependência entre a frequência emitida e o nível da voz do além. Por outras palavras: quanto mais elevada é a frequência portadora que se emite, tanto mais exigentes se tornam as respostas que se obtêm na fita.

Em geral, divide-se o além em várias esferas diferentes, dispostas de forma hierárquica, a maior parte das vezes em número de sete. Neste contexto, os nomes individuais e as propriedades destas esferas interessam-nos menos. O importante é apenas que o estado de desenvolvimento espiritual e o conteúdo da vida determinam esta esfera em que se entra, em primeiro lugar, após a morte. A tarefa do falecido consiste depois em desenvolver-se mais alto dentro desta hierarquia, através do amadurecimento e da compreensão, até que, devido a esta purificação, o desejo de uma nova corporização se torne cada vez mais forte.

Após a «descida» através das esferas, o corpo espiritual pode agora encarnar de novo no mundo material. O momento e a escolha dos novos pais são determinados pelos conteúdos da vida anterior e pelas necessidades que daí resultam para a nova vida. Uma

encarnação só é, portanto, possível num momento temporal cuja qualidade reflita adequadamente o conteúdo do ser humano. Neste ponto, o Carma e a astrologia tocam-se.

Na fecundação, os progenitores limitam-se a disponibilizar a matéria com a qual uma alma se pode unir. Por isso, também a questão em disputa sobre quando começa a «vida» é totalmente insensata, pois a vida não pode começar nem terminar; limita-se a transformar a sua forma de manifestação.

«A morte é, na verdade, uma pausa de refreamento, tal como o repouso noturno antes da manhã da vida seguinte, na qual retomas a tua tarefa inacabada com forças frescas e ânimo vivo, para alcançares, a pouco e pouco, a perfeição.» — Kalidasa

A Aplicação da Realidade

«A imagem física do mundo não está errada naquilo que afirma, mas sim naquilo que cala.» — C. F. von Weizsäcker

O nosso mundo assemelha-se atualmente a uma grande comunidade religiosa: o Deus chama-se «Razão», os seus sacerdotes são os cientistas naturais que anunciam os seus ensinamentos à massa dos crentes como uma revelação numa linguagem eclesiástica incompreensível, a que se dá o nome de terminologia da especialidade. E ai daquele que duvide da verdade ou da infalibilidade dos ensinamentos. É imediatamente excomungado da comunidade da humanidade esclarecida. Troça-se hoje do domínio da Igreja na Idade Média e perde-se de vista que, formalmente, nada mudou na estrutura até aos dias de hoje; apenas a função da Igreja foi assumida pela ciência natural. Se com esta mudança de liderança melhorámos ou piorámos qualitativamente, é o que pretendemos examinar de seguida.

A utilização da palavra «ciência» levanta algumas dificuldades. Assim, o adjetivo «científico» estabelece exigências muito determinadas e definidas ao pensamento e ao método de investigação, contra as quais não tenho absolutamente nada a objetar. Tenho, contudo, muito a objetar contra aquilo que hoje se apresenta como «ciência», na qualidade de produto desse pensamento pretensamente científico. Para não ser mal-entendido, constato por este meio que, sempre que falo de ciência, entendo a sua forma atual, tal como se nos apresenta presentemente.

A marcha triunfal da ciência natural desenvolveu-se a partir da física. É compreensível que a física se tenha ocupado, em primeiro lugar, do ambiente material e tenha começado a investigar a lei deste.

Até aqui, tudo bem. Mas, no fervor dos êxitos, cometeram-se dois erros de raciocínio:

1. Esqueceu-se que, por definição, se concentrava a investigação apenas num polo da realidade, a saber, na matéria, e generalizaram-se as leis encontradas, de uma forma não admissível, à totalidade da realidade.

Desta primeira extrapolação nasceu automaticamente o segundo erro: tornaram-se os critérios da própria investigação vinculativos também para outras disciplinas, sem ponderar que nem todas as faculdades lidam apenas com a matéria.

Há uma diferença entre investigar a lei da alavanca ou uma neurose. Os conhecimentos atuais da ciência natural podem, no que se refere a conexões materiais, ser corretíssimos; no que se refere à realidade, são e continuam a ser profundamente errados.

Este problema não se colocou para a ciência enquanto esta acreditou numa imagem materialista do mundo. Ora, devemos à ironia do destino que precisamente a física, que lançou as bases para o materialismo, se veja hoje forçada, sob a pressão dos seus próprios resultados, a retirar novamente essas bases ao materialismo.

Assim, mostra-se hoje o quadro grotesco de todas as disciplinas não físicas continuarem ainda a imitar fanaticamente a física de ontem como o grande modelo, enquanto a própria física já se dirige para novas margens. Isto, porém, salta à vista de poucos, visto que a visão de conjunto nunca foi o forte dos especialistas científicos. Perante este pano de fundo, é possível que um homem como o Prof. Carl Friedrich von Weizsäcker se ocupe da investigação da força Kundalini — a qual, segundo indicações dos iogues, pode ser desenvolvida no ser humano através da meditação —, enquanto os psicólogos tentam tratar neuroses com choques elétricos.

A ciência natural construiu sobre um pressuposto fundamental falso e tem, por isso, de chegar inevitavelmente a resultados falsos; em nada muda isto um procedimento por mais exato que seja. Se eu construir uma equação sobre uma hipótese falsa, chego a um resultado falso, mesmo que tenha calculado de forma formalmente irrepreensível. Se o meu resultado for criticado, é insensato insistir em que não cometi nenhum erro de cálculo.

Mas é exatamente assim que a ciência se comporta hoje. Não põe em questão a sua hipótese de partida, mas argumenta com a exatidão do seu procedimento metódico.

Aqui reside também a razão por que sublinho repetidamente que não pretendo o reconhecimento da astrologia e de áreas semelhantes por parte da ciência, pois através da inclusão de um modelo correto a própria ciência não se torna, de modo nenhum, mais correta. Pelo contrário, quero colocar uma contraproposta no mundo, pois os dias da ciência na sua forma atual estão contados. Mas a maior parte das vezes só se deixa cair algo existente quando algo de novo é oferecido.

O pensamento científico-natural foi um passo de desenvolvimento necessário. Ora, cada passo de desenvolvimento tem a tendência de conduzir ao seu extremo mais afastado, para ser depois substituído por um desenvolvimento de sinal oposto. Assim acontece em todos os domínios, seja na música, na moda, em questões de sexualidade ou de educação, ou em grandes épocas da história do pensamento. Na maioria das vezes, só em retrospetiva se reconhece onde e quando residia o meio-termo dourado e fecundo.

Vivemos hoje numa época de viragem profunda deste género. O pensamento racional atingiu hoje o seu extremo e desafia, assim, o irracional como força oposta. Nas próprias fileiras científicas, sente-se este processo em dois pontos: em primeiro lugar, nas novas teorias da física quântica; em segundo lugar, de forma substancialmente mais ruidosa, na crítica de extrema-esquerda à chamada «ciência burguesa».

Fora das muralhas da ciência, esta inversão da racionalidade para a irracionalidade é ainda consideravelmente mais vistosa: o desenvolvimento começou, aproximadamente, com o aparecimento dos hippies e o consumo de estupefacientes. Como se tratava das primeiras tentativas de romper as muralhas do racional e de colher experiências metafísicas, os métodos tinham, naturalmente, de ser ainda rudes e imperfeitos. Isto mesmo os visados perceberam logo, e procuraram-se métodos melhores e mais elegantes para alcançar o mesmo objetivo.

Por esta via, descobriram-se as filosofias orientais, o hinduísmo e, acima de tudo, o budismo, o ioga e a técnica da meditação que é comum a todos eles. Antigos livros de sabedoria indianos e chineses tornaram-se best-sellers entre os jovens. Pelo desvio das religiões orientais, acabou-se inclusivamente por descobrir Jesus de uma forma nova e houve quem se autodenominasse «Jesus People».

A Índia soube aproveitar a vaga e abasteceu-nos zelosamente com homens santos e crianças santas. Ao mesmo tempo, aumentava o interesse de amplas camadas pela parapsicologia. O PSI tornou-se a

fórmula mágica. Com a máxima rapidez, jornalistas astutos recolheram casos surpreendentes de chamados fenómenos paranormais dos arquivos dos especialistas e serviram-nos em forma de livro à multidão faminta de PSI.

O negócio prospera; paus de incenso e figuras de Buda vendem-se bem. «Descobriu-se» a acupuntura e, com ela, as capacidades até então silenciadas de médicos de medicinas naturais e de terapeutas naturopatas. Se há uns anos o termo «treino autógeno» gerava apenas rostos interrogativos, hoje quase toda a gente julga saber o que isso é. As editoras arriscam-se a oferecer livros de astrologia popular a um preço de 70 a 100 marcos alemães.

Tudo isto são apenas os primeiros prenúncios de um desenvolvimento a que gostaria de chamar abreviadamente «vaga mística». Se saúdo ou não esta nova vaga, é uma outra questão. Neste contexto, é apenas importante ver que ela já começou e representa uma reação inconsciente das pessoas que até então tinham fé na ciência. Pois a esperança que o ser humano depositava inconscientemente na ciência não foi por ela realizada. Afinal, tinha-se abandonado a fé nos ensinamentos das Igrejas e, assim, a alma esperava da ciência, como substituto, uma nova forma de salvação. Do lado da ciência, esta expectativa inconsciente foi zelosamente alimentada, dado que se estava pretensamente sempre muito perto da solução de todos os problemas. Mas a solução não apareceu; em vez disso, as teorias individuais tornaram-se cada vez mais de curta duração e provisórias. O que ontem ainda passava por verdadeiro, hoje já está ultrapassado. Por este facto, foi desencadeada uma inflação psíquica do lado dos que esperavam.

Assim se começa, lentamente, a procurar de novo a salvação ali onde, na verdade, ela sempre esteve em casa: no irracional. Que esta reorientação não se processe de forma rápida, suave e sem sobressaltos é evidente. Pois, para já, apenas a psique inconsciente se decidiu pela reorientação, cujo trabalho não é propriamente facilitado pelas tendências conscientes que correm em sentido contrário. Assim, procuram-se compromissos, como aquele que a «parapsicologia científica» representa.

O atributo «científica» tranquiliza a atitude habitual, os temas da parapsicologia satisfazem, por agora, a fome inconsciente pela «outra» parte da realidade. Por isso, a parapsicologia também tem atualmente tanta facilidade em ser aceite a nível alargado, enquanto uma proposta

que se demarque da ciência desencadeia em todo o lado um medo pânico e recusa.

No entanto, a bancarrota da ciência é tão clamorosa que já equivale a uma cegueira histérica continuar ainda a falar de êxitos. Onde estão, afinal, esses êxitos? Nunca o ser humano se sentiu tão desenraizado como hoje. Nunca houve tantos suicídios. Nunca houve tantas doenças psíquicas. Onde estão, portanto, os êxitos? Desde que existe a medicina moderna, o número de doentes não baixou uma única percentagem. Tornámo-nos mais satisfeitos ou mais felizes? Aproximámo-nos mais do sentido da vida? Sabemos realmente mais sobre a realidade do que outrora?

Estas são as questões centrais que dizem verdadeiramente respeito e tocam centralmente o ser humano como ser humano. O que significam, a par disso, desenvolvimentos técnicos que diariamente aumentam os problemas? Não sou contra as conquistas da técnica e o conforto que delas resulta, mas sim contra o facto de este desenvolvimento técnico ser impulsionado unilateralmente com tanta ignorância, sem se poder vislumbrar minimamente as consequências que daí resultam.

De que me serve, por exemplo, a conquista do adubo químico se apenas anos mais tarde se nota que já só existem alimentos mortos e envenenados? De que serve a moderna construção em betão armado se, por esse facto, os campos bioelétricos são blindados como que por uma gaiola de Faraday?

Não choro com nostalgia por uma idade de ouro em que o mundo era ainda íntegro e estava em ordem. Pelo contrário, designei há pouco a ciência natural como um desenvolvimento necessário. Este passo necessário e positivo consistiu na decisão de nos orientarmos dentro do nosso mundo objetivo, de o classificar, de observar e tornar designáveis processos e estruturas. Esta fase de observação e descrição de conexões funcionais tem, porém, de reconhecer algures os seus limites e conceder lugar a outras fases necessárias.

A minha censura refere-se à ultrapassagem dos limites não reconhecidos. Do enriquecimento e alargamento do horizonte humano através de novos factos reconhecidos fez-se um desenraizamento do ser humano da sua tradição. Se se levar a análise tão longe que se esqueça a unidade e as leis, descobre-se inevitavelmente um caos de casualidades que depois se tenta dominar de novo com o cálculo estatístico de probabilidades. O resultado: o homem moderno que perdeu completamente o sentimento de pertença ao cosmos e à

natureza e que se julga entregue, indefeso, aos acasos caóticos do destino; um homem que não se atreve a perguntar pelo sentido da vida para não parecer acientífico.

Medicina

«A matéria em si não existe, existe apenas o espírito vivificante, invisível e imortal como base primordial da matéria... com o misterioso Criador, a quem não receio chamar Deus.» — Max Planck

O erro da ciência tem as suas consequências mais graves nas disciplinas que lidam com o ser humano vivo, isto é, na medicina e na psicologia. Um homem como Paracelso sabia ainda das grandes conexões cósmicas em que planta, animal e ser humano estão integrados. Para ele, um médico que não percebesse nada de astrologia era um charlatão e um trapaceiro. Hoje afirma-se o contrário!

Mas não apenas a astrologia, mas sobretudo também a alquimia e a teoria das assinaturas das plantas constituíam a base da sua magnífica competência. A medicina moderna sacudiu toda esta «tralha medieval» e começou a analisar minuciosamente aquilo que encontrava: a matéria. Decompôs-se e analisou-se o corpo humano em componentes cada vez mais pequenos — uma ocupação que ainda hoje não se terminou.

Quanto melhor se conhecia o detalhe, tanto melhor se podia também localizar cada doença e combatê-la especificamente. Assim se deslocou automaticamente a imagem do «homem doente» para o «órgão doente». Com isto estava aberto o caminho para a especialização; cada um ocupava-se apenas de um minúsculo recorte do homem físico.

Neste ponto reside o problema da medicina. O ser humano como unidade é algo diferente da soma de um número de elementos individuais mensuráveis. Por isso, coloca-se como primeira e mais importante questão se o ser humano está doente ou saudável. Se está doente, a questão da localização dessa doença é secundária. Tenho de tratar o ser humano na sua totalidade se quero abranger a doença na sua causa.

Mas onde reside, afinal, a causa de uma doença? A medicina julga descobrir esta causa através da análise dos processos fisiológicos. Isso é, infelizmente, um erro. Pois, dentro do corpo físico-material, nada se processa por si mesmo, antes necessita de um princípio organizador, de uma informação. Caso contrário, um cadáver também ainda viveria, pois na estrutura material nada mudou

após a morte. Se um processo qualquer num ser humano doente não corre como estamos habituados, a causa tem de residir numa alteração do programa. O programa ou a informação é, porém, imaterial e idêntico ao chamado corpo astral.

Mas como se chega, afinal, a esta alteração de informação? Sabemos que não existe o acaso. Quando falámos da concretização das configurações astrológicas, dissemos que se podem experienciar determinadas configurações em diferentes níveis. Portanto, se um ser humano não processar um determinado tema da realidade, simbolizado por uma configuração, nem a nível espiritual nem psíquico, o problema não resolvido concretiza-se, por fim, no nível corporal. Esta alteração, a que chamamos doença, é um sinal de que, num âmbito qualquer, não vivemos ou não agimos de forma correta, adequada à realidade.

A doença deve, portanto, ser sempre compreendida como um apelo a corrigir os hábitos anteriores. A doença também não é mais do que a forma de um conteúdo. Encontrar o conteúdo correspondente, consciencializar o problema negligenciado, significa tornar supérflua a causa da doença. Qualquer tipo de terapia que negligencie este encontro da causa causadora da doença não cura a doença, mas limita-se a tratar sintomas. Não se deve equiparar o conceito de doença à sintomatologia. O significativo é se um ser humano está doente ou saudável — através de que sintomas esta doença se manifesta é secundário.

Considerada deste modo, cada doença é de causa psíquica, não apenas aquele pequeno grupo que, em tempos mais recentes, pôde ser demonstrado pela chamada corrente psicossomática. Em virtude da resistência contra o novo modelo psicossomático de doença por parte da medicina clássica, o procedimento cauteloso dos médicos de orientação psicanalítica é perfeitamente compreensível.

Eles conseguiram também iniciar uma certa mudança de pensamento, embora o elevado desenvolvimento da medicina técnica e medicamentosa fixe as fronteiras em limites bastante estreitos. Assim, por exemplo, a oferta de formação para os estudantes de medicina na Universidade de Munique limita-se a uma lição de uma hora, de dois semestres, em psicossomática, a qual, além disso, é voluntária. Isto não é base para se esperar uma reforma do pensamento médico a partir das abordagens anteriores.

Neste ponto, objetar-se-á que a minha perspetiva talvez possa aplicar-se a um certo número de doenças, mas que é evidente que não

se pode aplicar este modo de considerar as coisas, por exemplo, às muitas doenças geradas por agentes patogénicos e às consequências de acidentes.

Quem postula estas exceções trabalha, contudo, inconscientemente, ainda com o conceito corrente de acaso, cuja legitimidade eu contesto. Mostra-se aqui o mesmo problema que já tratámos anteriormente em articulação com o tema do acidente e das suas consequências. Os agentes patogénicos não são as causas da doença, mas sim o meio através do qual o «estar doente» se pode realizar. Os agentes patogénicos são, na verdade, causas dos sintomas específicos, mas não da doença em si. Da mesma forma, cada acidente é apenas a concretização de uma potencial necessidade de doença. Os «sinistrados» orientaram também a ciência já nesta direção. Assim, investigações em grandes fábricas demonstraram que em oitenta por cento dos acidentes estiveram envolvidos apenas vinte por cento dos operários.

Sob este pressuposto, o problema diagnóstico desloca-se da questão: «De que modo está alguém doente?» para a questão: «Por que razão está alguém doente?» Por isso, o primeiro processo terapêutico tem de tentar sempre resolver este «porquê». Admito que a teoria é mais simples do que a prática; não obstante, existem métodos adequados. Três abordagens metódicas diferentes nesta direção existem atualmente:

1. O conceito psicanalítico que, através da análise biográfica, tenta encontrar as causas do estar doente e a sua expressão simbólica;
2. A medicina antroposófica, cujo modelo de homem e de doença corresponde amplamente ao por mim aqui exposto; e
3. O diagnóstico astrológico da doença que representa, sem dúvida, a solução mais elegante e exata do problema diagnóstico.

A terceira possibilidade é também utilizada por alguns médicos, cujo número não é, contudo, suficientemente grande para expandir este método, até ao dia de hoje, até à sua plena capacidade de rendimento.

As possibilidades potenciais do diagnóstico astrológico são substancialmente maiores do que aquilo que se realiza hoje com este método, porque falta aos astrólogos de referência o conhecimento médico para desenvolver esta área da especialidade, e existem

demasiado poucos médicos que tenham conhecimentos astrológicos de especialidade suficientes para realizar este trabalho necessário.

O primeiro passo de uma qualquer terapia, independentemente de o objeto se chamar dor de cabeça, infeção ou fratura da perna, deveria estruturar-se do seguinte modo: é preciso conhecer a história do desenvolvimento psíquico do paciente, a partir da qual surgiu, causalmente, a sua situação atual. Se o paciente conseguir clarificar estes problemas de conteúdo e a sua conexão com a doença do momento, ganha por esta via uma parcela de compreensão e de conhecimento de si próprio; torna-se mais consciente.

O caráter de apelo da doença cumpriu o seu objetivo. Só quando a doença é aceite pelo paciente como fazendo sentido para ele é que é retirado o tapete à necessidade do estar doente. Pois a doença apenas queria chamar a atenção para um determinado problema, queria corrigir. No momento em que a sua mensagem pretendida foi compreendida, a sua existência posterior é supérflua.

Ora, não queremos de modo nenhum cometer o erro de maldizer a unilateralidade da medicina e, simultaneamente, perseguir de forma igualmente unilateral o extremo oposto. Na sua grande maioria, a doença não se processa apenas no nível psíquico, mas também no nível físico ou somático. Com cada alteração no âmbito psíquico correlaciona uma alteração no corpo.

Uma terapia que saiba desta polaridade não terminará a sua obra após o primeiro passo descrito, mas prosseguirá igualmente no lado somático a correção iniciada. Só agora nos ocuparemos também dos sintomas e da sua particularidade. Mas, embora nesta fase da terapia o nosso estabelecimento de objetivos se assemelhe ao da medicina convencional, os nossos métodos distinguir-se-ão, no entanto, substancialmente.

Sabemos que o nosso corpo empenha-se sempre em funcionar de forma saudável e sem perturbações. Muitos chamam a este fenómeno a «força curativa interna». Pela cibernética foram desenvolvidos, em tempos recentes, modelos que se aproximam muito deste pensamento. Fala-se aqui de um «sistema homeostático», o que significa que o corpo humano se trata de um sistema de regulação que se empenha em estabelecer constantemente um estado de equilíbrio. As possibilidades do corpo de compensar e repelir quaisquer ataques ao seu equilíbrio interno são tão infinitamente grandes e múltiplas que é muito mais surpreendente quando um ser humano está doente do que se ele permanecer saudável uma vida inteira.

Dado que é precisamente aos médicos que esta abundância de refinadas medidas de defesa corporais é mais bem conhecida, surpreende tanto mais que se continue a procurar, nestas fileiras, a causa do estar doente na falha de processos corporais. Nem os venenos nem os agentes patogénicos, desde que surjam sob condições naturais, ameaçam verdadeiramente um corpo.

Só quando, por controlo psíquico, são bloqueadas «intencionalmente» las medidas de defesa do corpo é que tais influências externas podem ser utilizadas como causadoras da doença. Esta suscetibilidade diferente já saltou, na verdade, também à vista dos médicos, contudo tenta-se resolver o «problema da imunidade» no nível da constituição ou da inferioridade orgânica. Se soubermos agora da conexão entre o empenho de cura interno do corpo e a causação psíquica da doença, iremos, depois de termos eliminado a causa psíquica, apoiar sobretudo esta força curativa interna de forma adequada no lado somático.

Por este facto, são excluídos todos os métodos que suprimem os processos gerados pelo corpo com o objetivo de cura, em vez de os promover. Um exemplo para esta categoria seria o combate à febre. Além disso, todos os medicamentos químicos parecem mal adequados para apoiar no seu esforço um sistema de regulação que empenha-se pelo equilíbrio.

Cada medicamento químico representa para o corpo mais um corpo estranho que desloca ainda mais o equilíbrio. Em nada muda isto a eficácia sobre um determinado sintoma. A sobrecarga do organismo total por um tal medicamento é, na verdade, muito bem conhecida da medicina sob o título de «efeitos secundários», mas é amplamente subestimada junto do público. A medicina entende que tem de aceitar estes efeitos secundários como um mal necessário. Ora, não se pode perder de vista que estes «efeitos secundários» de facto não convêm nada mal a um paciente da medicina alopática, pois ele necessita urgentemente de um novo sintoma de doença, visto que no tratamento convencional não foi eliminada a causação psíquica, mas apenas o sintoma.

Pois o que acontece se eu, como doente, não tiver compreendido o caráter de apelo da minha doença e, por isso, nada alterar na minha estrutura psíquica, mas o meu médico tiver combatido com êxito o meu sintoma? O meu inconsciente é forçado a repetir mais uma vez a tentativa do apelo que, pela arte do médico, falhou totalmente o seu objetivo — desta vez com um outro sintoma!

O circuito que daqui resulta é decerto bem conhecido de todos através das pessoas a quem constantemente «falta algo», as quais, curadas de uma doença, são já assoladas por uma nova queixa. Também aqui a ironia celebra novamente os seus triunfos: enquanto os sintomas sempre novos de um ser humano doente documentam com toda a clareza a falha da medicina, a medicina contabiliza cada sintoma individual combatido com êxito como «êxito curativo» e eleva, por esta via, a sua própria estatística de êxitos.

Pois, quanto menos seres humanos forem curados do seu «estar doente» como tal, tanto maiores se tornam as cifras de êxito da medicina. O bom e velho médico de família sabia destas conexões melhor do que ninguém, dado que, no caso ideal, conhecia o seu paciente desde o nascimento e não lhe eram totalmente estranhos nem a sua família, os contactos sociais nem os problemas.

Numa época, contudo, em que um paciente é passado de especialista em especialista, não se tem ouvido para o fenómeno da deslocação de sintomas.

Onde termina agora este circuito da deslocação de sintomas depende do tipo de perturbação psíquica. No caso mais leve, após uma doença superada não se sucede nenhuma outra, dado que o viver intensamente uma doença possui, a par do mencionado caráter de apelo, também um valor de vivência em si.

Este vivenciar o estar doente pode, muitas vezes, bastar para a correção ou compensação do comportamento anterior. Toda a gente sabe quão grandemente as crianças mudam após uma doença superada, mas também como muita coisa se vê de outra forma como adulto após uma doença. Se a vivência da doença não bastar, contudo, para a correção, serão consequência disso doenças posteriores e cada vez mais sérias, no sentido da deslocação de sintomas.

Se, contudo, um ser humano, apesar de todas estas medidas de correção, se afastar cada vez mais da sua «fórmula de vida», tem de ser inevitavelmente eliminado pela natureza; é «tirado de circulação» através de uma doença mortal ou de um acidente. Pois num cosmos existe apenas uma margem limitada para desvios; se esta for ultrapassada, o cosmos tem de estabelecer a sua ordem «violentamente».

Desta reflexão resulta também que uma doença mortal ou uma morte por acidente nunca surge tão subitamente como muitos receiam. «Subitamente» parecem tais acontecimentos apenas àquele que não queria compreender as advertências dos acontecimentos anteriores do

destino. (O dito não se aplica, naturalmente, à morte de pessoas idosas nas quais o ciclo previsto da vida terrena expirou temporalmente.)

Agora, os dispendiosos trabalhos de investigação da medicina para a erradicação das doenças mortais, como por exemplo o cancro, aparecem subitamente sob uma luz completamente diferente. A vitória sobre o cancro de nada serve a um único ser humano! De nada serve, exatamente da mesma forma que as muitas vitórias sobre outras doenças de nada serviram até agora. Também aqui encontramos de novo o mecanismo da deslocação de sintomas! Para a natureza não importa se alguém morre de varíola ou de cancro ou se se despista de automóvel contra uma árvore. O importante é apenas que morra.

Isto soa desumano e brutal — mas apenas porque se forçou o nosso pensamento para categorias falsas. Pois se eu souber que a morte é apenas uma metamorfose, uma transição de um nível para outro, e mais, que também uma morte prematura ou violenta não é um acaso, mas sim a forma para um conteúdo estabelecido por si próprio, o dito já não soa tão brutal e desumano.

A imagem desloca-se, pelo contrário, cento e oitenta graus: desumano parece, de repente, o procedimento irrefletido da medicina que obstrui e torna impossível ao destino, e logo também ao ser humano, uma causa de morte após outra, forçando-o, por esse facto, a procurar possibilidades de concretização sempre mais recentes e complicadas. Isto significa, de forma muito simples, que um grande número de pessoas que antigamente ainda teriam morrido na cama de uma das doenças habituais, hoje, pelos êxitos da medicina, são forçadas a morrer, por exemplo, na estrada num acidente.

Mas também esta possibilidade é limitada passo a passo por «mentes brilhantes»: através de automóveis de segurança, cintos de segurança, limitações de velocidade e outros absurdos semelhantes. O título «salvamento de vidas humanas» ajuda este bando, no sentido mais profundo desumano, a alcançar a glória e o brilho de uma humanidade mal compreendida.

Aqui coloca-se de forma muito premente a questão de saber se é sequer legítimo intervir nos cursos do destino de outros seres humanos. Esta questão não afeta, como é natural, apenas a medicina, mas é contudo precisamente aqui de importância decisiva. Se se souber que não existe o acaso, e se se conceder a cada acontecimento, logo também a uma doença e a um acidente, um sentido, então o «ajudar e salvar a qualquer preço» torna-se bastante dúbio. Afinal, cada intervenção no curso do destino de um outro significa uma

ingerência tão grave na autonomia pessoal deste que muito surpreende que este problema quase não seja discutido de todo.

De onde extrai um médico a legitimidade para, por exemplo, forçar um lactente sem vontade de viver a permanecer vivo? E, após este magnânimo ato, não se ocupar mais dele? Os pais dificilmente podem conceder essa procuração ao médico, dado que foram eles próprios que prepararam, em termos de conteúdo, o nascimento de uma criança sem viabilidade.

Uma criança de um casamento harmonioso e feliz, que é esperada com alegria por ambos os progenitores, não é desprovida de viabilidade! Se uma criança surge, porém, de uma união inautêntica, sendo rejeitada durante a gravidez, tem de vir ao mundo num momento temporal que reflete já formalmente a falta de viabilidade desta criança no horóscopo. É um processo natural e saudável que a natureza retire esta criatura novamente da vida.

Mas disso o senhor de bata branca nada sabe! Afinal, é-se o grande benfeitor da humanidade e manda-se na vida e na morte! E enquanto, por um lado, a mortalidade infantil baixa, outros surpreendem-se com o aumento da criminalidade, da doença mental e dos suicídios.

Com a mesma frieza de alma torna-se os paralisados caminhantes e os cegos videntes. Talvez não seja, afinal, um acaso que até agora quase todos os cegos que se tornaram videntes por arte médica tenham ficado gravemente deprimidos e, em parte, tirado a própria vida.

Quando falámos de Carma, designei esta vida como o resultado formal da vida anterior. Se um ser humano traz agora uma doença congénita ou uma mutilação consigo para este mundo, a sua tarefa é realizar-se neste papel que lhe foi atribuído. Se se chama a isso fatalismo ou não, pouco importa. O importante é que eu tenha tanta admiração pelo ser humano na sua situação própria que não comece a moldá-lo «à minha imagem e semelhança».

Se eu retirar a tais seres humanos, através de medidas terapêuticas, a sua forma específica de vivência e de sofrimento, forço-os simultaneamente a procurar uma nova situação adequada. É tempo de acabar, finalmente, com um conceito de compaixão que, na realidade, serve apenas para desculpa das próprias ingerências.

Na base desta correção por compaixão reside a relutância dos saudáveis em serem constantemente relembrados, pela visão de um doente, de um âmbito muito determinado da realidade. Um paralisado ou um estropiado demonstra simbolicamente a cada um, através do

seu sofrimento, a possibilidade do «ter de sofrer por si próprio». Mas como ninguém quer ser relembrado disso, empreendem-se os maiores esforços para normalizar cada um ou, caso isso não resulte, para o guardar em estabelecimentos fechados. O desejo de que os outros sejam tratados é a expressão do próprio medo inconsciente da própria imperfeição.

Ora, não é um problema totalmente simples traçar fronteiras claras entre o direito de ajudar e a ajuda como ingerência. Mais importante do que fronteiras claras é, porém, a consciência do problema por parte de cada um que esteja ocupado com a terapia. Cada caso deveria ser examinado atentamente no sentido de ver até que ponto uma doença serve para experienciar o destino, ou se é meramente uma advertência para uma correção. No primeiro caso, a terapia terá de limitar-se a tornar compreensível ao paciente o sentido do seu sofrimento e a uni-lo e reconciliá-lo de novo com o seu próprio destino. No segundo caso, proceder-se-á da forma descrita no início, consciencializando, em primeiro lugar, as causas psíquicas e, em segundo lugar, apoiando a força curativa interna.

Dado que critiquei de forma tão detalhada o método da medicina, esperar-se-ão com razão alternativas terapêuticas. Estes métodos alternativos existem em número suficiente; são reunidos, na sua maioria, sob a designação coletiva de «medicina natural». Gostaria de dar aqui uma perspetiva muito breve sobre os procedimentos mais importantes; informações detalhadas ultrapassariam o âmbito e devem, por isso, ser consultadas na literatura da especialidade (ver índice bibliográfico!).

Aqui existe, em primeiro lugar, um grande grupo de procedimentos derivativos ou desintoxicantes. Como o próprio nome indica, estes métodos provocam a derivação de substâncias tóxicas e de agentes patogénicos para fora do organismo. Este processo corresponde à reação natural do corpo de eliminar substâncias tóxicas através do vómito, da diarreia ou de erupções cutâneas. Como exemplo para este grupo, mencione-se o baunscheidtismo.*

** (NT: O baunscheidtismo é um método de medicina alternativa e terapia humoral criado na Alemanha em meados do século XIX (por volta de 1848) por Carl Baunscheidt, um mecânico e inventor. A técnica, muitas vezes apelidada na Europa de "acupuntura ocidental", baseia-se no princípio da contrairritação e da desintoxicação através da pele.)*

Neste procedimento, utilizam-se grandes extensões da pele como órgão de eliminação, ao puncionar a pele com um aparelho especial e ao esfregar de seguida com um óleo estimulante. Desta forma, todas as substâncias estranhas do corpo são trazidas para a superfície da pele, na qual são eliminadas sob a forma de grandes pústulas de pus. A possibilidade e a importância de uma tal purificação do corpo são hoje totalmente negligenciadas. Uma quantidade gigante de doenças desaparece logo após um tal procedimento.

Num outro grupo, gostaria de reunir a acupuntura e as neuralterapias. A acupuntura clássica, que se desenvolveu há cerca de cinco mil anos a partir da filosofia chinesa da polaridade do Yin e do Yang, conhece um sistema de doze chamados meridianos, dos quais seis pertencem ao princípio Yin e seis ao princípio Yang. Por meridiano entendem-se canais nos quais, segundo a conceção chinesa, circula a energia vital no corpo. De acordo com isto, a doença exprime-se num desequilíbrio do princípio masculino (Yang) e feminino (Yin).

A acupuntura equilibra os dois sistemas de energia entre si através da inserção de agulhas em pontos determinados — conhecem-se já mais de 700 desses pontos. O Dr. Voll desenvolveu a partir deste método clássico da acupuntura uma forma ocidental moderna, a qual é conhecida sob o nome de eletroacupuntura. Com um aparelho elétrico desenvolvido pelo Dr. Voll, é possível diagnosticar doenças de forma exata através da medição elétrica dos pontos de acupuntura individuais, tratar através da estimulação elétrica dos pontos e, além disso, testar o efeito de um medicamento através da interpolação deste.

Este último ponto, conhecido sob o nome de teste de medicamentos, é tão interessante no nosso contexto que gostaria de o descrever mais detalhadamente. Enquanto o paciente, aquando da medição de diagnóstico, segura um dos elétrodos do aparelho na sua mão, o médico toca com o outro elétrico, em forma de estilete, os pontos de acupuntura individuais, cada um dos quais está atribuído a um órgão muito determinado do corpo. Se o aparelho mostrar agora uma queda do ponteiro na escala de medição em determinados pontos, o médico pode diagnosticar a partir daí. Se, durante este procedimento, se colocar na mão do paciente uma ampola com um medicamento, o ponteiro do aparelho indica se este medicamento é adequado ou não para a eliminação da perturbação. Este é o único

procedimento para testar medicamentos antes mesmo da sua administração — o que soa tão invulgar para o nosso pensamento que a eletroacupuntura, embora seja aplicada por médicos com formação completa há mais de dez anos com o maior êxito, continua a não ser reconhecida pela medicina convencional.

Isto é compreensível se se ponderar que o reconhecimento da eletroacupuntura teria algumas consequências de grande alcance para o pensamento médico. Em articulação com a área seguinte, a homeopatia, voltarei novamente a este teste de medicamentos!

A homeopatia é um método específico de preparação de medicamentos que remonta a Hahnemann (1755-1843). O ponto de partida é uma tintura-mãe, a qual foi obtida a partir de plantas, animais ou minerais. Se misturarmos agora uma parte desta tintura-mãe com nove partes de água ou de álcool através de dez movimentos de agitação, tenho um medicamento na primeira potência ou, abreviadamente, D1.

Se eu pegar agora numa parte desta primeira potência do medicamento e a agitar dez vezes juntamente com nove partes de água, obtenho a segunda potência ou D2. Esta solução contém, portanto, agora apenas uma centésima parte da tintura-mãe. Pela via descrita pode produzir-se qualquer potência decimal desejada de um medicamento. Logo na sexta potência (D6), a diluição corresponde a uma parte de medicamento para um milhão de partes de água. Na homeopatia, contudo, a D6 ainda conta como uma potência baixa, dado que se trabalha com potências até D1000 e muito para além disso.

Ao espírito com formação científica falta, na maioria das vezes, qualquer compreensão para isto. Pois pode demonstrar-se que um medicamento com a potência D30 já não possui uma única molécula da substância original que lhe dá o nome, tratando-se, portanto, apenas de água pura. Por outro lado, cada um que já tenha entrado em contacto com a homeopatia pode jurar a sua eficácia e capacidade de cura.

Onde reside aqui a solução? Talvez na sugestão? Sabe-se, entretanto, a partir das chamadas experiências com placebos, que também medicamentos ineficazes, se forem administrados com a sugestão necessária, podem provocar efeitos. Entretanto, existem três provas que, por um lado, afastam este antigo argumento padrão da sugestão e, por outro lado, conseguem demonstrar a eficácia dos remédios homeopáticos:

1. A aplicação de remédios homeopáticos em animais, nos quais dificilmente se pode tomar em consideração um efeito placebo;
2. Sob a pressão de uma proibição iminente dos medicamentos homeopáticos no âmbito dos regulamentos da CE, tanto as empresas afetadas como, especialmente, os laboratórios da secção científico-natural da Universidade Livre de Ciência Espiritual no Goetheanum realizaram grandes séries experimentais para a demonstração da eficácia de remédios potenciados. Nestas investigações, testou-se a influência das diferentes substâncias potenciadas sobre o crescimento de germes vegetais sob rigorosas condições experimentais. A disposição da experiência e os testes estatísticos levariam demasiado longe neste ponto e podem ser consultados (índice bibliográfico!). A nós interessa-nos, acima de tudo, o resultado: «Todas estas investigações constataram de forma coincidente e reprodutível que as potências têm efeitos demonstráveis sobre o crescimento vegetal: inibidores, promotores, intervenientes nos processos de metamorfose. Estes efeitos, dado que foram obtidos em plantas, já não podem ser descartados como sugestão. De forma imperiosa eleva-se a questão: de que modo tem de ser constituída a matéria se ela se manifesta como capaz de potenciação?» (Wilhelm Pelikan em *Remédios Potenciados*);
3. O teste de medicamentos com o aparelho de eletroacupuntura segundo o Dr. Voll. Como já foi mencionado brevemente acima, a oscilação do ponteiro do aparelho eletrónico reage a um medicamento que é meramente segurado na mão pelo paciente examinado e que, além disso, está ainda embalado numa ampola de vidro fechada. O nosso conceito habitual de matéria não consegue sequer explicar o efeito de uma substância fechada sobre o resultado da medição, quanto mais as diferentes reações do ponteiro a diferentes remédios potenciados e às diferentes potências, dado que todas estas ampolas, segundo a visão científica, contêm apenas água pura.

Não faltam, portanto, provas experimentais da homeopatia que cumprem todas as exigências da ciência, especialmente as da reprodutibilidade. Não obstante, muitos cientistas e jornalistas não se coíbem de manifestar ruidosamente a sua ignorância em grandes artigos contra a homeopatia (ver, por exemplo, o comentário da revista

Spiegel sobre o Congresso Internacional de Homeopatia em Viena em 1973!).

A questão de saber como e por que razão a homeopatia funciona ainda não a respondemos. Ela resulta, contudo, sem esforço de tudo o que foi dito até agora. Lembremo-nos: tudo o que a natureza viva produz é constituído por corpo, alma e espírito. Para a alma utilizamos, entretanto, também o conceito de corpo astral ou corpo de forças formativas. Assim como a individualidade de um ser humano reside, na verdade, na sua alma, no seu corpo astral, também a planta medicinal possui analogamente o seu corpo astral. Ele é o portador da individualidade específica da planta medicinal. No processo da potenciação, que não deve ser equiparado a diluição, este corpo astral é libertado da planta passo a passo através dos movimentos individuais de agitação e ligado ao meio de diluição que é a água. Assim, o meio que é a água torna-se agora o portador da informação da planta.

Por outras palavras: a potenciação é uma transferência da substância do estado ponderável para o estado imponderável. Rudolf Steiner disse a este propósito no primeiro curso para médicos: «Ao diluir cada vez mais, ao potenciar, chego por fim ao ponto zero, onde os efeitos desta substância no seu estado ponderável já não se manifestam.

Se eu for depois ainda mais longe, as coisas não se passam de modo a que simplesmente toda a história desapareça, mas passa-se de modo a que surge o oposto e a que depois é introduzido o oposto no meio envolvente.» Agora a eficácia terapêutica da homeopatia torna-se clara: o medicamento potenciado não aplica a sua atividade no organismo material, mas sim diretamente no corpo astral, no qual reside a causa de cada doença.

Através da informação imaterial de um medicamento homeopático, a informação causadora da doença no corpo astral é corrigida. Enquanto os medicamentos alopáticos provocam alterações no nível substancial, o medicamento homeopático atinge a doença no seu local de origem. Todos os efeitos secundários químicos desaparecem desta forma.

Como não se trata o sintoma, mas sim a doença, também não existe deslocação de sintomas. Compreendemos também agora por que razão o aparelho de eletroacupuntura consegue medir o medicamento fechado e trazê-lo em relação com a doença: a medição realizou-se no nível imaterial. Quem se surpreender por aí se poder

«medir» eletricamente, pondere, por favor, que também a corrente é de natureza imaterial!

Aqui fecha-se o nosso círculo da demonstração: pode não apenas fotografar-se o corpo astral de plantas, animais e minerais, mas também medi-lo eletricamente. Espero ter conseguido clarificar os seguintes três pontos:

1. A relevância prática de diferentes «imagens do mundo». Não é indiferente para a nossa vida diária de que conceito de matéria se parte, se se acredita no acaso ou no determinismo e se a reencarnação é um facto. Quero com isto mostrar que a ocupação com problemas metafísicos ou parapsicológicos não é um passatempo simpático para pessoas que não têm ocupação suficiente no mundo real, mas que as consequências de uma determinada orientação do pensamento tocam a cada um a cada passo. Ninguém se pode, por isso, dar ao luxo de se esquivar à decisão pessoal a favor ou contra determinadas visões fundamentais;
2. O erro fundamental da medicina: o ponto de partida da crítica não deve atingir métodos ou técnicas individuais da medicina atual se se quiser evitar discutir ao lado do problema. Enquanto a medicina não compreender que partiu de um modelo de humanidade e de doença falso, e que infelizmente ainda parte, os erros não se tornarão menores no futuro, apesar de todo o «desenvolvimento posterior». Mas como uma instituição grande e rica em tradições nunca foi capaz de alterar fundamentalmente o seu pensamento sem pressão externa, também não se deve esperar uma aproximação gradual e lenta à realidade nos tempos mais próximos;
3. As alternativas à medicina convencional: a parte mais importante de uma qualquer crítica séria deveria ser sempre uma contraproposta. No âmbito da medicina, existe uma série considerável de métodos que não só tomam em conta o modelo de doença apresentado, como, além disso, estão testados na sua eficácia há décadas, na sua maior parte inclusive há séculos. Esta oferta proporciona, por isso, a cada interessado a possibilidade de verificar por si próprio o dito na realidade e também de substituir, nesta área, a «fé» pelo «conhecimento».

Psicologia

«Sei que as universidades deixaram de atuar como portadoras de luz. Ficou-se farto da especialização científica e do intelectualismo racionalista. Quer-se ouvir falar da verdade que não estreita, mas alarga; que não obscurece, mas ilumina; que não corre por alguém como água, mas penetra de forma empolgante até à medula dos ossos.»

— C. G. Jung

A consideração da psicologia no nosso contexto é não apenas interessante, mas também complicada. Interessante porque a psicologia está mais próxima do nosso tema; complicada porque aquilo que um leigo habitualmente imagina sob o termo psicologia mal tem uma característica comum com a chamada psicologia científica. O não psicólogo é da opinião de que os psicólogos, em virtude dos seus excelentes conhecimentos sobre a psique humana, são muito bons conhecedores dos homens, conseguindo deduzir características fundamentais do caráter já a partir de traços exteriores, sendo assim conhecedores das conexões anímicas mais misteriosas.

Esta opinião é alimentada pelos muitos artigos de revistas e dissertações de ciência popular que interpretam sonhos e determinados traços de manifestação externa como expressão de um determinado caráter.

A psicologia está atualmente na moda e, assim, o prefixo «psico» confere a cada palavra a aura de segredos desvendados. Se o leigo interessado se esforça por penetrar mais profundamente na área da psicologia, depara-se a maior parte das vezes, muito em breve, com as obras de Sigmund Freud. As expectativas não são defraudadas; conexões mal pressentidas entre símbolo e realidade revelam-se. E assim acontece que a psicologia é identificada quase exclusivamente com a psicanálise de Freud.

A realidade apresenta-se, contudo, de forma totalmente diferente. A psicologia ocupa-se das mais diversas áreas, mas a única de que não se ocupa é a psique. O conceito de psique ou alma apenas perturbaria a conceção estritamente científica da psicologia. Por isso, os psicólogos definem a sua psicologia como «ciência do vivenciar e do comportamento do ser humano».

Através desta definição, o problema foi empurrado do centro para a periferia, pois o vivenciar e o comportamento são, na melhor das hipóteses, funções da psique. Vemos a paralelidade com a medicina; apreendem-se e analisam-se zelosamente os processos funcionais, sem haver a preocupação com a causa e o local de origem. Este

procedimento, no caso da física e da medicina, ainda era, apesar de tudo, compreensível, dado que aí os fenómenos que desafiavam a investigação se manifestavam principalmente no âmbito material.

A psicologia, contudo, teria tido desde o início a oportunidade de não sucumbir ao erro do materialismo, visto que a sua área de investigação é de natureza imaterial. As primeiras abordagens da psicologia também tomaram em devida conta esta circunstância. A abordagem com maior solidez para uma investigação verdadeiramente psicológica foi fornecida, por fim, por Sigmund Freud. Na sua convicção, Freud era, na verdade, materialista; contudo, com a sua técnica da psicanálise, forneceu um instrumento de investigação psicológica bastante independente do materialismo.

Esta abordagem perfeitamente fecunda foi acolhida por C. G. Jung e desenvolvida de forma consequente. Ao fazê-lo, Jung rompeu os limites ainda bastante estreitos e unilaterais da teoria freudiana e desenvolveu, numa imensa obra de uma vida, uma psicologia que se orientava exclusivamente pela realidade do psíquico, tomando assim em conta também a sua lei própria. A genialidade de Jung reconheceu claramente o papel e a tarefa da psicologia como uma ciência que abrange todas as outras disciplinas.

É inimaginável que estado de conhecimento a nossa psicologia atual teria se tivesse tomado as inumeráveis abordagens e visões de Jung como base da sua investigação posterior e se tivesse desenvolvido a partir daí, de forma consequente, a psicologia analítica. Mas esta oportunidade única foi perdida com uma soberana cegueira, pois uma outra corrente ajustava-se justamente melhor ao esquema de pensamento habitual: da América chegou até nós o behaviorismo.

A partir desse momento, passaram a vigorar como novos ideais da investigação psicológica os princípios fundamentais da física. Reconheceu-se claramente: apenas se a psicologia trabalhar de forma tão exata como a física é que terá a oportunidade de ser levada a sério pelas outras ciências naturais.

Equipado com esta neurose de perfil, começou-se com a máxima rapidez a tornar os fenómenos psicológicos mensuráveis e quantificáveis. A experiência e a estatística tornaram-se as ferramentas indispensáveis de um investigador da alma. Por amor ao método exato, renunciou-se de bom grado à investigação da própria psique. Mediu-se e avaliou-se... e ainda hoje não se terminou este trabalho! Para não haver interferências, declararam-se simplesmente

como acientíficos e antiquados todos os ensinamentos, visões, resultados e métodos que não correspondessem às exigências da estatística. A este processo de saneamento vai sobrevivendo ainda, por enquanto, a psicanálise de Freud, a qual até agora ainda se tinha tolerado devido à sua aplicabilidade terapêutica. Depois de se julgar, contudo, através do desenvolvimento da terapia comportamental, ter alcançado também a autossuficiência no setor da terapia, emite-se em definitivo, também sobre a psicologia profunda, o juízo de falta de cientificidade.

O resultado deste desenvolvimento é impressionante: um psicólogo científico não sabe absolutamente nada! Ele vive apenas do preconceito dos leigos que acreditam que ele sabe alguma coisa. A psicologia é constituída atualmente por uma imensa soma de resultados isolados que, em última análise, se contradizem todos. Dificilmente existirá uma única investigação importante para a qual não haja uma contra-investigação que prove o contrário.

Como, porém, também os psicólogos sentem como desagradável a sensação de nada saberem, cada um escolhe, a partir da grande oferta de resultados científicos, alguns que lhe agradem no momento, a fim de os utilizar doravante como o seu «saber».

Uma outra reação a esta situação grotesca de existir uma ciência que nada sabe com certeza é uma «atitude criticamente científica», a qual eleva o princípio da dúvida a critério de valor da cientificidade, abrindo por esse facto uma nova possibilidade de qualificação pessoal.

Gostaria de sublinhar aqui novamente que a minha crítica não afeta, como é natural, os seguidores das diferentes escolas de psicologia profunda, dado que nestes círculos as pessoas não se preocupam tanto com a «cientificidade» mas sim com a aplicabilidade terapêutica. Contudo, a formação e a investigação da psicologia psicanalítica limitam-se principalmente a institutos privados, visto que vai sendo cada vez mais escorraçada das universidades. Embora as visões destas escolas individuais possam ser frequentemente bastante divergentes, baseiam-se todas, no entanto, num conceito fundamental bastante unitário.

Nas universidades substituiu-se, nos últimos anos, o conceito psicoterapêutico por um modelo «novo» que deve corresponder melhor às exigências da cientificidade: a teoria da aprendizagem. A teoria da aprendizagem desenvolveu-se a partir de experiências com animais e é, na sua conceção fundamental, simples, para não dizer banal.

Contra a teoria da aprendizagem em si não haveria, em princípio, muito a objetar, se se tivesse evitado a tentativa de transferir conexões funcionais simples, que se tinham investigado na experiência com animais, para o ser humano e de derivar daí uma terapia para as perturbações psíquicas. Este último passo, o desenvolvimento da terapia comportamental, transforma a psicologia em criminalidade.

O pensamento fundamental da terapia comportamental é simples: parte-se da hipótese de que o ser humano adquire determinados modos de comportamento através de processos de aprendizagem. Se um comportamento coincidir temporalmente com uma experiência agradável, o referido comportamento é reforçado, a probabilidade de repetição do comportamento aumenta, ao passo que desce aquando da coincidência com uma experiência desagradável.

Cada um conhece este mecanismo a partir do adestramento de animais: se eu alimentar um cão com um pedaço de carne sempre que ele me dá a pata, ele aprenderá mais depressa e mais rapidamente o «dar a pata» do que se eu lhe bater sempre durante essa ação. Se um ser humano manifestar um comportamento indesejado, como por exemplo uma neurose, a terapia comportamental interpreta esse comportamento, de forma consequente, como resultado de um processo de aprendizagem que deve agora ser revertido na «terapia». Praticamente, inicia-se um novo processo de aprendizagem, no qual o comportamento indesejado é punido e o comportamento desejado é recompensado. Este princípio fundamental descrito pode ser modificado e combinado a bel-prazer — uma ocupação que preenche atualmente a maioria de todos os psicólogos.

Sem dificuldade se reconhece na terapia comportamental o regresso de um estilo de educação considerado antiquado e desumano: se uma criança não fizesse aquilo que os pais queriam, punia-se a mesma até que ela abandonasse esse comportamento; inversamente, recompensava-se a criança por aquilo que ela devia fazer. Exatamente este processo, disfarçado numa extensa terminologia da especialidade, é hoje o procedimento de tratamento mais moderno para as perturbações psíquicas!

É decerto de agradecer ao sentimento de vergonha dos psicólogos que hoje, em articulação com a terapia comportamental, já não se fale tanto de «terapia» mas sim de «intervenção». O facto de se colocarem à disposição dos terapeutas comportamentais — em vez de os levar a tribunal — institutos e meios financeiros para a sua «investigação» mostra tudo o que hoje se pode fazer impunemente quando se coloca a

palavra «científico» à frente da atividade. O que hoje se faz sob a bandeira da cientificidade corresponde às cruzadas sob o signo da Igreja.

Por mais colérico que se possa estar com um desenvolvimento, a mim próprio custa-me estar zangado com os seguidores individuais das cruzadas científicas. Tente colocar-se na situação de um candidato ao ensino superior que se decidiu a estudar psicologia para conhecer os segredos da vida da alma. Habituado pela escola a ter aprendido factos válidos e certezas, depara-se na universidade com uma inundação de teorias, opiniões e resultados que, lado a lado, são todos igualmente válidos ou inválidos. Como ferramenta para se orientar neste caos, ele aprende estatística e teoria dos testes. Mas a discrepância entre as suas expectativas e a realidade oferecida torna-se visivelmente maior; ele anseia por um saber que seja aplicável para ele. Nesta situação, é compreensível que agarre com avidez o único conceito oferecido, a saber, a teoria da aprendizagem. Feliz por ter encontrado algo de concreto, repelirá fanaticamente qualquer crítica, por medo inconsciente de não cair de novo no nada da total falta de orientação. Desta forma, educa-se um bando de crentes que defendem com verdadeira convicção coisas que revelam sem esforço o seu contrassenso a cada ser humano pensante.

Neste contexto, gostaria de citar o médico e psicoterapeuta Gustav Richard Heyer, um discípulo de C. G. Jung:

«Muitas vezes me colocam a questão: como se aprende psicoterapia? A isso poder-se-ia responder: antes de mais, não se ocupe por enquanto com psicologia! Em vez disso, dedique-se a plantas e animais, por exemplo a cães. Será bom se se dedicar também a gatos, aves, vacas e cavalos, e até a animais inferiores. Os animais são seres interiores nossos encarnados. Em segundo lugar, leia poetas, leia os tragógrafos antigos.

E não se esqueça também das fontes insondáveis da grande música! E, em terceiro lugar, ocupe-se intensamente, de coração e entendimento cheios, com os mitos dos povos e com a psicologia dos primitivos. Assim compreenderá a partir de dentro, ao ser você próprio, antes de mais, compreendido. Só depois vem o trabalho do entendimento.» (Heyer, *O Organismo da Alma*.)

Quão longe nos afastámos de uma tal medicina da alma no significado mais profundo da palavra! O doente psíquico é sacrificado vivo ao Deus Ciência no altar da teoria dos testes. Se a terapia comportamental tivesse sido a primeira tentativa de tratar

psicoterapeuticamente as doenças psíquicas, ela seria eventualmente desculpável; dado que se desenvolveu, porém, apenas após os grandes procedimentos analíticos, a sua existência é simplesmente incompreensível. Embora as teorias analíticas possam ser também defeituosas e imperfeitas, mostraram-nos, contudo, com toda a clareza, o caráter simbólico dos sintomas para perturbações fundamentais profundas. Se se passar simplesmente ao lado de tais conhecimentos, como os que foram fornecidos sobretudo também por C. G. Jung, e se houver a disposição de equiparar sintomas a doenças e de os suprimir através de medidas violentas, um tal procedimento nada tem a ver com ignorância, mas sim com uma mistura de estupidez e maldade.

Uma incredulidade comparável encontramo-la no irmão mais velho da psicoterapia, na psiquiatria. Aqui, nada de melhor nos ocorreu senão «tratar» os doentes com psicofármacos até que os pacientes, sob o efeito do veneno, com a melhor das vontades já não sejam capazes de produzir sintomas.

O comportamento de um ser humano é o mediador entre as suas próprias disposições e as exigências do mundo. É precisamente através do comportamento que o ser humano tem a possibilidade de realizar constelações de disposições próprias difíceis. Quanto mais difícil for esta disposição e quanto mais carregada de tensão em relação ao mundo exterior, tanto mais o comportamento terá de se afastar da norma.

Se eu modificar agora este comportamento, retiro ao ser humano em questão o modo mais simples e frequentemente mais suportável de realização da sua constelação. Forço-o, através de tais medidas, a vivenciar passivamente a sua parcela de realidade através de um acontecimento. Encontramos aqui de novo o conhecido processo da deslocação de sintomas. Pois, enquanto eu andar a arranjar o comportamento, consigo apenas alterar o sintoma, mas nunca curar a doença.

A situação do problema da psicoterapia assemelha-se, portanto, à da medicina. Pois cada doença é de causa psíquica; diferente é apenas o local da formação do sintoma. Por isso, uma subdivisão em doenças somáticas e psíquicas tem pouco sentido; ainda menos sentido, porém, tem um modelo terapêutico diferente. Em cada caso tenho de apurar a causa; só depois se pode ponderar se é possível e sensato eliminar o sintoma.

A vida é comparável a uma tarefa: o ser humano recebe, aquando do seu nascimento, um determinado material (as suas disposições), o objetivo a atingir como finalidade e, em terceiro lugar, um determinado modo de comportamento com cuja ajuda ele tem de moldar o objetivo a partir do material — o que lhe corre melhor se o material, o modo de comportamento e o objetivo se encontrarem numa relação equilibrada uns com os outros.

Quanto maior for a discrepância entre duas destas três variáveis, tanto mais difícil e complicado terá de estruturar-se o comportamento para que, não obstante, a tarefa da vida seja resolvida.

Mas são precisamente as pessoas com dificuldades que se dirigem ao terapeuta em busca de ajuda. Se este não conhecer, porém, a problemática total do ser humano, a sua ajuda aumentará as dificuldades em vez de as diminuir. Se o terapeuta modificar, por exemplo, o comportamento, ele entope a única válvula através da qual a tensão ainda se pode descarregar.

A terapia pode sempre apenas tentar, através do maior conhecimento do terapeuta sobre os problemas do paciente, conduzir este a uma maior compreensão de si próprio e, assim, a uma maior consciencialização. Modos de comportamento especialmente perturbadores podem-se então, eventualmente, substituir ainda dentro da cadeia de símbolos por um outro comportamento, se este novo comportamento cumprir o mesmo objetivo simbólico que o antigo, sendo contudo menos perturbador. Efetuamos com isso uma deslocação de sintomas consciente ou uma sublimação.

Dado que isto não é um manual de psicoterapia, pretendo limitar-me a uma enumeração e mera alusão a procedimentos possíveis. O princípio fundamental tem de ser sempre uma análise fundamentada astrologicamente, a qual transmita ao terapeuta, antes de mais, um conhecimento objetivo da situação em que um paciente se encontra.

Precisamente o paciente doente psíquico tem de ser compreendido na sua situação e não pode ser moldado num esquema de classificação do terapeuta. Não é sem razão que Jung exige repetidamente do terapeuta que se deparará com cada novo paciente sem hipóteses e preconceitos, meramente como ser humano. Não existem dois casos iguais. Quem elabora sistemas violenta a individualidade.

Dentro do acontecimento analítico poder-se-ão convocar, de caso para caso, procedimentos adequados como meios auxiliares técnicos para apoio da terapia. Esses podem ser: análise dos sonhos, modelação

livre, hipnose e treino autógeno, musicoterapia, homeopatia, eletroacupuntura, cromoterapia, osmologia e semelhantes. Nisso é, como é natural, importante que o terapeuta saiba com o que está a lidar, a saber, com a alma. Pelo menos o psicólogo deveria estar ao corrente sobre a psique. Só assim ele pode aplicar de forma dirigida os métodos individuais e pode também vislumbrar os seus efeitos e consequências.

Esquece-se hoje, infelizmente, que o psicoterapeuta tem de assumir a maior parte das vezes o papel de um sacerdote. Dele é exigido um saber sobre a conformidade com as leis do mundo e do cosmos. Pois ao psicoterapeuta não se dirigem apenas pessoas que se querem livrar de alguns sintomas neuróticos, mas em igual número pessoas que, livres de sintomatologia externa, lutam pelo sentido da vida. A capacidade de prestar aqui ajuda de forma responsável, sem moldar o outro no próprio sistema e sem o querer convencer de uma outra convicção, estabelece os critérios para uma psicoterapia que faça sentido.

Vivemos numa época em que a labilidade psíquica aumenta de forma assustadora. A capacidade de resistência é cada vez menor — a necessidade de ajuda cada vez mais premente. Desde que a Igreja deixou de possuir atratividade e confiança suficientes, a psicoterapia tem de amparar a vaga dos desorientados. Ela só o consegue fazer, porém, se unir a competência de um sacerdote ao saber de um verdadeiro psicólogo.

As universidades, contudo, criam psicólogos que precisam mais de ajuda própria do que de ajuda que pudessem dar. Desta miséria apenas pode conduzir a expansão reforçada de institutos de formação privados que, na sua própria compreensão, se sintam livres da obrigação de classificação «científico» *contra* «acientífico». O paciente tem de reunir a coragem de separar os conceitos de verdade e de cientificidade.

(NT: Neste caso, a instabilidade emocional ou psicológica das pessoas)

Não gostaria de encerrar o tema da psicoterapia sem lançar ainda um breve olhar sobre a «terapia primária», aquele novo procedimento que foi desenvolvido pelo analista americano Arthur Janov desde 1967 e que, através do seu livro *O Grito Primal*, despertou interesse mundial. O próprio Janov chama ao grito primal um novo caminho da psicoterapia.

No «Primal Institute» em Los Angeles, por ele fundado, foram tratados com êxito com esta terapia, desde 1970, mais de seiscentos pacientes com doenças psíquicas. No entanto, neste contexto, os êxitos interessam-nos um pouco menos do que a questão de saber até que ponto uma determinada teoria ou método faz justiça à realidade do ser humano.

Apresentado de forma esquemática, Janov parte do pressuposto de que o ser humano nasce sem neurose e sem sistema de defesa. Da contradição dos desejos infantis com as expectativas dos pais surge uma «dor primordial» inconsciente, a qual conduz ao isolamento do eu real. O resultado são modos de comportamento irreais (neuróticos). A terapia primária quer reverter este processo, ao trazer a dor primordial do seu isolamento para a consciência. O objetivo e o ponto culminante desta terapia é o grito primal, aquele grito que a criança outrora não ousou soltar para não perder por completo o amor dos pais. Até aqui o pensamento fundamental de Janov.

O que há de positivo na terapia primária é o facto de se basear num conceito de psicologia profunda. Não se tenta andar a arranjar o comportamento, mas sim procurar as causas primárias. Também o lado puramente técnico da terapia primária mostra algumas ideias novas e originais. No que diz respeito à teoria, a avaliação é mais difícil, dado que na Alemanha temos apenas uma experiência direta muito reduzida com o grito primal; assim, também eu me posso apoiar apenas na monografia de Janov.

Janov recusa que se traga a sua terapia primária em relação com a psicanálise. Mas a semelhança de ambos os sistemas é impressionante, o que de resto não é de admirar, visto que Janov descobriu o grito primal durante um tratamento analítico. Tanto a psicanálise como a terapia primária procuram as causas de uma neurose no desenvolvimento infantil.

Durante o tratamento terapêutico primário, torna-se claro para o neurótico que a culpa pelo seu próprio desenvolvimento irreal reside na atitude irreal dos pais. É exatamente aqui o ponto onde entram as minhas dúvidas e a minha crítica. O êxito terapêutico é manifestamente alcançado através da deslocação da culpa para o exterior.

Os pais tornam-se figuras sobre as quais o neurótico pode projetar a própria culpa ou as próprias parcelas da personalidade. Pelo facto de o terapeuta reconhecer esta projeção como realidade, este processo tem o efeito de uma absolvição. Que um tal alívio da culpa exerça um

efeito libertador e seja adequado para fazer desaparecer sintomas, é sabido. Mas não será este comportamento exatamente tão irreal como a própria neurose? Em última análise, tudo se processa no próprio ser humano. Por isso, a psicoterapia não deveria procurar sempre culpados no ambiente do neurótico, mas sim reconciliar o paciente com todas as parcelas da sua personalidade.

De outra forma não consigo imaginar o caminho para um «homem inteiro», para uma personalidade plenamente consciente e harmoniosa. C. G. Jung sublinha repetidamente que o reconhecimento da «sombra», daquelas parcelas negativas e próprias da personalidade, é o primeiro e o mais difícil passo em qualquer terapia.

Tenho a suspeita de que a terapia primária segue o caminho mais fácil, mas irreal, e deixa projetar essa sombra sobre os pais. O grito primal seria, assim, o símbolo para a eclosão de conteúdos próprios que até então, sob o controlo da consciência, não tinham oportunidade de se manifestar, mas que agora podem ser projetados sobre os pais e, deste modo, retirados da própria responsabilidade.

Parapsicologia

«A emoção mais bela e mais profunda que podemos sentir é a experiência do místico. Ela é a semeadora de toda a verdadeira ciência. Aquele para quem esta emoção é estranha, que já não se consegue maravilhar, já não consegue permanecer em deslumbrado respeito, está como que morto.» — Albert Einstein

A psicologia infelizmente não reconheceu nem assumiu a sua verdadeira tarefa de se ocupar do segundo polo da realidade negligenciado pela ciência natural. Se no nosso espírito europeu a lei da dualidade estivesse tão profundamente enraizada como, por exemplo, no pensamento chinês, teria sido algo natural para a psicologia reconhecer o princípio do psíquico como uma realidade polarmente oposta à matéria e, assim, sintonizar o método de investigação com as particularidades do objeto. Embora a obra de uma vida de C. G. Jung tenha provado que este modo de proceder é não apenas possível mas também extremamente compensador, optou-se nas universidades pelo terreno seguro e conhecido da matéria e tenta-se dominar cientificamente a psique através da análise de processos fisiológicos no cérebro.

O facto é, contudo, que através deste procedimento se conseguiu dominar muito pouco até agora, razão pela qual se afastou desde o início uma grande parte de fenómenos tipicamente psíquicos do

programa de investigação, a fim de aumentar com esta manipulação a quota de descobertas próprias.

Alguns investigadores, a quem esta pré-seleção arbitrária do objeto de investigação não pareceu totalmente legítima, acolheram com compaixão estes fenómenos rejeitados pela psicologia oficial; sob o modesto título de «Parapsicologia», tentaram afirmar-se como uma psicologia «a par da psicologia». Isto não foi de modo nenhum fácil de início!

Se se comparar a psicologia e a parapsicologia, mostra-se de forma original que os dois nomes se comportam de modo recíproco em relação aos seus conteúdos: a parapsicologia ocupa-se dos verdadeiros problemas da psicologia, ao passo que a psicologia oficial investiga ao lado da psique, pelo que merece, na verdade, o prefixo «para».

Os parapsicólogos designam o objeto do seu interesse como «áreas científicas de fronteira». Daqui resulta manifestamente que a ciência tem «fronteiras», uma circunstância que nos deve parecer singular! Pois de que modo quererá uma ciência, através dos seus resultados, poder alguma vez representar «a verdade» se estabelece «fronteiras» para si própria? Uma verdade tem de abranger tudo, ou não é uma verdade. Uma verdade limitada é uma contradição em si mesma. Assim, é perfeitamente compreensível que o trabalho dos parapsicólogos estivesse desde o início sob a observação desconfiada daqueles que se sentiam em casa dentro das fronteiras.

Foi também esta desconfiança irónica da ciência oficial que direcionou o desenvolvimento da parapsicologia numa determinada direção. Constantemente forçados a lutar pelo reconhecimento como «também cientistas», os parapsicólogos tentaram compensar um pouco a «falta de cientificidade» do seu objeto de investigação através da aplicação dos métodos científicos habituais, como a estatística, a utilização de instrumentos de medição, planos experimentais exatos e semelhantes.

Tentou-se escapar à acusação de falta de espírito crítico e de credulidade através do ceticismo habitual na ciência. Equipados com as ferramentas metódicas e os modelos teóricos de pensamento de uma ciência natural materialista, os parapsicólogos deitaram mãos à obra de investigar a realidade não materialista. A este procedimento corresponde, de certo modo, um homem que, equipado com uma fita métrica, sai de casa para medir a temperatura.

Entretanto, já existem alguns resultados: assim, provou-se, por exemplo, de forma «cientificamente exata», que existe telepatia. A prova apresenta-se mais ou menos deste modo: utilizou-se um baralho de cartas que, em vem das habituais figuras das cartas, continha as cinco figuras geométricas: cruz, círculo, quadrado, triângulo e linha ondulada. Um tal chamado baralho ESP foi então baralhado pelo diretor da experiência, que de cada vez colocava uma carta voltada para baixo.

Deixou-se que pessoas que faziam supor capacidades mediúnicas «advinhassem» o símbolo da respetiva carta. A avaliação estatística destas experiências revelou que a quota de acertos se situava significativamente acima da quota de probabilidade. Este resultado legitima a admissão, a par do acaso do adivinhar, de um fator sistemático a que se dá o nome de telepatia. Deste modo, a telepatia está cientificamente provada.

Ora, a eficácia deste conhecimento científico interessar-me-ia muito. A quem traz algo esta prova? Aquele que se interessa por telepatia sempre teve a possibilidade de se convencer da sua existência; não necessitava de nenhuma prova estatística. Os opositores, porém, continuam a negar a possibilidade da telepatia como antes.

O dispêndio de uma tal investigação não tem, portanto, outra utilidade senão a de, através da mensurabilidade de um fenómeno em si já desde sempre existente, lhe poder conferir o predicado «cientificamente provado». Mas lo que traz este predicado? A telepatia com certeza não se preocupa com este predicado. Uma árvore, devido à conceção de si própria, é sempre uma árvore, independentemente de um cientista fazer dela o objeto da sua curiosidade ou não. A árvore continuaria a ser árvore mesmo que sobre ela fosse emitido o juízo de «acientífica».

O que quero dizer com isto é que a realidade nunca se preocupa com a avaliação por parte do ser humano. Os cientistas naturais tentam sempre determinar, através do seu juízo, o que é realidade e o que não é. Mas a realidade é, independentemente de qualquer classificação, sempre a mesma. O problema entre verdadeiro e falso desenrola-se sempre e exclusivamente no ser humano, mas nunca tange a realidade.

A realidade não surge por decisão da maioria. Mas parece ser isto que a maior parte das pessoas acredita, dado que argumentam sempre com o facto de, afinal, «quase todos os cientistas serem da mesma

opinião». Para que serve este argumento? Em que relação se encontra a quantidade das opiniões com a realidade? Se alguém se engana, isso é exclusivamente o problema de quem se engana. Por isso, é incompreensível por que razão todos anseiam por reconhecimento científico e têm tanto medo da crítica científica.

Se hoje a ciência considera a astrologia um absurdo, então reside aí um problema dos cientistas, com certeza não dos astrólogos. Por isso, considero insensato que a parapsicologia desperdice a sua força a reconhecer cientificamente coisas que existem exatamente da mesma forma sem esse reconhecimento. Comprimido numa única frase: de que serve a um parapsicólogo ter provado cientificamente a clarividência se ele próprio não consegue ser clarividente? Döbereiner define a ciência natural com a fórmula: «segurança a partir do ceticismo».

O ceticismo pode ser perfeitamente bom, mas se se torna um fim em si mesmo, é patológico. O ceticismo como ponto de partida e objetivo de toda a ação — a este princípio subordinou-se, infelizmente, também a parapsicologia. É pena — pois o objeto da sua investigação seria digno de ser não apenas provado funcionalmente, mas também compreendido.

Sem dúvida que continua a ser um mérito da parapsicologia ter despertado o interesse de amplas camadas para processos até então considerados ocultos. Atualmente, esta ocupação geral com problemas parapsicológicos é inclusivamente muito grande. Aqui reside, a par do aspeto positivo, também novamente um perigo. Pois, exceto uma rica coleção de fenómenos e algumas hipóteses, a parapsicologia infelizmente não pode apresentar nenhuma imagem do mundo vinculativa ao interessado que procura a verdade.

Assim, infelizmente os resultados parapsicológicos limitam-se a integrar-se na série infindável dos resultados científicos gerais isolados, sem qualquer caráter vinculativo para a vida e a ação do indivíduo.

Após uma crítica tão abundante às ciências, pode talvez surgir a impressão de que elevei o princípio da crítica a um fim em si mesmo e de que encontro, por isso, um cabelo em cada «sopa científica». Se essa impressão tivesse surgido, a minha intenção teria falhado o objetivo. A minha crítica devia servir apenas de ajuda formal para mostrar a importância prática dos temas tratados neste livro, porque tenho a impressão de que a maioria das pessoas acredita que o esoterismo seria um passatempo simpático para pessoas alheias à

realidade, sendo contudo totalmente irrelevante na vida quotidiana se existe ou não uma vida após a morte. Esclarecer este erro frequente era a minha intenção quando esbocei o contraste flagrante que surge entre os resultados de duas imagens do mundo totalmente diferentes.

A minha crítica não quer alterar a ciência — um tal empreendimento seria impossível, razão pela qual qualquer tentativa é desde o início insensata. Pode apenas esperar-se até que a ciência se destrua a si própria através dos seus próprios resultados. Este momento já está tão próximo que se pode esperar tranquilamente. Os muitos livros futurológicos que utilizam um desenvolvimento posterior contínuo da ciência natural e da técnica como base das suas previsões serão antiquados pela realidade ainda nesta década.

Em face deste desenvolvimento, considero necessário fazer atempadamente uma contraproposta ao chamado «consumidor», ao ser humano que até agora confiou a sua confiança à ciência. A imagem científica do mundo é conhecida. Tentei esboçar a imagem esotérica do mundo nalguns aspetos que me parecem importantes e demarcá-la da primeira. Apenas quem conhece ambas se pode decidir. O pensamento e a investigação científicos não têm de ser obrigatoriamente falsos.

Mas a realidade exige que, neste procedimento, tomemos sempre em conta ambos os polos da realidade. A alternativa não é, portanto: ou pensamento racional ou exaltação religiosa e superstição. Pelo contrário, uma investigação verdadeiramente científica tem de reconhecer harmonicamente ambos os polos da dualidade — matéria e psique — e relacioná-los um com o outro. Que um tal procedimento é possível e conduz a resultados aplicáveis, demonstra-o a ciência antroposófica. Ela é um modelo exemplar de como se pode sintonizar o método científico-natural com os conhecimentos do espírito.

As ciências espirituais fundadas por Rudolf Steiner, continuadas por investigadores com formação científico-natural e instruídos na antroposofia, desenvolveram nas secções de Matemática, Astronomia, Medicina, Pedagogia, Ciências Sociais e Agricultura um grande edifício doutrinário próprio, cujos resultados são exatamente tão aplicáveis na prática como os das ciências oficiais, mas que, ao contrário destas, abrangem a totalidade da realidade, pelo que se evitam efeitos secundários e erros de maior envergadura.

A razão pela qual a ciência antroposófica pôde escapar de forma tão soberana a todos os erros das outras ciências reside na abrangente obra doutrinária de Rudolf Steiner, o qual, a partir de uma intuição

vidente, desenhou uma imagem do mundo que abrange todas as áreas, a qual serviu de ponto de partida e de linha diretriz para a investigação posterior.

A investigação antroposófica não tinha, portanto, de se orientar por fenómenos isolados e perder-se inevitavelmente no detalhe como os seus colegas oficiais, pois já tinham recebido de Steiner, como base de partida, o posicionamento dos seus resultados na totalidade. Ela necessitava apenas de comprovar com métodos experimentais as afirmações colocadas no espaço por Steiner e de as converter na aplicabilidade. O facto de todas as afirmações a que o próprio Steiner chegara por uma via de conhecimento puramente espiritual terem podido ser confirmadas posteriormente com os métodos científicos habituais mostra com toda a clareza que o método científico-natural não é, de modo nenhum, a única possibilidade de investigar a realidade, mas que, paralelamente a este, existe também um conhecimento espiritual que, na sua exatidão, é no mínimo equiparado ao científico.

Uma ciência sensata necessita, como ponto de partida e linha diretriz, provavelmente sempre de uma imagem do mundo visionada espiritualmente se não se quiser perder nos seus próprios erros. Desde que existe a ciência antroposófica, o argumento de que não se poderiam unir estas duas coisas foi não apenas enfraquecido, mas foi inclusivamente invertido no seu oposto.

O Destino

«Se cinquenta milhões de pessoas disserem uma tolice, ela continua, apesar de tudo, a ser uma tolice.» — Anatole France

Como um fio condutor acompanhou-nos até agora o conceito de destino. Considero útil, neste capítulo em que se trata da «aplicabilidade», esmiuçar mais uma vez o problema do destino. Pois é precisamente na prática que ele levanta dificuldades particulares aquando da avaliação de determinados problemas. Tentei apresentar na segunda parte deste livro que o destino é sempre a forma de um conteúdo estabelecido por si próprio. O destino de uma vida é a consequência da vida anterior; acontecimentos individuais do destino são resultados do nosso agir ou do nosso comportamento.

Além disso, também temos de tomar em consideração que o ser humano caminha ao encontro de uma finalidade. Se o ser humano não conhecer, contudo, a sua finalidade, muitas vezes um acontecimento fatídico tem de aproximar este ser humano da sua determinação. O

destino é, portanto, a posse mais individual e mais própria de um ser humano. Por isso é necessário, aliás indispensável, que o indivíduo tenha uma estreita relação interna com o seu próprio destino, que o compreenda e viva com ele, para que possa perceber o sentido deste.

Infelizmente, ao homem do nosso tempo falta a maior parte das vezes por completo esta relação com o seu destino. Através do conceito de acaso e através do modelo de pensamento funcional da ciência, o ser humano foi desenraizado do seu destino. O homem moderno já não experiencia o destino como sua propriedade, mas sim como algo estranho que se aproxima dele a partir do exterior e o ameaça. Assim, a manipulação do destino tornou-se a ocupação principal da nossa sociedade. Criam-se sempre novas possibilidades, métodos e instituições para deixar o seu destino ser administrado e «neutralizado» por outros.

Os exemplos para este procedimento são tão imensamente numerosos que destaco apenas alguns, a fim de deixar clara a consequência de um conceito correto de destino para a nossa convivência humana. Ao fazê-lo, mal se poderá evitar que alguns destes exemplos exerçam um efeito um pouco chocante, porque se contrapõem a maior parte das vezes ao pensamento habitual. Mas a rotina do pensamento, como se sabe, nada diz sobre a sua correção.

Aquando da avaliação da medicina e da psicologia, já roçámos o problema de saber até que ponto é permitido a um terapeuta intervir em cursos do destino. Ora, o «estar doente» pertence com toda a certeza ao destino. A doença é ou correção ou apelo, ou ambas as coisas simultaneamente.

Além disso, a doença, especialmente quando traz consigo consequências duradouras, pode ser também motivo para encontrar a própria determinação, por exemplo através de uma mudança de profissão que se tornou necessária ou algo semelhante. De modo nenhum a doença é uma perturbação casual que se tem de «combater» o mais depressa possível. Para os acidentes aplica-se o mesmo. Nenhum ser humano sofre um acidente por acaso.

Muitas pessoas acreditam que não haveria nada mais urgente e mais útil do que prevenir doenças e acidentes. O que é válido para o indivíduo é também válido para grandes comunidades, pois as comunidades também têm o seu destino. Assim, cidades e regiões inteiras sucumbem a sismos, inundações e pestes. Também aqui vigora um destino justo. Se muitos não conseguem compreender esta justiça e este sentido, a culpa disso não é do destino.

A série de acontecimentos horrorosos deixa-se continuar sem esforço: pessoas são assassinadas, aviões despenham-se, povos inteiros morrem de fome, etc. Quase de forma reflexa condenam-se estes acontecimentos como algo que, na verdade, não devia ser e não pode ser. Procura-se imediatamente encontrar soluções que devam evitar tais ocorrências no futuro.

Mas, apesar de todos estes imensos esforços, os horrores no mundo não parecem diminuir. Não deveria isto dar que pensar? É da máxima urgência que ganhemos de novo a relação com o destino, tal como ela era algo natural para o homem numinoso e religioso.

O chamado primitivo experienciava tudo o que era bom e mau como algo que vem de algo sagrado. Ao fazê-lo, projetava o seu inconsciente para o exterior, personificava-o e dava-lhe o nome de um Deus. Este processo é totalmente legítimo, dado que, apesar da projeção, o destino era experienciado como uma culpa própria — no bom ou no mau sentido.

Quando o homem religioso sente o destino como recompensa ou castigo de Deus, reconhece por este meio a responsabilidade própria pelo seu destino e permanece reconciliado com ele. Como posso eu estar irreconciliável perante um destino se sei que ele é o fruto do meu próprio agir? Apenas o homem desenraizado combate o seu destino. Quem hoje insta a comunidade a assumir a regulamentação do seu destino mostra com isso apenas o medo inconsciente dos seus próprios conteúdos. Aqui tocamos o problema da ordem social socialista. O socialismo apenas pode surgir onde homens desenraizados já não têm a coragem de resgatar as consequências dos seus próprios conteúdos.

Quando já não se está disposto a vivenciar o próprio destino, clama-se por uma organização que regule e nivele o destino. O socialismo é o medo de si próprio — etiquetado com o letreiro da justiça. Ora, todos os que clamam por justiça não têm medo de nada tanto como da justiça! O destino é sempre justo porque funciona de acordo com as leis.

Quem ama a justiça tem de poder aceitar, por isso, que um seja pobre e o outro seja rico. Um ser humano que viva de forma correta e de acordo com as leis não precisa de ter medo de nada; por isso, também não precisa de um Estado que lhe pague um prémio em caso de doença, o proteja de morrer de fome e o guarde de assassinos. De uma tal proteção estatal apenas acreditam precisar aqueles que estabelecem conteúdos tão miseráveis que estão constantemente em fuga de si próprios.

O socialismo é uma consequência necessária do pensamento científico-natural. Apenas através do desenraizamento do ser humano de um cosmos ordenado é que ele é forçado a transferir a administração do seu destino para o Estado. O socialismo é o medo da responsabilidade própria. Mas todas as medidas para regular funcionalmente o destino de nada servem, infelizmente.

Por isso, continua a haver nos Estados socialistas poderosos e perseguidos, pobres e ricos. Por isso, continuará a haver doença e acidentes, catástrofes naturais e fomes. Quanto mais se tentar influenciar o destino através de manipulações externas, caminhos tanto mais complicados ele terá de percorrer para se poder concretizar. Por este facto, o destino com certeza não se torna mais agradável.

Por isso, os seres humanos deveriam abandonar o combate contra o destino e aprender a amá-lo como o seu próprio produto. Torna-se então simples manipular o destino: necessito apenas de viver de modo a poder aguardar tranquilamente as consequências formais dos conteúdos por mim estabelecidos. Ganha então também de novo o seu sentido a antiga exigência de quase todas as religiões: «Ama o teu próximo».

Pois se eu souber que apenas me podem suceder coisas que eu próprio semeei, reconheço no «próximo» um ser humano que me ajuda a concretizar o destino ou a reconhecer a minha própria situação. Quer este «próximo» seja o bom amigo, um aldrabão ou um assassino — o que eu experiencio é sempre o meu destino —, o «outro» apenas pode ser sempre o mediador. Todas as pessoas que condenam rapidamente deveriam ponderar que emitem esse juízo sobre uma parcela da sua própria personalidade; pois no mundo exterior apenas se pode experienciar aquilo para o qual se está interiormente maduro.

Daí resulta, em primeiro lugar, a exigência de deixar o destino acontecer, sem procurar logo possibilidades de intervenção. Não pleiteio, contudo, por um fatalismo total e por uma espera apática daquilo que de qualquer modo acontece. Uma tal censura perderia de vista que designei o destino como sendo gerado pelos próprios seres humanos. A consequência é que a moldagem do destino se torna uma das tarefas mais importantes de cada um em particular.

O Caminho

«Caem nas trevas os que apenas se ocupam do conhecimento do finito, mas caem numas trevas ainda maiores os que apenas se ocupam

do conhecimento do infinito. Caem nas trevas os que apenas anseiam pelo perecível. Mas caem numas trevas ainda mais profundas os que apenas anseiam pelo eterno. Quem sabe que o perecível e o eterno são um só, esse transpõe o abismo da morte.» — Isa Upanishad

É do meu conhecimento a que forte resistência emocional tudo o que eu disse até agora se contrapõe. As teorias científicas mais diversas e contraditórias são discutidas com relativa serenidade; se estão, contudo, em discussão temas astrológicos e esotéricos, os ânimos inflamam-se para além da medida habitual. É impressionante observar com que grande dispêndio se põe em marcha um mecanismo de defesa que não se coíbe de colocar ao seu serviço inclusivamente os argumentos mais despropositados.

Este mecanismo de defesa tem a função de manter um equilíbrio neurótico. Em que vê o inconsciente de muitas pessoas o perigo da argumentação astrológica? A resposta é simples: no caráter vinculativo. Por outras palavras, um ser humano que esteve habituado a vida inteira a sentir a sua vida mais ou menos como resultado das muitas circunstâncias externas, um ser humano que acredita não poder realizar os seus grandes e elevados ideais e objetivos sob a pressão dos acontecimentos, rebela-se inconscientemente contra um modelo de realidade que lhe imputa a total responsabilidade pela sua vida.

Se bem que muitas pessoas percam inicialmente de vista as consequências dos ensinamentos esotéricos, o inconsciente pressente com substancial maior rapidez que a moldagem da vida teria de se transformar por completo com o reconhecimento da astrologia. Aqui reside unicamente a razão pela qual é tão difícil proporcionar reconhecimento oficial à astrologia e a procedimentos semelhantes.

Uma teoria pode ser o que for de estúpida, nada se atravessará no caminho da sua marcha triunfal se ela não tiver caráter vinculativo para o indivíduo. A astrologia, porém, é vinculativa. Todos os ensinamentos esotéricos são vinculativos. Mas de nada o homem moderno tem tanto medo. Por isso, a maioria dos astrólogos modernos tenta riscar este caráter vinculativo da astrologia e igualá-la à ciência através da aplicabilidade funcional. Enquanto eu consolar um paciente com informações como, por exemplo: «A sua situação atual é má porque o malfeitor Saturno o influencia mal — espere mais um mês, que o Júpiter traz depois tudo de novo em ordem!» —, enquanto eu calcular tempos favoráveis e desfavoráveis para jogos de lotaria, a astrologia também é estimada, dado que não tange mais o indivíduo;

ele encontrou de novo um «culpado» para o seu destino, o «Saturno»...

Se hoje a astrologia também é exercida predominantemente neste nível, esta adaptação é exatamente tão irresponsável como, por exemplo, a terapia comportamental. Também os astrólogos e esotéricos caem frequentemente de vítimas do espírito do tempo. Por isso, dever-se-ia também precaver de tomar todas as pessoas que surgem ruidosamente junto do público sob o nome comercial do esoterismo e da astrologia sempre como critério para a avaliação do património de pensamento esotérico.

Em cada corporação existem ovelhas negras. Talvez nos círculos esotéricos existam particularmente muitas. Isso pode dever-se ao tema, que atrai muitos neuróticos e pseudossábios. Precisamente o neurótico sente-se muito fortemente atraído pelos ensinamentos esotéricos; contudo, apenas raramente um tal ser humano conseguirá o processamento consciente dos conteúdos esotéricos sem uma orientação especializada.

Não é, por isso, de estranhar que se formem desta maneira os círculos mais aventureiros, os quais tentam transmitir ao público uma «impressão representativa» sobre o esoterismo. Também a astrologia atrai precisamente muitas pessoas a compensarem a sua falta de formação académica pelo desvio do sacerdote astrológico e a melhorarem a sua própria incapacidade de vivência através do destino dos outros. Dever-se-ia, por conseguinte, precaver de tirar conclusões sobre os conteúdos dos ensinamentos esotéricos a partir dos seus representantes. Precisamente no esoterismo ouve-se muito pouco falar dos verdadeiros e grandes mestres junto do público, exatamente da mesma forma que na Índia se encontram faquires em cada esquina da rua, mas os grandes iogues encontram-se, na melhor das hipóteses, após anos de procura.

Ao passo que na terceira parte deste livro tentei apresentar as consequências de reflexões astrológicas e esotéricas no que se refere à aplicabilidade funcional, esta última parte deve destacar o caráter vinculativo para a vida pessoal. O que apresento neste livro não são teorias sobre as quais se possa discutir, em que se possa acreditar ou não acreditar.

Se alguém acredita nas minhas afirmações ou se prefere associar-se à opinião dos meus opositores, é totalmente indiferente; em ambos os casos acreditaria em algo que outros afirmam. A certeza apenas a alcança quando ele próprio explora a verdade. Este caminho é, na

verdade, mais penoso e consome mais tempo do que se ele simplesmente se associar a uma opinião, mas o resultado de tais esforços é que ele sabe algo.

Este caminho de se tornar, ele próprio, um *conhecedor* ninguém lho pode tirar. Assim como nenhum outro pode comer ou dormir por ele, também nenhum outro lhe pode tirar o caminho para o saber e para a compreensão. O esoterismo é um caminho e não uma *disciplina de saber* no sentido habitual. Por isso, os conteúdos do esoterismo também não se alteraram nos últimos milhares de anos.

O que se pode desenvolver posteriormente são, na melhor das hipóteses, os procedimentos puramente técnicos com cuja ajuda se pode aplicar este saber na prática. Podem-se melhorar os métodos dos cálculos astrológicos, pode-se utilizar aparelhagens modernas no laboratório alquímico — o caminho que o indivíduo tem de percorrer é, hoje, apesar de tudo, o mesmo de há cinco mil anos. Tenho por vezes a impressão de que muitas pessoas continuam ainda a aguardar *resultados* do esoterismo que possam simplesmente adotar e avaliar. Esses resultados elas nunca os obterão, porque cada um os tem de construir por si próprio. Supondo que um alquimista consegue, em virtude do trabalho de uma vida inteira, transformar por fim chumbo em ouro, apenas ele o consegue fazer — como expressão do seu domínio sobre a matéria. Por esse facto, contudo, não se descobriu, de modo nenhum, um novo procedimento que possibilite também a outros fazer o mesmo.

Cada ser humano que reserve tempo para refletir sobre si e sobre a vida deparará com as mesmas questões fundamentais: se ele fizer um balanço, honestamente e sem quaisquer preconceitos, sobre aquilo que sabe de si e do mundo, chegará mais ou menos ao seguinte resultado:

Sei que existo. Constato que sou um ser limitado no meu pensamento e no meu agir. Daí posso concluir que tem de haver também algo de ilimitado, o qual, contudo, na minha limitação nunca posso abranger por completo. Fora de mim existem ainda outras coisas e seres. Estas coisas e seres que me rodeiam e com os quais tenho a ver no quotidiano são feitos de matéria.

Daí resultam as seguintes questões importantes: quem sou eu, por que razão sou e por que razão sou de que modo sou? De onde venho e para onde irei? Em que relação de parentesco me encontro com as coisas e seres que me rodeiam? O que é a matéria e de que modo a

posso dominar? Qual é o sentido da minha vida e o que acontece após a minha morte?

Quem não colocar a si próprio estas questões vive ao lado da sua vida. Por isso, também todas as teorias, filosofias e demais sistemas deveriam ser medidos por saber se conseguem responder a estas questões de forma satisfatória. Admito que a resposta a estas questões não é propriamente fácil, mas a afirmação de que não haveria respostas válidas para estas questões é falsa e provém de pessoas que têm demasiada preguiça para as procurar.

Como estas questões, que dizem respeito à vida em si, são tão antigas como a humanidade, não podendo contudo, enquanto houver seres humanos, perder jamais a atualidade, vale a pena, antes de mais, testar quais os caminhos que os seres humanos antes de nós percorreram para encontrar respostas para estas questões. Tendemos a considerar todos os seres humanos antes de nós como loucos primitivos, credulos e um pouco estúpidos.

Numa avaliação mais próxima e mais honesta das realizações de antigas altíssimas culturas, descobrimos, contudo, não apenas no domínio *técnico* coisas que nos colocam perante enigmas insolúveis (por exemplo, o transporte de pedras para obeliscos e pirâmides, etc.), mas descobrimos também uma grande quantidade de sistemas que conduziram manifestamente à resposta das questões acima enunciadas. Tais sistemas são, por exemplo, a astrologia, a quirologia (a leitura das linhas da mão), a cabala e o tarot, a cartomancia, o I Ging, as runas, a numerologia, a alquimia e o ioga.

Existem meramente duas possibilidades: ou estes antigos sistemas são falsos e não conduzem a nenhuma resposta verdadeira às questões colocadas, ou são úteis e cumprem o seu objetivo. Mas esta decisão apenas se pode tomar quando se conhecem exatamente os sistemas individuais e se trabalhou com eles. É, apesar de tudo, digno de nota que todos os conhecedores destes sistemas individuais afirmem unanimemente que eles funcionam e conduzem à resposta das questões colocadas, ao passo que a crítica provém exclusivamente de pessoas que nunca se deram ao trabalho de conhecer mais de perto sequer um destes sistemas. O ponto digno de nota seguinte é que todos estes sistemas, embora provenham dos mais diversos círculos culturais e utilizem os mais diversos fenómenos como base de partida, conduzem no entanto todos aos mesmos resultados finais. Por outras palavras: os sistemas que inicialmente parecem tão diferentes dão

todos, nas suas consequências, as mesmas respostas às questões colocadas.

Por conseguinte, é insensato discutir sobre as afirmações deste livro. Quem sentir os problemas abordados como importantes para a sua vida tem de se pôr a caminho, por bem ou por mal, para verificar por si próprio as minhas afirmações. Apenas aquilo que reconheceu através de experiência própria é que pode contar como o seu saber. Se os problemas não parecerem, contudo, suficientemente importantes, não se fará esse esforço e continuar-se-á a viver como até aqui — no entanto, não se deveria emitir então também nenhum juízo sobre estas coisas!

Este livro não quer converter ninguém ou espalhar uma nova fé, limita-se a querer contrapor uma proposta ao sistema de pensamento científico-natural e, por esse facto, indicar a todos os que se encontram à procura um caminho existente. Sublinho a palavra *indicar*, pois caminhar por este caminho cada um o tem de fazer por si próprio. Ninguém no mundo lhe pode tirar este trabalho. O objetivo deste caminho é o homem perfeito, o sábio.

Por mais que o objetivo esteja afastado, importante é apenas a decisão de adotar sequer o caminho, antes de mais. Este caminho não é um caminho de renúncia, este caminho não exige o afastamento da plenitude da vida. Pelo contrário — este caminho conduz para dentro da plenitude da vida.

Quem acredita que se pode atingir o objetivo da perfeição apenas por se enfiar um saco na cabeça e se ir para a floresta, engana-se. Pressuposto para uma vida feliz, harmoniosa e bem-sucedida é que se conheça a si próprio e as leis a que se está sujeito. Com o conhecimento das leis começa a liberdade e o poder sobre as leis. Pois apenas quando o moleiro conhece as leis da água é que pode aplicar a sua roda de moinho de modo a que ela seja movida pela água. Apenas quando tiver compreendido a lei de conteúdo e forma é que já não estou entregue ao destino que parece cego, mas posso começar a moldar a minha vida por mim próprio e conscientemente.

O caminho é, em princípio, sempre o mesmo: o ser humano tem de se consciencializar dos seus conteúdos e potências inconscientes e encontrar, assim, o seu próprio ser. C. G. Jung chamou a este processo o caminho da individuação. Jung mostrou no seu livro *Psicologia e Alquimia*, com base numa série de mais de cem sonhos de um único paciente, que a simbólica que este inconsciente gera no processo da individuação corresponde exatamente à simbólica da alquimia,

embora o paciente nunca tivesse sabido ou ouvido falar nada sobre esta área. Reconhecemos aqui a validade geral dos símbolos que, independentemente do nível de instrução consciente e do saber, são sempre os mesmos em todos os tempos. Por isso, a alquimia também é válida enquanto houver seres humanos, e nunca poderá ser ultrapassada.

Também C. G. Jung não inventou a individuação, mas pôde constatar repetidamente, aquando do tratamento dos seus pacientes, que se manifesta num determinado ponto da terapia uma dinâmica singular e direcionada do inconsciente, a qual, a partir de um empenho próprio, conduz o ser humano a uma maior consciencialização. A este processo chamou individuação.

Menciono-a para que não surja a impressão de que algumas pessoas queriam conduzir os seres humanos para um lugar qualquer e transformá-los segundo as suas ideias singulares. O impulso para a consciencialização existe potencialmente em cada ser humano e é, por isso, um processo natural.

Não é, contudo, totalmente isento de perigo aguardar até que o inconsciente inicie de forma violenta, por si próprio, este desenvolvimento, dado que nestes casos o consciente muitas vezes não é capaz de processar e integrar a enorme eclosão de conteúdos inconscientes. Assim, oferecem-se para este empreendimento os antigos sistemas mencionados, os quais guiam o ser humano no caminho do conhecimento.

Sublinho novamente que todos estes sistemas são apenas meios auxiliares do conhecimento e, por isso, também nunca deveriam tornar-se um fim em si mesmos. O perigo do fim em si mesmo é frequentemente grande, dado que a pessoa se apaixona de tal modo pelos meios auxiliares que se esquece do caminho por causa deles.

É bastante indiferente qual dos diferentes sistemas se utiliza como meio auxiliar — com uma utilização correta são todos igualmente bons. Mas para as secções individuais do caminho uns são melhores e os outros menos adequados. Por uma questão de totalidade, comentem-se aqui um pouco os sistemas individuais e tragam-se em relação uns com os outros:

Sobre a astrologia falou-se neste livro da forma mais detalhada, porque considero a astrologia um dos melhores sistemas para se conhecer e compreender a si próprio e aos outros. Do lado puramente técnico, a astrologia é especialmente exata, dado que a posição dos

astros para o passado e futuro pode ser determinada matematicamente de forma precisa.

Gostaria de sublinhar mais uma vez que entre os astros e os processos na Terra não existe nenhuma conexão causal de efeitos, mas sim que as configurações celestes representam uma realidade superior a partir da qual se pode concluir sobre qualquer outro sistema a bel-prazer. Por isso, também se pode elaborar um horóscopo não apenas para seres vivos, mas exatamente da mesma forma para contratos, automóveis, empresas, etc.

Isto é possível porque cada momento temporal possui uma determinada qualidade. Tudo o que acontece num determinado ponto temporal tem de corresponder a esta qualidade do tempo ou, formulado de modo inverso, num determinado ponto temporal apenas se podem manifestar acontecimentos que correspondam à respetiva qualidade do tempo. Se eu conhecer num nível os acontecimentos num determinado ponto temporal, posso concluir a partir daí sobre os acontecimentos em todos os outros níveis que se processam no mesmo ponto temporal.

Os cursos dos acontecimentos nos diferentes níveis não se encontram numa conexão causal, mas processam-se de forma síncrona. Para isso um exemplo concreto: se um ser humano formular num determinado ponto temporal uma questão importante para ele, pode infecionar-se um horóscopo para o ponto temporal da formulação da questão, no qual estão contidos tanto a formulação da questão como a resposta.

A pessoa que interroga apenas pode formular a sua questão num momento temporal cuja qualidade seja adequada ao conteúdo da questão. Nesse instante, no nível do céu, as posições dos astros têm de representar igualmente esta qualidade específica do tempo. Esta sincronicidade permite tirar conclusões exatas de um nível para o outro. Pressuposto para isso é meramente a capacidade de se ser capaz de transferir o valor simbólico de um nível para a realidade do outro nível.

O facto de se chamarem justamente as configurações celestes como nível simbólico de comparação para as mensagens é totalmente arbitrário; ele pode ser substituído exatamente da mesma forma por um outro nível abstrato. Assim, em vez do horóscopo no ponto temporal da questão, podem-se lançar algumas varetas de madeira. A posição das varetas de madeira caídas representa a respetiva qualidade do tempo. Se eu conhecer a chave para poder traduzir a posição

simbólica das varetas, chego às mesmas mensagens que teria obtido a partir do horóscopo. Este caminho das varetas de madeira é o antigo sistema chinês do I Ging. Exatamente da mesma forma se deve compreender também o sistema do deitar cartas (cartomancia), tantas vezes ridicularizado.

Aqui conclui-se a partir da posição específica da carta individual sobre um outro nível da realidade. O processo é, em princípio, sempre o mesmo, a diferença reside apenas no nível abstrato que me revela, através do seu símbolo, a respetiva qualidade do tempo. Esta qualidade do tempo que, como expressão da ordem cósmica, determina a sincronicidade de todos os processos no mundo, é provável e passível de ser acompanhada por qualquer pessoa; quem a negar fecha os olhos perante a realidade.

Tudo o que surge num determinado ponto temporal fica marcado para sempre pela qualidade desse instante; tudo o que existe carrega o carimbo do ponto temporal em que entrou na realidade do mundo. Um horóscopo elaborado para o instante do nascimento é um tal reflexo deste carimbo. Por isso, encontramos este horóscopo também no próprio organismo.

Nisso assenta, por exemplo, o diagnóstico pela íris, o qual, a partir da coloração e constituição da íris, pode tirar conclusões sobre doenças e disposições para doenças. A íris é, no fundo, apenas um pequeno horóscopo que o ser humano carrega consigo. O mesmo se aplica também à mão. O seu traçado específico de linhas representa, tanto como o horóscopo, o carimbo do surgimento e é utilizado, por isso, pela quirologia como base de partida para as suas mensagens.

O texto original terminou neste ponto. Se pretender avançar para outros capítulos, basta partilhar o texto seguinte.

Mais uma vez: é, em última análise, totalmente indiferente qual o sistema que se convoca como base para as suas mensagens; o importante é apenas que se domine com precisão a tradução do respetivo símbolo. O essencial em todos estes sistemas não é, de facto, que se ande com eles a vaticinar o futuro, mas sim a consequência que resulta do facto de estes sistemas funcionarem, efetivamente, de forma exata. Um prognóstico do futuro não tem um fim em si mesmo; o significativo é meramente que ele seja possível.

Um exemplo: se eu vaticinar a alguém que aos vinte e seis anos se verá envolvido num acidente, isso é em si relativamente irrelevante. De grande alcance são apenas as consequências teóricas que derivam

do conhecimento de que se podia ver este acidente já muitos anos antes.

Pois este conhecimento mostra, em primeiro lugar, que o acidente não aconteceu por acaso e, em segundo lugar, que o visado carrega, única e exclusivamente, por si próprio a responsabilidade por esse acidente, por mais inocente que seja do ponto de vista jurídico, caso contrário o prognóstico não seria possível.

A consequência para o nosso pensamento apresentei-a detalhadamente na segunda parte deste livro, contudo menciono-a neste ponto intencionalmente mais uma vez, dado que, infelizmente, também nos círculos da especialidade é percetível com demasiada frequência a tendência para elevar um meio auxiliar técnico a um fim em si mesmo. Assim, depara-se, infelizmente, repetidamente com pessoas que conseguem aplicar uma técnica na perfeição, sem compreenderem, contudo, o que estão a fazer com ela.

Se os sistemas até aqui mencionados eram especialmente bem adequados para responder à questão «Quem sou eu?», na cabala está à nossa disposição um sistema que nos mostra em que relação de parentesco nos encontramos com o ambiente. A cabala, literalmente: a tradição oral, provém da cultura judaica, as suas bases são a Bíblia e o Talmud. O saber secreto da cabala originalmente não foi fixado por escrito, mas sim transmitido exclusivamente de forma oral pelo mestre ao discípulo.

A cabala vincula todas as coisas com os arquétipos mais elevados, os dez Sephiroth. Ela revela-nos a hierarquia ontológica dos Sephiroth, à medida que estes descem do mundo ainda não criado, puramente espiritual, até ao nosso mundo em que vivemos. Da doutrina cabalística surgiu o tarot, aquele misterioso jogo de cartas que, através das suas cinquenta e seis cartas, pode revelar aos iniciados todos os segredos do mundo.

Assim como a astrologia é pressuposto para a compreensão da cabala, também esta é, por sua vez, pressuposto para a compreensão da alquimia. A palavra alquimia (em grego: espagiria) significa evolução, sublimação, desenvolvimento mais alto. A maioria das pessoas associa à alquimia ou a tentativa de fazer ouro a partir do chumbo, ou considera-a meramente como uma antecessora da química moderna. Ambas as perspetivas são profundamente erradas.

A alquimia é um caminho esotérico do desenvolvimento mais alto próprio, o qual é exercido de forma dual em ambos os níveis da nossa existência, tanto no espiritual como no material. Apenas o

aperfeiçoamento simultâneo tanto no nível material como no espiritual constitui a alquimia. A opinião generalizada de que haveria apenas uma alquimia espiritual também é falsa.

O alquimista realiza no laboratório uma sublimação dentro dos reinos vegetal e mineral, a fim de poder aplicar as visões e conhecimentos daí obtidos na sublimação da própria pessoa. Daí resulta o fascinante jogo de influências mútuas de o alquimista, nas suas experiências laboratoriais, apenas avançar em cada caso até onde o seu conhecimento espiritual o permite, embora expanda constantemente o seu conhecimento através dos resultados das experiências.

A teoria da alquimia é simples na estrutura fundamental: tudo o que a natureza produz é constituído pelos três componentes essenciais: alma, corpo e espírito ou, como diz o alquimista: enxofre, sal e mercúrio. A tarefa alquímica consiste em decompor o respetivo produto da natureza — o qual pode provir ou do reino vegetal ou do mineral — nestes três componentes (separação), purificar cada um destes componentes (purificação) e, em seguida, voltar a juntá-los (coobação).

Analogamente, aplica-se o mesmo ao ser humano, o representante do terceiro reino da natureza. Para alcançar a perfeição, o alquimista tem de separar em si a alma, o espírito e o corpo, purificar e depois voltar a juntar para formar o homem iluminado. Neste trabalho, ele acabará por encontrar a pedra filosofal em si mesmo, de acordo com a frase de Goethe: «De que nos serve, afinal, a pedra filosofal, se à pedra falta o filósofo!» Produto secundário neste longo caminho é a arte de preparar medicamentos espagíricos. A alquimia é, portanto, o caminho que conduz ao terceiro grande objetivo: o domínio da matéria pelo espírito.

Existe no nosso tempo a alquimia e alquimistas exatamente da mesma forma que era o caso na Idade Média; a alquimia não é um episódio histórico, mas sim, como antes, um caminho que o indivíduo pode percorrer se para isso se sentir maduro. Para ela realizou-se no verão de 1973, em Estugarda, o 2.º Congresso Alquímico Internacional, um acontecimento que não colocou apenas a imprensa em deslumbrado respeito...

A Religião

«Na religião acredita-se, na metafísica sabe-se, na filosofia hermética compreende-se por que razão a sabedoria é o essencial para a verdadeira paz.» — Frater Albertus

Tenho evitado com esmero, até agora, um tema — a saber, a religião. Infelizmente, já a palavra religião está carregada de preconceitos tão múltiplos que a probabilidade de ser mal-entendido neste tema é muito alta. No momento, porém, em que designo as disciplinas esotéricas como um caminho que conduz à perfeição do ser humano, tange o território mais próprio de todas as religiões e tenho de falar sobre elas.

Se se seguir o caminho descrito, depara-se, queira-se ou não, com problemas religiosos. Mas o que acontece então é surpreendente: reconhece-se de repente o sentido de ensinamentos religiosos e compreende-se a sua mensagem através do conhecimento dos símbolos. Esta experiência é difícil de descrever; é eventualmente comparável às conhecidas imagens de duplo sentido, nas quais, com uma observação mais longa, a imagem se inverte e a figura e o fundo trocam de função.

Continua-se a ver a mesma imagem e, no entanto, ela representa de repente algo inteiramente diferente. É mais ou menos assim que se processa esta experiência de descoberta; de repente reconhece-se que os dogmas das religiões são símbolos para uma realidade absoluta. A última verdade não se deixa formular em palavras, visto que é originalmente de natureza inconsciente e, por isso, irracional, mas deixa-se apreender meramente através da imagem, através do símbolo. Esse desvio através do símbolo não é, contudo, propriamente inexato e difuso, mas sim substancialmente mais exato do que a linguagem.

Em geral, tenta-se compreender a mensagem das religiões no nível da realidade, uma tentativa que conduz ou à fé incondicional ou à recusa crítica. No caminho do esoterismo, porém, aprende-se a conhecer as leis da realidade através da aplicação e compreendem-se a partir deste saber, subitamente, também as mensagens simbólicas das religiões. Apenas neste ponto a religião se torna responsável, dado que o acreditar é substituído pelo compreender. Através deste compreender, todas as religiões se tornam de repente igualmente verdadeiras, porque todas as religiões refletem a mesma realidade, meramente através de outros símbolos.

O facto de as Igrejas se acusarem mutuamente de falsidade mostra com toda a clareza que os representantes das Igrejas há muito

tempo que já não compreendem aquilo que ensinam. Aos teólogos falta, sem dúvida, há muito tempo a retroação à realidade, caso contrário não poderia haver coisas muito determinadas como, por exemplo, o último concílio ou a corrente moderna do cristianismo ateu. Já o processo da Reforma mostra claramente que a Igreja já não tem ligação à sua raiz. Estou seguro de que continua a haver teólogos individuais que não apenas acreditam, mas também sabem, contudo a cifra destes iniciados deverá ser insignificantemente pequena.

Cada religião era originalmente um sistema esotérico e, em última análise, também o é ainda hoje. Que a massa se tenha apropriado da forma externa destes sistemas e a tenha preenchido com o seu espírito ou, melhor, un espírito, é comparável à astrologia e à sua degeneração nos horóscopos de jornais e de feiras. Nunca se deveria imputar ao próprio sistema aquilo que os seres humanos fazem de uma coisa. Sem dúvida que cada religião é fundamentalmente adequada para ser igualmente utilizada como meio auxiliar para trilhar o caminho do conhecimento.

Tenho, contudo, a impressão de que para a maioria das pessoas é inicialmente mais fácil utilizar os outros sistemas para aprenderem, antes de mais, a compreender a religião. Após uma certa secção do caminho realiza-se automaticamente a síntese, a qual revela então também as fórmulas religiosas até aí apenas mal compreendidas, subitamente, como uma chave esotérica. Assim se aplica também na religião a lei: não acreditar, mas reconhecer por si próprio!

Deus, como o símbolo para o ilimitado, nunca pode ser diretamente conhecido e compreendido por um ser humano, que é um ser limitado. Mas Deus criou o mundo a partir de si próprio; o ilimitado gerou o limitado. Como ele criou um mundo polar, podemos conhecê-lo através da polaridade dos fenómenos. O nosso mundo e todos os outros mundos são constituídos por espírito que se manifesta nos diferentes estados físicos da condensação.

A matéria é espírito condensado. Não existe separação entre espírito e matéria. Ambos são meramente formas de estado diferentes, a unidade revela-se sempre de modo polar. Por isso, o ser humano é, em última análise, um ser espiritual. Por isso, o domínio do espírito sobre a matéria é possível. Mas o espírito é infinito, é indestrutível. Espírito é vida. Objetivo e determinação do ser humano é a sua própria evolução. O desenvolvimento mais alto espiritual a ninguém é poupado.

Quando ele começa o caminho é meramente uma questão de tempo. Quem quer ajudar o mundo, comece com a sua própria sublimação. Pois cegos não podem guiar nenhum cego. O conhecedor, porém, apenas pode ajudar de novo àquele a quem se quer ajudar. Caminhar pelo caminho cada um o tem de fazer por si próprio.

Conclusão

«Com pessoas para quem o seu próprio eu é um fardo, não se deveria falar sobre a imortalidade.» — Eugen Gürster

Este livro não foi escrito para converter a humanidade. Conduzi inumeráveis conversas e discussões sobre o tema do livro e conheço, por isso, as diferentes reações e argumentos. Podem-se dividir os seres humanos de forma rude em dois grupos: um grupo é composto por ouvintes recetivos que compreendem bastante depressa o que se pretende e aquilo de que na verdade se trata. São decerto as pessoas que, pelo menos inconscientemente, já se encontravam à procura de qualquer modo e que aceitam agora a proposta de verificarem por si próprias as afirmações.

O segundo grupo é composto por seres humanos que mostram uma reação de defesa invulgarmente forte logo ao mais leve contacto com este tema. Estes seres humanos afirmam, na verdade, com especial intensidade, estarem especialmente isentos de preconceitos e abertos a cada argumento «sensato», mas precisamente cada argumento «sensato» e cada prova aumentam o medo inconsciente de forma tão imensa que qualquer outra discussão deste tema é totalmente insensata.

O segundo grupo nunca se poderá convencer com nada, pelo que o melhor é também abster-se disso desde o início. Os mecanismos de defesa inconscientes têm, afinal, o seu sentido; não seria de modo nenhum responsável arrancar violentamente a tais pessoas a mentira em que assenta a sua vida. Dever-se-ia saber esperar até que um ser humano esteja maduro para aceitar este pensamento para si próprio.

Este livro foi escrito para aqueles que se encontram à procura. Infelizmente, este livro não lhes pode transmitir nenhum conhecimento novo, mas sim ser, na melhor das hipóteses, um indicador do caminho. Pelo caminho cada um tem de caminhar por si próprio.

Numa época em que o nivelamento do saber e a estupidez celebram os seus triunfos, não se deveria deixar de colocar uma proposta no mundo. Depois disso, já ninguém pode apresentar a

desculpa de não ter sabido nada sobre o assunto. Quem o conhece tem de se decidir. Se se decide de forma correta ou falsa, tem de responder por isso totalmente sozinho.

Indicações Bibliográficas

Este índice bibliográfico é pensado em primeira linha para o leitor que pretende dar seguimento aos estímulos deste livro e procura literatura complementar. Esta procura deve ser facilitada através da estruturação por áreas e por comentários breves. Títulos que se adequem especialmente à introdução numa determinada área estão assinalados por um.